Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Sábado, 8 de Junho de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.455 • Diário • Ed. Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • **2€**

Reportagem
O que pode Portugal aprender com o futuro solar da Andaluzia

Ciência e Ambiente, 40 a 42

Euro 2024
Já cheira a festa na Alemanha unida pelo futebol

Fugas

DANIEL ROCHA

Público

Educação
Os exames estão a mudar, mas o digital ainda assusta

Guia essencial na semana em que os exames começam

Destaque, 4 a 7 e Editorial

Universidades esgotam milhões para apoios à saúde mental dos estudantes

As universidades e institutos politécnicos esgotaram os 12 milhões de euros disponíveis em candidaturas ao Programa para a Promoção da Saúde Mental no Ensino Superior, que visa criar respostas adequadas às necessidades da comunidade académica em matéria de saúde mental e bem-estar. Foi aprovado um total de 40 candidaturas, que o Ministério da Educação começará a financiar em breve. Além deste programa, os estudantes terão acesso a 100 mil consultas de psicologia gratuitas a partir de Setembro Sociedade, 20

Ucrânia
França "não está em guerra", mas não afasta envio de militares

Mundo, 24/25

Ensino superior
Nova projecta *campus* para área protegida de Algés

Local, 22/23

Opinião
Porque ajustámos as taxas de juro

Christine Lagarde e o futuro da política monetária do BCE Espaço Público, 14

Correia de Campos
"SNS em risco de ser destruído" com novo plano do Governo

Sociedade, 18/19

ISNN-0872-1548

SEMANA SIM

Claudia Sheinbaum Num país com grande desigualdade de género, a candidata de esquerda foi eleita Presidente do México, a primeira mulher no cargo. Um feito reforçado com um triunfo avassalador que lhe dá poder quase absoluto.

Vítor Bruno Foi o segredo mais mal guardado da semana e confirmou-se: Vítor Bruno é o sucessor de Sérgio Conceição no FC Porto, fechando a longa ligação entre os dois. O FC Porto encontrou a solução na prata da casa.

António Guterres O secretário-geral da ONU continua activo sobre as questões climáticas. Face a novo relatório preocupante, foi claro: "Estamos a jogar à roleta-russa com o nosso planeta." Era bom o mundo fazer algo sobre o assunto

SEMANA NÃO

Narendra Modi As eleições na Índia foram um balde de água fria para Modi e para o BJP, o partido do primeiro-ministro. Ganhou as eleições, mas ficou longe da vitória que se previa, ao ponto de perder a maioria parlamentar.

Manuel Pinho O ex-ministro da Economia foi condenado a 10 anos de prisão efectiva no caso EDP. É a primeira vez que um antigo ministro é condenado por corrupção no âmbito do exercício das funções governativas.

Joe Biden A aprovação de medidas para limitar a entrada de requerentes de asilo nos EUA é uma desilusão. O decreto de Biden é semelhante a outro de Trump. Nunca um líder democrata foi tão longe.

Por José J. Mateus

INQUÉRITO PÚBLICO

DR

> **Graças às redes sociais, a adolescência tem tido uma manifestação cada vez mais precoce**

"Não há vantagens em dar acesso às redes sociais a jovens de 16 anos"

Sofia Neves

Rosário Carmona e Costa

Psicóloga defende que tempo nas redes sociais deve ser sempre monitorizado pelos pais

Espanha aumentou a idade para criar conta nas redes sociais para os 16 anos. Acredita que Portugal deveria tomar uma decisão semelhante ou implementar medidas mais restritivas?

Não há nenhuma vantagem em dar acesso às redes sociais a jovens de 16 anos, em plena puberdade, e há muitos riscos associados. Não tenho qualquer dúvida de que as entidades de saúde, nomeadamente as representadas pelo Governo, deveriam dedicar-se a ouvir os especialistas, consultar os estudos que têm vindo a ser feitos e a olhar para as tarefas do desenvolvimento em cada fase de vida para conseguirem cruzar tudo o que já se sabe sobre o impacto da utilização das novas tecnologias e das redes sociais.

No entanto, acho que será sempre insuficiente um Governo que só imponha e não acredito que caiba lhe em exclusivo implementar medidas. Temos de repensar as regras, sem dúvida, mas atribuir isto exclusivamente a um Governo preocupa-me porque deixamos toda uma parte de sensibilização e de educação de lado, que serão fundamentais para que estas medidas depois possam vir a ser cumpridas.

Acha que há uma idade indicada para um jovem começar a ter telemóvel e aceder à Internet? Proibir o acesso às redes sociais é solução?

Graças às redes sociais, a adolescência tem tido uma manifestação cada vez mais precoce e é um período que traz um conjunto de tarefas do desenvolvimento que são já de si muito desafiantes. Se pensarmos nas três principais tarefas do desenvolvimento da adolescência, que são a construção da identidade, integração no grupo de pares e o afastamento do núcleo familiar, estas poderão ficar bastante comprometidas se adicionarmos a esta mistura uma utilização excessiva, desadequada e pouco monitorizada da Internet e das redes sociais.

A adolescência é uma altura muito sensível no desenvolvimento socioemocional, em que, do ponto de vista neuroquímico, também há um conjunto de mudanças a acontecer que nos podem colocar em risco e a utilização independente e infinita das novas tecnologias é uma coisa com a qual o cérebro adolescente ainda não está preparado para gerir. Temos de garantir que os jovens adquirem todas estas competências à medida que vão fazendo uma utilização mediada pelo adulto sem retirar por completo o acesso à tecnologia.

Concorda com a proibição da utilização dos telemóvel nas escolas?

Faz-me sentido que o jovem possa ter o seu próprio telefone para começar a ensaiar movimentos de autonomia e que esta utilização seja mediada pelos pais, mas não concordo que o jovem tenha acesso ao seu próprio telemóvel em contexto escolar. A escola é um contexto de socialização por excelência e há tarefas importantes que devem acontecer nesta fase de desenvolvimento. A utilização das redes sociais está a impactar a expressão das competências socioemocionais dos jovens. Uma proibição por si só nunca vai ser solução, tudo vai passar sempre pela educação e pela psicoeducação. Há contextos em que também não é permitido a adultos utilizar telemóveis, como o teatro ou o cinema ou num avião. Ninguém nos vai dizer que não pode usar o seu telefone, mas são sítios que têm regras.

Por outro lado, sabemos que há professores que recorrem a meios tecnológicos e que conseguem cativar a atenção dos alunos de forma diferente e motivá-los para a aprendizagem, por isso acho que a tecnologia em sala de aula faz sentido. O que não faz sentido é a utilização dos telemóveis pessoais.

Como é que os pais podem fazer esta gestão e explicar todas estas questões aos filhos?

Parece que há uma certa demissão da intermissão dos pais nesta área de vida porque sentem que os filhos sabem mais do que eles, que são mais hábeis na gestão das redes sociais. O desafio que deixo sempre aos pais é que olhem para estas questões como outra qualquer do exercício da sua parentalidade, como as saídas à noite, drogas, álcool ou dormidas fora de casa. Costumo dizer que não se demitam da introdução de regras que consideram que protege o desenvolvimento dos seus filhos. Da mesma maneira que já temos fotografias do que o tabaco faz aos pulmões também já começamos a conhecer os efeitos que as novas tecnologias, as redes sociais, a Internet e os videojogos têm no desenvolvimento dos jovens.

Há liberdade de expressão a mais?

Grande angular

António Barreto

É tão curioso que, após 50 anos de liberdade, se discuta novamente e com acidez a questão da liberdade de expressão! Tudo parece ter começado com os limites à liberdade de expressão que, segundo alguns, o Parlamento deveria tolerar aos seus deputados. Mas a questão vem de trás e é velha. E talvez eterna. Nos últimos meses e anos, foram vários os momentos em que o problema se levantou. Umas vezes, por causa dos segredos de Estado. Outras, pela inconveniência das instituições. Outras ainda porque não se deve "dizer mal" de alguém. Ainda há as coisas que não se devem dizer porque "fica mal". Ou porque envolvem preconceito. Ou porque traduzem opiniões mal vistas por certos grupos da sociedade. Sem falar nos segredos de empresas, de marcas e de contratos. A todos estes casos, a resposta adequada é não! Nada justifica a repressão da liberdade de expressão.

Os "limites à liberdade de expressão" não são limites à liberdade de expressão. O que alguns designam por "limites" deveriam ser castigos ou punições por calúnia, mentira, obstáculo à justiça, difamação ou erro intencional. Nada disso deveria ser punido por excesso de liberdade de expressão, mas sim pelos méritos ou deméritos próprios. Caluniar e ofender outrem, afirmar falsidades sobre alguém, errar propositadamente para prejudicar alguém, enganar outras pessoas, ludibriar a justiça e quaisquer actos semelhantes devem ser punidos pela legislação sobre direitos humanos, sobre o dever de respeito pela verdade, sobre a calúnia e a difamação e sobre os danos causados a outrem, não por uso da liberdade. Desvendar factos da vida pessoal e privada de alguém não é abuso da liberdade de expressão, é, isso sim, atentado ao bom nome e à reserva da vida pessoal. Mesmo a calúnia, um dos casos mais difíceis de avaliar, deve ser punida por prejudicar alguém, não por uso da liberdade de expressão.

A liberdade de expressão é um bem, uma virtude, um direito, uma qualidade que só poderá ser reprimida por um bem, uma virtude, um direito ou uma qualidade de valor superior. Não se vê o que este poderia ser. A pátria? A família? O poder? As empresas, os partidos, os clubes desportivos? Não vejo quem represente valores superiores aos da liberdade.

Além desse facto simples, outro elemento contribui para o estatuto especial da liberdade de expressão. Esta também é instrumental, isto é, condição das outras liberdades, meio de luta por outros direitos. Sem liberdade de expressão, não é possível obter e lutar pelos direitos e liberdades dos cidadãos. É a liberdade de expressão o mais forte instrumento de luta e de respeito pela democracia.

Recentemente, a liberdade de expressão tem vindo a ser invocada a propósito de preconceitos. Como é evidente, os preconceitos e as aleivosias ficam com os seus responsáveis. As generalizações preconceituosas são defeitos de inteligência entre os piores que se conhecem. Os judeus isto, os negros aquilo, os muçulmanos aqueloutro. Ou os brancos, já agora. Para não falar dos turcos, dos americanos, dos chineses e dos ciganos. Além destes grupos nacionais ou étnicos, há ainda os homossexuais, as mulheres, os burgueses, os comunistas, os fascistas, os alentejanos e os galegos. Não faltam grupos sobre os quais não haja regularmente generalizações estúpidas, preconceitos vis e vociferações imbecis. Temos de viver com isso, se queremos viver com a liberdade de expressão. Ninguém precisa de licença para insultar, nem sequer para defender a virtude. E ninguém tem autorização para limitar a liberdade de expressão de outros. Nem sequer para defender o bem.

A admitir limites, o grande problema consiste em determinar as permissões e as proibições. Quais são as generalizações admitidas e as condenadas. Brancos? Pretos? Amarelos? Ou então burgueses, fascistas, nazis ou comunistas? Em segundo lugar, ainda mais difícil, quem define os limites? Políticos? Polícias? Igrejas? Professores? Sindicatos? Juízes? Jornalistas? Terceiro, onde se estabelecem as regras? No Parlamento? No Governo? Na Presidência? No partido? Nos jornais? Na loja? Na igreja?

As respostas a estas perguntas são, em geral, as mais vagas que se pode imaginar. Diz-se que a definição pertence ao bom senso e à sensatez. Aos costumes e à moral. À opinião pública e outras vacuidades. A verdade parece ser mais simples e mais difícil. Não há limites para a liberdade de expressão. Quem usa a liberdade de expressão para fazer mal, mentir, caluniar e prejudicar deve ser julgado, contrariado e condenado por isso mesmo, pelo mal que faz, pela mentira, pela calúnia e pelo prejuízo, não pelo "abuso" da liberdade de expressão. Se eu der voz a preconceitos e generalizações, devo ficar com as consequências, mas não se vê quem possa definir as generalizações aceitáveis e as condenáveis. Se alguém disser "não gosto de ciganos", "não gosto de capitalistas", "os monopolistas devem ser banidos", "os trabalhadores são preguiçosos" ... que fazer? Mandar prender? Processar em tribunal? Quem se queixa? E se alguém se referir negativamente aos israelitas ou aos palestinos? Além de se proibir dizer "mal", também se deve proibir dizer "bem"? Há limites? Fronteiras? Quem as define? Quem traça os critérios?

Quando se fala em liberdade de expressão, termos e conceitos muito em voga são os que consistem em generalização social, biológica, racial e étnica. Como definir os limites e as fronteiras? O que é ou não é aceitável? "Os americanos (ou chineses, ou russos...) querem mandar no mundo"! Permitido? Os "alemães ocuparam a Europa", ou "os russos invadiram a Ucrânia". Pode dizer-se? Os "israelitas massacraram palestinos" ou os "palestinos assassinaram judeus"? Pode afirmar-se? Os "vietnamitas derrotaram os americanos". Pode dizer-se? Os "americanos (ou russos, ou chineses...) são imperialistas". Pode declarar-se?

Quem contesta expressões do género: as tradições imperialistas dos ingleses, colonialistas dos portugueses, despóticas dos russos, autoritárias dos chineses, conquistadoras dos árabes, fanáticas dos islamistas e opressoras dos católicos, entre tantas outras? É tão ridículo condenar estas expressões, como considerá-las verdadeiras. Os portugueses conquistaram, colonizaram, escravizaram, dominaram e exploraram milhões de indígenas de África, das Américas e da Ásia. Pode dizer-se? Mas também o fizeram, com a mesma ou maior intensidade, entre outros, os ingleses, os chineses, os árabes e os russos. O que se pode ou deve dizer?

Há muita gente que gostaria de estabelecer, para os outros, cânones e códigos de conduta. Há demasiada gente que tem uma concepção parcial da liberdade de expressão. Quem sabe se também de outras liberdades e outros direitos.

Sociólogo

> **A liberdade de expressão é um bem, um direito, uma qualidade que só poderá ser reprimida por um bem, um direito ou uma qualidade de valor superior. Não se vê o que este poderia ser**

IMPORTA-SE DE REPETIR?

Tenho a certeza absoluta de que depois dos recursos chegarão à conclusão de que não cometi nenhum crime

Manuel Pinho
Após ser condenado a dez anos de prisão efectiva no caso EDP

Não tenho de estar surpreendido. [...] Respeito o que a justiça for fazendo

Marcelo Rebelo de Sousa
Sobre o facto de o MP não ter encontrado indícios de crime contra o Presidente da República no caso das gémeas

Passei uma semana muito difícil, de sofrimento e grande angústia. [...] Fiz o que tinha de fazer

Vítor Bruno
Novo treinador do FC Porto

Eu sou a rainha de Inglaterra. Eu não posso nem nomear, nem exonerar

Ana Paula Martins
Ministra da Saúde

Exames pedem que se decore menos. Será compatível com o digital?

Governo adiou provas digitais no 9.º ano previstas para este ano, mas esse caminho é "uma inevitabilidade", diz especialista. Novo modelo de provas abrange pela primeira vez alunos do 11.º ano

Samuel Silva

"Há questões que já adivinhamos que vão sair", comenta Fátima Delgado, professora de Matemática no ensino básico. Milhares de alunos do 9.º ano, como aqueles a quem dá aulas, inauguram, na próxima quarta-feira, a temporada de provas de avaliação 2023/24. No enunciado que chegará às mãos deles estarão "quase de certeza" uma equação do segundo grau para resolver ou um exercício de funções. Mas, apesar dessa previsibilidade, os exames nacionais têm vindo a mudar.

Fátima Delgado, que é também investigadora no Centro de Investigação e Intervenção Educativas, ligado à Universidade do Porto, reconhece que "há um maior foco na capacidade de interpretação dos alunos". Na Matemática, essa opção é notória pela existência de "enunciados mais longos", que implicam "relacionar matérias" e convocam diferentes fontes de informação para um mesmo problema.

"Nos últimos anos", o Instituto de Avaliação Educativa (Iave), organismo público responsável pela elaboração das provas, "foi introduzindo mais questões que implicam o relacionamento de conceitos e matérias", reconhece igualmente João Lopes, professor da Escola de Psicologia da Universidade do Minho.

Nenhuma dessas mudanças foi abrupta – "muitas vezes as pessoas nem se apercebem" –, mas há quase uma década que vêm sendo "constantemente introduzidas" mudanças nos exames, explicava ao PÚBLICO, há dois anos, o presidente do Iave, Luís Pereira dos Santos.

Entre as alterações incluem-se a redução do número de itens dicotómicos (verdadeiro ou falso) ou a introdução de questões de escolha múltipla que permitem uma classificação por níveis de desempenho. A intenção – em linha com as alterações curriculares introduzidas pelos governos do PS – foi colocar questões ligadas à avaliação de competências, reduzindo a avaliação do "conhecimento declarativo", que confia sobretudo na capacidade de memorização dos alunos.

No entanto, este caminho parece entrar em contradição com outra aposta política dos últimos anos: a transição digital nas escolas, que, entre outras medidas, implica a realização das provas nacionais em dispositivos informáticos.

O Governo decidiu adiar a digitalização das provas do 9.º ano, que estavam previstas para este ano. Foi a primeira medida tomada pelo Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI). Em Janeiro, o anterior ministro tinha tomado uma decisão semelhante em relação às provas do ensino secundário.

Compatível?

Entre as principais preocupações manifestadas por directores, professores e famílias estavam as dificuldades de ligação à Internet nas escolas e a ausência de um número de computadores suficiente para a realização das provas.

Mas, apesar da travagem imposta este ano, o caminho para a realização de exames nacionais é "uma inevitabilidade", reconhece João Lopes, da Universidade do Minho, mesmo que seja crítico da opção.

Uma avaliação mais centrada em competências "não é compatível" com exames digitais, defende o investigador – que pertenceu ao conselho consultivo do Iave até 2018.

"Com provas digitalizadas, um raciocínio mais profundo fica mais distante." Explica o professor da Universidade do Minho: "Quanto mais escrevemos, mais estamos a fazer uma produção que implica relacionar ideias e conceitos. Se for apenas necessário escolher entre a, b, c e d, parte do trabalho necessário já está diante dos meus olhos."

"Não me parece que seja esse o caminho que o Iave quer seguir", contraria Fátima Delgado. "Se a ideia fosse avançar apenas para respostas de escolha múltipla ou resposta directa, já se tinha avançado com esse tipo de provas."

O PÚBLICO questionou o Iave, que remeteu para as declarações feitas pelo seu presidente há dois anos a este jornal. Para fazer a transição de formato "não basta passar as provas que estão em papel para o digital", reconhecia então Luís Pereira dos Santos. "Há mesmo necessidade de fazer algumas alterações na forma como construímos as provas."

Se, por um lado, há questões que podem ser colocadas em suporte digital que não teriam cabimento num exame em papel, também nem tudo o que se pode pedir aos alunos em suporte de papel é passível de ser transferido para a versão informática, explicava também.

25%

O peso dos exames nacionais na nota final de cada disciplina diminuiu de 30% para 25%

Novas regras no 11.º ano

Os exames do 9.º ano e os do ensino secundário - que começam na sexta-feira - vão ser feitos em papel. Mas esta temporada de exames traz novidades. Os alunos do 11.º ano inauguram um novo modelo de provas nacionais do ensino secundário, que continuam a cumprir a dupla função de conclusão da escolaridade obrigatória e acesso ao ensino superior. Foi a principal reforma feita pelo último Governo.

O novo Programa do Governo prevê apenas mudanças nas provas de aferição – passam para os finais de ciclo, no 4.º e 6.º anos, em lugar de ocorrerem no 2.º e 5.º, como até aqui – que serão de "aplicação universal e obrigatória". Também se compromete a "publicar os resulta-

DANIEL ROCHA

Exames nacionais arrancam na quarta-feira

dos das provas de aferição em tempo útil", permitindo identificar "fragilidades no sistema educativo".

O documento é omisso em relação aos exames do 9.º ano e do ensino secundário. Contactado pelo PÚBLICO, o MECI remete precisamente para o conteúdo do Programa do Governo, mas não fecha por completo as portas a outras mudanças. "Podemos ainda adiantar que as alterações no âmbito da avaliação externa do próximo ano lectivo serão comunicadas oportunamente", escreve o gabinete de Fernando Alexandre na resposta enviada.

Nos próximos meses, o novo Governo terá de enviar uma carta de solicitação ao Iave, dando início à preparação das provas de avaliação externa do próximo ano. É um formalismo que é repetido todos os anos, mas que dá alguma margem a cada ministro para deixar o seu cunho nos exames nacionais. Foi nesse contexto que, por exemplo, em 2021, a tutela deu indicações para que fossem mantidos os grupos de questões obrigatórias e opcionais, introduzidos um ano antes como resposta de emergência para mitigar os impactos da covid-19 nas aprendizagens dos alunos.

O modelo de exames nacionais no ensino secundário foi lançado em 1998, depois de praticamente uma década de propostas repetidamente contestadas e abandonadas: Prova Geral de Acesso, provas de aferição, provas globais e até um modelo misto que previa a participação das instituições de ensino superior no processo de avaliação dos estudantes.

Depois disso, o sistema estabilizou – com pequenas alterações, a mais importante a introdução de uma nota mínima de 9,5 valores, em 2003. Mesmo as mudanças introduzidas no ano passado – que afectam este ano, pela primeira vez, os estudantes que fazem as provas do 11.º ano - foram conservadoras. Foi alterado o número de exames (são obrigatórios três, sendo um deles Português) e o seu peso (diminui de 30% para 25% o seu impacto na nota final de cada disciplina), mantendo-se, no essencial, o modelo instituído há mais de um quarto de século.

A solução está longe de ser consensual. Menos de um ano depois da discussão pública que resultou na concretização do modelo que este ano entra em vigor, o Conselho Nacional da Educação veio dizer, numa recomendação, que se deve "estabelecer progressivamente a separação entre o ensino secundário e o ensino superior, através da redução do peso dos exames nacionais no processo de selecção e seriação dos candidatos", o que permitirá "aliviar a pressão do sistema de acesso ao ensino superior sobre o funcionamento do ensino secundário".

Não é a primeira vez que o órgão consultivo da Assembleia da República para a Educação faz uma chamada de atenção deste tipo. Já o tinha feito, por exemplo, em 2017 e em 2020. Nessa altura, chegou a sugerir que a responsabilidade pela selecção dos estudantes passasse para as instituições de ensino superior.

A discussão não é nova, nem é exclusivamente nacional. Mas o facto é que os exames nacionais no final do ensino secundário são regra em quase todos os sistemas educativos. "Em praticamente todo o lado a seriação dos alunos é feita através de provas de conhecimento", sublinha João Lopes, professor da Universidade do Minho.

As provas são uma espécie de "mal menor", reconhece. "Não devemos tentar contrariar estes problemas introduzindo a máxima arbitrariedade como a avaliação de outras dimensões, como atitudes." As provas que avaliam conhecimentos, como os exames nacionais, "são até hoje as mais 'justas' que se conhecem".

As aspas na palavra "justas" são colocadas pelo próprio especialista, que faz a ressalva que são sempre "os alunos com melhores condições socioeconómicas que têm os melhores resultados".

> **Quanto mais escrevemos, mais estamos a fazer uma produção que implica relacionar ideias e conceitos**
>
> **João Lopes**
> Professor da Universidade do Minho

O que muda este ano na realização dos exames nacionais do secundário?

Os exames nacionais do ensino secundário arrancam no dia 14 de Junho, com as provas de Português. Apesar de o novo regime destas provas só se aplicar a todos os alunos no próximo ano lectivo, haverá já este ano algumas mudanças.

O que muda este ano nos exames nacionais?
Para os alunos que estão no 12.º ano, nada vai mudar face às regras dos últimos quatro anos. Ou seja, os estudantes vão fazer apenas exames às provas de que necessitam para ingresso no ensino superior. No entanto, para os alunos do 11.º haverá mudanças, já que passam a ter de realizar três exames para concluir o secundário: Português no 12.º ano, que passa a ser obrigatório para todos os alunos dos quatro cursos científico-humanísticos (Ciências, Economia, Humanidades e Artes Visuais), e mais dois exames à sua escolha.

Isso quer dizer que é possível só fazer exames no 12.º ano?
Não. De acordo com o Guia Geral de Exames de 2024, os alunos do 11.º ano já terão de realizar, para efeitos de aprovação e classificação final da disciplina, pelo menos um exame a uma das disciplinas bienais da formação específica ou a Filosofia.

Pode-se ir a exame com negativa à disciplina?
Não. Para irem a exame, os alunos devem ter, pelo menos, dez valores de nota interna final (resultante da média de dois ou três anos em que frequentaram aquela disciplina), não podendo no ano terminal de cada disciplina a nota ser inferior a oito valores. Caso não o consigam, podem inscrever-se no exame como alunos autopropostos. Nesse caso, a classificação do exame será a nota final da disciplina.

Quanto valem os exames na nota final da disciplina?
Os exames realizados este ano pelos alunos do 11.º ano ainda irão contar 30% para a nota final da disciplina. Por exemplo, um aluno que tenha nota interna de 18 valores a uma disciplina e obtenha 15 no exame terá uma nota final de 17 valores. No entanto, com o novo modelo de exames, o peso destas provas vai baixar: vão passar a valer apenas 25% da nota final da disciplina.

No próximo ano, para os alunos do 12.º que realizem exames, estas provas ainda contarão 30% na nota final da disciplina. No caso dos do 11.º ano já contará 25%.

Como se calcula a média final do secundário?
A média final para os cursos científico-humanísticos é o somatório de todas as notas (já incluindo os resultados dos exames), a dividir pelo número de disciplinas, com excepção da disciplina de Educação Moral e Religiosa. É uma média simples, mas isso é algo que também vai mudar a partir do próximo ano. Para os alunos que entraram, neste ano lectivo, para o 10.º ano, o cálculo da média final do ensino secundário já é diferente. O peso de cada disciplina para a média final do aluno vai variar de acordo com a sua duração. Ou seja, uma disciplina que os alunos tenham ao longo dos três anos do secundário, como são os casos de Português ou Matemática, terá uma ponderação maior nessa média do que uma anual ou bianual. No caso dos cursos profissionais, a fórmula de cálculo da média é diferente.

E como se calcula a média do acesso ao superior?
A média para entrar no ensino superior é calculada tendo em conta a classificação final do secundário e as notas dos exames que são as provas de ingresso definidas pela universidade ou politécnico para o curso a que o aluno se está a candidatar. Nestas provas, os alunos têm de ter, no mínimo, 95 pontos, na escala de 0 a 200. A classificação final do ensino secundário vale, no mínimo, 50% dessa nota. Já as provas de ingresso podem valer entre 35% e 50%. Nos cursos que exigem pré-requisitos, estes valem até 15% da nota de acesso. No próximo ano também haverá alterações nestes valores: os exames vão ter um peso mínimo de 45% para a média de ingresso e a média do ensino secundário valerá, no mínimo, 40%.

É possível pedir a revisão do exame? Tem custos?
Sim, é possível. Os alunos podem requerer a consulta do exame e pedir depois a sua reapreciação. Custa 25 euros.

A nota pode baixar?
Pode, mas não ao ponto de o aluno reprovar. **Cristiana Faria Moreira**

Breve guia para os exames
CALENDÁRIO
Guardar
9.º ano 11.º ano 12.º ano
Dias de exame
1.ª fase
Junho
Matemática 12
PLNM* Português Port. Líng. Seg. PLNM* Italiano Mandarim 14
Português Port. Líng. Seg. Geografia A H. Cultura das Artes 17
Bio. e Geo. Francês 18
Hist. A Espanhol 19
Economia A Alemão 20
Física e Quím. A Lit. Portuguesa 21
Filosofia 25
Mat. A Mat.B MACS** Latim A 26
Desenho A Inglês 27
Geom. Descritiva A Hist. B 28
Julho
Result. 1.ª fase 9.ºano 8
Result. 1.ª fase secund. 15
1.ª fase do concurso nacional de acesso ao ensino superior 22
2.ª fase
Julho
Matemática 17
Física e Quím. A Lit. Portuguesa Economia A Latim A 18
Português Port. Líng. Seg. PLNM* Português Port. Líng. Seg. PLNM* Geografia A Hist. da Cultura e das Artes 19
Mat. A Mat. B MACS** Filosofia 22
Hist. A Desenho A G. Descritiva A História B Biologia e Geo. 23
Inglês Alemão Espanhol Francês Italiano Mandarim 24
Agosto
Result. 2.ª fase secund. 5
Resultados da 1ª fase do concurso nacional 25
2.ª fase do concurso nacional de acesso ao ensino superior 26
REGRAS DOS EXAMES NACIONAIS
Cartão de cidadão, bilhete de identidade ou outro documento de identificação que o substitua
Esferográfica azul ou preta e lápis (em algumas provas)
Calculadora só é permitida nas provas de Física e Química A (gráficas em modo de exame), Economia (só científicas) e Matemática (gráficas). Estes aparelhos devem ser silenciosos e não necessitar de alimentação exterior localizada. Também não podem ter capacidade de comunicação à distância, fitas, rolos de papel ou outro meio de impressão
Dicionário (em algumas provas)
NÃO ESQUECER
Os alunos devem apresentar-se na escola, junto à sala ou local da prova, 30 minutos antes da hora marcada para o seu início.
As mochilas, carteiras e estojos são recolhidos e depositados junto dos professores-vigilantes. Os alunos podem ter uma garrafa de água na secretária.
Os alunos terão de assinar um documento a garantir que não têm consigo nenhum dos objectos proibidos.
Os exames do secundário têm a duração de 120 min. (+ 30 min. de tolerância). O de Matemática tem 150 min. (+ 30 min. de tolerância). No básico, as provas de Português e Matemática têm ambas a duração das provas é de 90 min. (+30 de tolerância)
PROIBIDO
Suportes escritos
O uso de tinta correctora
Computadores, telemóveis, smartphones, tablets
Aparelhos de vídeo ou áudio
Relógios com sistemas de comunicação remota
Compreendi!
14%
09:11
Quem vai a exame?
Os dados fornecidos pelo Ministério da Educação permitem fazer um breve perfil dos alunos que este ano prestam provas no ensino secundário
Inscritos nos exames do secundário
69.281 44% Masculino
87.386 56% Feminino
Alunos do secundário que prestam provas e pretendem candidatar-se ao ensino superior...
89.106
87.765
90.141
89.715
62.000
2015 2018 2021 2024
... e em 2024
Sim, candidato-me
Não me candidato
89.715 57%
66.952 43%
Exames mais concorridos
Apenas para a 1.ª fase
Português 44.421
Biologia e Geologia 43.281
Física e Química A 40.290
Matemática A 38.732
Geografia A 17.809
Filosofia 17.664
Economia A 14.943
Inglês 13.872
Mat. Aplic. às Ciên. Soc. 12.598
História A 9659
Geometria Descritiva A 9487
Hist. da Cult. e das Artes 7206
Matemática B 6309
Desenho A 5544
*Português Língua Não Materna, **Matemática Aplicada às Ciências Sociais
Fonte: Júri Nacional de Exames e Ministério da Educação, Ciência e Inovação
Infografia: Gabriela Pedro | PÚBLICO

JOÃO CORDEIRO

A importância da alimentação

Dicas para comer bem e ter óptimos resultados nos exames nacionais

Inês Duarte de Freitas

Devem evitar-se refeições pesadas e privilegiar *snacks* saudáveis, como iogurtes, frutos secos ou tremoços, aconselham peritos

As semanas que antecedem os exames nacionais são como a preparação para uma competição, comparam os especialistas em nutrição. É preciso comer bem, dormir bem e até praticar exercício físico. Apesar de não existirem milagres, alguns alimentos, como os que são ricos em ómega-3, podem ajudar à concentração e levar, consequentemente, a melhores resultados nas provas. Há também uma regra sagrada: é obrigatório manter uma rotina, sem experimentar novas dietas.

"A alimentação vai ajudar a conseguir melhores resultados e a não perturbar o processo de estudo", começa por contextualizar Conceição Calhau, professora de Bioquímica Nutricional do curso de Medicina, na Nova Medical School, em Lisboa. Para a investigadora, ainda antes da lista do que comer para aumentar o rendimento intelectual vem a hidratação como principal pilar da concentração, já que esta controla também a temperatura do corpo. "Se a temperatura estiver regulada, a permeabilidade cerebral é maior", explica.

E quando se fala em hidratação, é água que os nutricionistas recomendam e não café ou (no pior dos cenários) as conhecidas bebidas energéticas. "Muitas destas bebidas têm uma quantidade de cafeína equivalente a três ou quatro cafés, o que pode ser significativo sobretudo em quem não tem hábitos regulares de consumo de cafeína", avisa o nutricionista António Pedro Mendes, especialista em alta-competição. "Nada de novo deve ser testado em altura de provas. Diz-se isto para o desporto e é transversal."

Em casos de urgência, na necessidade de um impulso de energia, a nutricionista Ana Isabel Monteiro recomenda o café sem açúcar, o chá verde ou um quadrado de chocolate negro, mas alerta para alguns perigos: "Quando o consumo de cafeína começa a ser excessivo na primeira juventude, pode ter consequências a nível de descanso, que pode comprometer o desenvolvimento cognitivo. É durante a noite que se faz a assimilação do conhecimento."

Como tal, os três especialistas falam da importância de uma boa noite de sono, mesmo em períodos de estudo intenso, bem como da prática de exercício físico, que irá libertar endorfinas, que promovem o bem-estar. "Dormir menos do que 5h30 vai aumentar a vontade de comer doces e torna-se uma bola de neve", avisa a especialista. E Conceição Calhau fala deste fenómeno como "fome emocional", que se torna uma adicção, fruto não só da privação de sono, mas também do "*stress* e desgaste", motivando a procura de conforto em alimentos ricos em açúcar e gordura.

Para evitar cair nessa tentação, a preparação é fundamental. "É preciso ter no frigorífico o que precisamos de comer, caso contrário, no imediato vamos fazer escolhas piores", explica a autora de *Deixemo-nos de Tretas — A Ilusão da Comida Saudável*. Além disso, alerta para que se façam pausas no momento das refeições, em vez de os jovens comerem enquanto estudam. "É desadequado fazê-lo, porque não há consciência de quanto estamos a comer. Parem de estudar, comam, lavem os dentes e voltem a concentrar-se", propõe.

Que alimentos privilegiar?

E para que a concentração seja eficaz, não se pode comer demasiado. "Se o esvaziamento gástrico é mais lento, ficamos sonolentos e isso vai perturbar o estudo", descreve a investigadora de Bioquímica Nutricional, lembrando que o fluxo sanguíneo se desloca para o sistema digestivo. A nutricionista Ana Isabel Monteiro também aconselha a que não se exagere na quantidade e prefere que se façam dois a três lanches entre refeições.

É nos lanches que assentam grande parte dos erros feitos pelos estudantes nestas semanas de estudo. António Pedro Mendes, autor de *Muito Mais do Que Proteína*, recomenda a introdução de frutos oleaginosos que são "ricos em gorduras insaturadas relevantes para a saúde cerebral", ajudando a que "as células cerebrais tenham maior flexibilidade". Atenção que estes frutos secos, como amêndoas, cajus ou nozes, não devem ter sal.

Os lacticínios são igualmente uma opção interessante para o lanche, acrescenta Conceição Calhau, aconselhando os iogurtes ou o kefir, mas também o queijo ou os ovos. Ana Isabel Monteiro também evoca uma opção mais tradicional, frequentemente demonizada: o pão, de preferência feito a partir de farinha de centeio ou de fermentação lenta. Para quem prefere opções doces, propõe que façam bolinhas de energia com frutos secos, cacau e tâmaras.

A nutricionista e autora de *Vegetariano nas Quatro Estações* destaca ainda algumas opções para os jovens que seguem uma dieta vegetal, como os palitos de cenoura com húmus, a fruta ou os tremoços, que "são óptimos para quem gosta de petiscar", recomendando que, antes de os consumirem, os demolhem em água para retirar o excesso de sal.

Na hora das refeições, os três especialistas voltam-se para a dieta mediterrânica, pondo ênfase no consumo de peixe gordo com alto teor de ómega-3, como o salmão ou as sardinhas, típicas desta época do ano. As leguminosas são, da mesma forma, uma opção prática e rápida, útil para os vegetarianos. Atenção que, caso o jantar seja apenas uma sopa, é necessário reforçá-la a nível proteico, acrescentando um ovo, por exemplo. "A sopa de legumes não vai alimentar e, dentro de duas horas, vão estar a atacar bolachas", avisa Ana Isabel Monteiro.

Não mudar regras

A nível de suplementação, os especialistas não aconselham nada específico para esta altura de estudo, mas lembram que é fundamental garantir o contributo de vitamina B12 e magnésio para a função cerebral. "Uma deficiência de magnésio pode comprometer a capacidade de metabolizar o açúcar para a obtenção de energia", diz Conceição Calhau, que salienta que é fundamental não ter o corpo em "processo inflamatório".

Assim, também não é a altura ideal para restringir o consumo de hidratos de carbono, que vão privar o corpo. "O cérebro é o órgão que mais gasta glicose", declara a professora. Mais: António Pedro Mendes recomenda que se evite o jejum prolongado. "Não é altura para estratégias exóticas. Não se podem mudar as regras do jogo", insiste.

E no dia do exame a capacidade para "jogar" tem de estar no máximo. "É como ir para o campo de competição. Não devem comer até uma hora antes, para não perturbar a concentração. Prefiram uma refeição que dê energia, mas que seja de fácil digestão." E não esquecer: dormir bem na noite anterior e levar água para manter a hidratação durante a prova. Boa sorte!

Espaço público

Exames do século XX

Editorial

Andreia Sanches

Quando o tema é os exames do secundário, as opiniões dividem-se. Um primeiro grupo é constituído pelos que acham que os exames subjugam as escolas à pobre tarefa de preparar os jovens para a derradeira prova, em vez de estarem preocupadas em transmitir conhecimentos e competências que "não saem no teste". Alega-se ainda que eles promovem uma competição acérrima, destinada a ter como vencedores os estudantes de meios mais favorecidos, os do ensino privado e os que podem pagar explicações.

Num segundo grupo estão os que defendem que os exames devem ter um peso significativo, porque garantem um ensino exigente e são um instrumento homogéneo de avaliação. Argumenta-se que, sem eles, o sistema de acesso ao superior se transformaria num pesadelo, que obrigaria alunos a andar pelo país a prestar provas em diferentes universidades e politécnicos para se candidatarem. E que a iniquidade aumentaria.

Há 28 anos, tantos quantos têm os exames "modernos", que ouvimos na academia, de um lado e do outro, argumentos pertinentes.

Mas é incontornável: pode discutir-se o peso dos exames ou o número de provas (e houve ajustes no anterior Governo); mas o sistema de ensino precisa de exames. E a regra na Europa é que eles existam. São a maneira mais eficaz de garantir informação sobre as escolas, de compará-las, de ver quais apresentam desvios anormais, ou têm dificuldades persistentes, ou como estão a lidar com os alunos de diferentes contextos... e essa informação é essencial para quem tem o poder de tomar medidas para mudar alguma coisa (sejam currículos ou políticas de apoios).

E depois há outra discussão, menos frequente e que não foi o centro do debate público da anterior legislatura: tem a ver com os exames que temos, a forma como são construídos, o que medem e como.

É saber se quando tudo muda com as novas tecnologias, IA incluída, na forma como acedemos ao conhecimento, faz sentido ter exames que há décadas são pensados mais ou menos da mesma forma.

Não é a plataforma em que são feitos, se papel ou não-papel, ou se incluem mais ou menos questões de escolha múltipla. É debater se devem desafiar a debitar matéria ou avaliar competências, capacidade de pensar e resolver problemas reais, como já fazem testes internacionais que comparam alunos de países diferentes.

Quem trabalha em avaliação gosta pouco de "revoluções", diz que a estabilidade, e bem, é uma qualidade. Mas seria bizarro não aproveitar a boleia da digitalização total das provas, que está em curso, para fazer esse debate maior. Para já, a nova temporada arranca com 156 mil alunos que vão fazer os exames de sempre.

Mais do que estar contra ou a favor dos exames, importa analisar os exames que temos, como são construídos, o que medem e como

CARTAS AO DIRECTOR

O bode expiatório

Diz-nos a Wikipédia que a tão popular expressão "o bode expiatório" tem origem nas cerimónias hebraicas do Yom Kippur, o Dia da Expiação, na época do Templo de Jerusalém. Dois bodes eram apartados do rebanho. Um deles era de imediato sacrificado e o seu sangue, juntamente com o do touro, era utilizado para marcar as paredes do templo. O outro bode tinha a função ritual de carregar todos os pecados da comunidade. Um sacerdote levava as mãos até a cabeça do animal inocente para que ele carregasse simbolicamente os pecados da população. Depois disso, era abandonado no deserto para que os males e a influência dos demónios ficassem bem distantes. Lembrei-me desta história a propósito do chamado "caso das gémeas", tratadas no Hospital Santa Maria com o medicamento mais "mais caro do mundo". Também aqui parecem já ter sido apartados dois bodes do rebanho. Um deles foi de imediato sacrificado pelo sacerdote, que ficou com as mãos sujas de sangue. O outro, o "bode expiatório", está neste momento a ser ungido na praça pública com todos os pecados, para depois ser abandonado no deserto, libertando assim o sacerdote de todos os pecados cometidos.

J. Sequeira, Lisboa

Europa/Europas?

A Europa, espaço geográfico do cabo da Roca aos Urais, tem uma leitura política ao gosto de cada um. Quando se fala da União Europeia, diz-se Europa do cabo da Roca aos países nórdicos, à Bulgária, Roménia, Balcãs e República da Irlanda, nas Ilhas Britânicas, sem incluir a Suíça e a Noruega. Quando se fala da Europa respeitante à NATO, é parte dos países da União Europeia, já que não inclui Irlanda, Áustria, pertencentes à UE e a Suíça. Há também a Sérvia que não pertence nem à NATO nem à UE. Lembro também que todos os países a leste da Bulgária, Roménia, Polónia, etc., até aos Urais não pertencem nem à NATO nem à UE, ou seja, mais de metade da área da Europa não pertence nem à UE nem à NATO.

A propósito do desembarque na Normandia pelos aliados ocidentais da coligação antinazi, que fez 80 anos, os chefes de Estado, reunidos simbolicamente na zona do desembarque, evocaram que esse desembarque livrou a Europa do nazismo. Ora, a História diz-nos que a maior parte da Europa foi libertada do nazismo pela então União Soviética. Quer se goste quer não, foi a União Soviética que libertou a Europa do nazismo, ou não?

Mário Pires Miguel, Reboleira

O mimoseio de Robert De Niro a D. Trump

Segundo uma notícia da Reuters, Robert De Niro, num evento pró-Biden e à porta do tribunal onde está a ser julgado Donald Trump, não hesitou em chamar-lhe "palhaço". Na verdade, este empresário do imobiliário não passa de um histrião, de um narcisista doentio que julga que o mundo gira à sua volta. Este presumível candidato à Casa Branca, que tem muitos fanáticos e ignorantes que o seguem, não passa de um homem irresponsável e inculto que mente descaradamente e, se for eleito, provocará fortes danos no bom relacionamento da Europa democrática e liberal com os Estados Unidos e Putin ficará satisfeito com uma eventual vitória deste histrião nas eleições americanas. Porquê? Julga-se que uma eventual "ruptura" ou alteração nas relações dos EUA com a Europa seria um "presente" para Putin, visto que o autocrata pretende desestabilizar a coesão europeia que sem o arrimo económico e militar americano perderá influência numa hipotética "nova ordem mundial" que a Rússia e a China não desdenham.

No caso de Stormy Daniels, a actriz de filmes para adultos, esta fez muito bem ao denunciar Trump por conduta inapropriada e ofensiva. Oxalá Taylor Swift, esta jovem artista norte-americana que vem fascinando as pessoas nos concertos que realiza, contribua para a vitória de Joe Biden.

António C. Miguéis, Vila Real

Duas é de mais

O meu "disco duro" já dura há 80 anos e pedir-lhe mais celeridade é muito pouco recomendável, pois a idade não perdoa. Por isso, penso escrever o que deveria ser escrito, mas já não me sinto afoito a tal folgo juvenil. Mas aqui vai algo que não devo deixar passar impune, apesar de outros reparos que não vou agora garatujar: o nosso épico Luiz Vaz de Camões irá dar o nome ao próximo aeroporto, que levou cinquenta anos para se encontrar o seu pouso. Agora, para se comemorar o nascimento do autor de *Os Lusíadas*, que veio ao mundo no longevo ano de 1524, alguém, ou muitos, encomendou ao artesão José Aurélio para desenhar o que deveria ser colocado numa moeda alusiva ao facto. E eis o insólito dos insólitos: tão notabilíssimo vate é retratado na moeda com um aspecto disforme, sem boca e sem ouvidos, numa aberração humana total. No caso em apreço, deveria ter sido aplicada a "IVG" – interrupção voluntária da gravura.

José Amaral, Vila Nova de Gaia

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles cartasdirector@publico.pt

A opinião publicada no jornal respeita
a norma ortográfica escolhida pelos autores

ESCRITO NA PEDRA

Uma coisa para fazer sentido hoje tem de fazer sentido daqui a cem anos Gonçalo M. Tavares

O NÚMERO

130,9

Aquacultura ultrapassa pesca e torna-se a principal fonte mundial de peixe, diz a ONU. A produção em aquacultura atingiu um valor sem precedentes de 130,9 milhões de toneladas em 2022

A memória substituída

Ainda ontem

Miguel Esteves Cardoso

Não sei como ainda não há um telemóvel em forma de barra de ouro, vendido com a frase: "Contém tudo o que é precioso."

Das entranhas de um telemóvel consigo suscitar todas as músicas que já ouvi, todas as capas e muitos dos conteúdos de todos os livros que já li e, incrivelmente, quase todas as fotografias de todas as pessoas que me são próximas. Posso ir buscar imagens dos sítios que visitei, das pessoas que conheci, das pinturas que me fizeram parar.

Ainda sou levado a comparar este suscitar milagroso à versão antiga de vasculhar em sótãos e bibliotecas e lojinhas, ou de ser torturado por carrosséis de *slides* e álbuns de família, em que só uma pessoa (a mais chata) detinha a chave que dava acesso a cada caverna.

Mas já noto duas fases nesse suscitar. Na primeira, há muita coisa do meu passado que vou procurar à Internet, e que não está lá. Digamos: 95%. Mas, na segunda fase, muito preocupante, já começo a achar que está lá muita coisa. Porquê? Porque a atenção àquilo que está documentado está a levar ao apagamento da memória do que não está.

Há uma oliveira no Alentejo que é o símbolo de uma família inteira que lá passava férias. Através de um WhatsApp, juntaram-se fotografias de muitas pessoas, ao longo de várias décadas, que foram sendo identificadas e contextualizadas, para benefício de toda a gente.

A pessoa que fotografou a oliveira, que já morreu, lembrava-se de a fotografar de passagem: era uma árvore afastada da casa onde a família se reunia, em que só ela tinha reparado.

Mas a família incorporou a oliveira, não só simbolicamente, mas como memória real, tal qual se tivesse reunido, todos os anos, debaixo dela. É uma falsa memória, adoptada por engano. O pior não é isso: são as árvores verdadeiramente vividas e lembradas que substituiu.

A memória deixa de ser um esforço e uma procura e passa a ser uma mera reacção a estímulos já presentes. Só nos lembramos do que está à vista. E isso não é lembrar.

ZOOM MOGADÍSCIO, SOMÁLIA

FEISAL OMAR/REUTERS

P

publico.pt

Lisboa (sede: editor e redacção)
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho, Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Maio **18.733 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Espaço público

Viva Kafka!

Escrever Direito

Francisco Teixeira da Mota

A ProPública – Direito e Cidadania, uma associação privada, independente e apolítica que tem por propósito a defesa jurídica do interesse público, apresentou, em finais de Novembro de 2022, junto do Presidente da República, do primeiro-ministro e da provedora de Justiça, uma queixa contra a generalizada exigência de agendamento prévio para que um cidadão seja atendido nos serviços da administração pública. Segundo a ProPública, os meios alternativos de atendimento que se perpetuaram, após a crise pandémica, violam garantias constitucionais expressas e afectam o bem-estar geral das pessoas e comunidades, sendo certo que o interesse público deve sempre nortear a actuação da administração pública. Na altura, dei notícia desta iniciativa cívica e afirmei a minha expectativa numa rápida acção dos destinatários desta queixa e na reposição de um relacionamento minimamente normal entre o Estado e os cidadãos.

No dia 19 de Fevereiro, pouco mais de um ano após a queixa da Propública, a provedora de Justiça, Maria Lúcia Amaral, veio lembrar que, "embora não caiba ao provedor de Justiça estabelecer o modelo concreto de relacionamento de cada serviço público com os cidadãos, há princípios basilares que devem ser respeitados", nomeadamente "a abertura, a acessibilidade e a transparência dos serviços públicos" que são "exigências constitucionais", sendo certo que "uma administração de 'porta aberta' é sinónimo da imprescindível presença do Estado no território". E, além destas sensatas palavras, publicou a Provedoria de Justiça, na sequência de um amplo trabalho de campo, um extenso relatório com numerosas recomendações sobre o atendimento nos serviços públicos no pós-pandemia.

Como é evidente, para cidadãos decisores nestas matérias, nomeadamente os responsáveis pelos serviços públicos visitados e analisados, é essencial a leitura integral do relatório e das suas recomendações, mas, para o comum dos cidadãos, o que vale a pena é tentar perceber um pouco mais o funcionamento do nosso Estado e como poderia ser melhorado o seu relacionamento com todos e cada um de nós.

É naturalmente impossível enumerar todas as situações e recomendações que a Provedoria de Justiça faz constar das 150 páginas deste relatório que aborda temas tão diversos como as *falhas* no acesso à informação sobre os termos do atendimento ao público que determina que vários utentes sem marcação se dirijam, por vezes antes do horário de abertura, a serviços em que o atendimento se faz exclusivamente com marcação ou, ainda, a existência de práticas administrativas que, associadas à exigência de marcação prévia, configuram violação de lei, como sucede no Instituto de Segurança Social.

Refere o relatório que, na medida em que para a simples entrega de documentos com prova da sua recepção é necessário agendar atendimento – com dilação de dois meses em alguns serviços –, foi criado um "sistema de envelopes" através do qual cada interessado, sem qualquer intervenção dos serviços, enumera os documentos que coloca num envelope, que, por sua vez, deposita numa caixa de cartão existente nos serviços. Neste caso, não há, como a lei determina, um recibo comprovativo da entrega, com obrigatória menção da data, existindo somente um destacável, preenchido pelo próprio cidadão interessado, no qual faz constar a descrição dos documentos que ele contém. Como é inevitável, esta anómala parceria público-privada nem sempre funciona e o relatório refere que Provedoria de Justiça tem tratado de queixas apresentadas por cidadãos que, "dentro do 'sistema de envelopes', viram os seus pedidos de atribuição de prestações sociais ser ignorados, por não terem sido apresentados através do formulário aprovado, ou indeferidos, sem que tivessem sido previamente convidados a colmatar as suas deficiências".

A Provedoria de Justiça publicou um relatório com recomendações sobre o atendimento nos serviços públicos no pós-pandemia

Na segunda-feira, fez cem anos que morreu um génio da literatura e da vida que certamente se deleitaria com alguns apontamentos deste relatório da Provedoria de Justiça. Franz Kafka foi um mestre e a sua leitura é sempre recomendável, mas, na verdade, seria muito mais desejável que, dentro de um ano, pudéssemos ler um relatório da provedoria que nos contasse a evolução do atendimento nos nossos serviços públicos decorrente das recomendações que constam do actual relatório. Seria fantástico se todo este louvável trabalho não fosse em vão. Que os cidadãos pudessem saber quais os serviços que quiseram e souberam melhorar. Quais os serviços públicos que querem estar do lado do público.

Advogado. Escreve ao sábado

Barragens, EDP e (ir)responsabilidade social

António Preto

As decisões da EDP são tomadas por pessoas de carne e osso. Por isso, a interpelação ao sentido de responsabilidade social da EDP é feita diretamente a si, Miguel Stilwell Andrade, na qualidade de presidente do conselho de administração. Como sabe, desde 3/12/2003 (data da entrada em vigor do Código Municipal dos Impostos sobre Imóveis) incide IMI sobre as barragens. No entanto, decorridos mais de 20 anos sobre a entrada em vigor do CIMI, o senhor e os que o antecederam encontraram sempre forma de não pagar nem um cêntimo de IMI.

Tiveram até o poder de reverter uma decisão da Autoridade Tributária (AT) de 2015 que ordenou a inscrição das barragens na matriz predial e a cobrança do IMI. As dezenas de milhões de euros de IMI, que os senhores não pagaram ao longo destes 20 anos, são um benefício ilegítimo que é obtido com prejuízo dos municípios e das populações do interior do país, onde se situam as barragens.

Nestes 20 anos valeu a coragem do anterior secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, Nuno Félix, que por despachos de 3/2/2023, 16/8/2023 e 10/3/2024 ordenou à AT que procedesse à cobrança do IMI das barragens. Todos sabemos como está a ser difícil a implementação destes despachos. Sempre que encontramos uma dificuldade, eu vejo a sua mão e o seu rosto, dr. Miguel Stilwell Andrade. Nós já percebemos que os senhores tudo farão para manter o estatuto de privilégio.

Ainda recentemente tiveram um bónus fiscal de mais de 400 milhões de euros com a venda, por 2200 milhões de euros, de seis barragens no Douro à francesa Engie. O ministro que autorizou esse negócio teve até a desfaçatez de ir a Miranda do Douro, qual seu advogado, clamar que não eram devidos impostos.

Pois é, dr. Miguel Stilwell de Andrade, perante este historial de isenções e de bónus fiscais, por que razão iriam agora pagar o IMI das barragens? Pode até pensar assim. Mas está errado!

Veja só! A troco da exploração dos recursos naturais pedimos-lhe que pague apenas uma taxa de 0,30% por conta do IMI. Sim, apenas 0,30% de IMI. Pense bem! Acha *justo* beneficiar com a exploração dos nossos recursos naturais sem pagar uma contrapartida mínima? Pense bem! O valor do IMI no conjunto das barragens de todo o país é inferior aos 10,2 milhões de euros, que o senhor e os seus colegas da administração receberam a título de remuneração em 2023. Pense bem! O valor do IMI da barragem do concelho de Miranda do Douro é de apenas €157.329,00. Bastante menos que os 2,1 milhões de euros que lhe foram pagos em 2023, a título de remuneração e prémios. Pense bem! Para o cálculo dos prémios da sua remuneração contou o bónus fiscal de 400 milhões de euros de impostos que não pagou com a venda por 2200 milhões de euros das seis barragens no Douro. Nós não discutimos a justeza ou o montante da sua remuneração. Mencionamo-lo apenas para demonstrar que o custo de pagar o IMI é uma *gota de água* no oceano dos vossos recursos financeiros.

Pense bem! O senhor acha que a decisão que tomou de ordenar a impugnação judicial da inscrição na matriz e das liquidações de IMI, uma ação com o valor astronómico de 475.029.599,81€, *revela sentido de compromisso ético e responsabilidade social?* Pense bem! É *justo* interpor uma ação no valor de 475.029.599,81€ só porque nenhum município do interior tem condições económicas para suportar 5.812.878,00€ de custas judiciais? Pense bem! É legítimo fazer-se valer do vosso *enorme poder financeiro* para impedir que as populações do interior depauperado façam valer os seus direitos?

Veja o outro lado. Se só as custas judiciais desta ação, 5.812.878,00€, chegam para pagar metade do IMI das barragens, não é melhor pagar o IMI, do que litigar?

Dr. Miguel Stilwell de Andrade, está nas suas mãos fazer prevalecer o bom senso, de arrepiar caminho e de evitar danos reputacionais. Os portugueses em geral e em particular os consumidores da EDP Comercial, que pratica os preços de eletricidade mais altos no mercado liberalizado, estão atentos, têm os olhos postos em si, e perguntam-se se devem manter os contratos de fornecimento de eletricidade com a EDP Comercial, dando milhões de lucro a uma empresa sem sentido de compromisso ético e de responsabilidade social.

Advogado, ex-deputado do PSD

Eu não desejava acreditar, mas acredito mesmo

José Pacheco Pereira

Não é preciso ser jurista para perceber que o chamado "processo das gémeas" é uma fantochada. Acho que nunca usei esta palavra num artigo, fantochada

A notícia de que houve buscas a Marta Temido, candidata às eleições europeias, a poucos dias das eleições e em plena fase crucial da campanha, por causa do chamado "caso das gémeas", mostra, sem margem para dúvidas, como responsáveis do Ministério Público não se coíbem de mostrar poder. De facto, trata-se de uma mera exibição de poder; na verdade, mais do que isso, uma demonstração de poder político que tem pouco que ver com a justiça.

Bendita a hora em que assinei o chamado "manifesto dos 50", agora muito mais necessário do que nunca, porque o justicialismo, a forma de abuso de poder no aparelho de justiça, comunica directamente com o populismo, a jusante e a montante. Isto é bem evidente. Diga-se de passagem que é muito interessante ver quem protestou contra o manifesto dos 50: os membros do aparelho judicial e do sindicalismo no MP e os jornalistas a quem são dadas preferencialmente as fugas de informação.

Escreveria o que escrevo se alguém se lembrasse de reabrir em vésperas de eleições um processo de violência doméstica a Sebastião Bugalho depois de ter sido "arquivado por falta de provas", ou avançar com buscas aos inquéritos a Montenegro por causa da casa de Espinho. Já que não adianta perguntar qual é o estado dos processos que derrubaram governos, no continente e na Madeira.

O justicialismo não é de esquerda face à direita, ou vice-versa, é de "nós", os zeladores pela moral pública, os santos, os intocáveis, os senhores da lei, contra "eles", os corruptos, os da política. Quais são as armas? Tudo menos a lei e a condenação em julgamento, a validação do sucesso da investigação pelas condenações em tribunal... Isso é irrelevante, o que se pretende é fazer fugas para a informação, buscas de aparato, prisões punitivas, violação das leis sobre a prisão preventiva para obter confissões pela violência de se estar preso fora da lei. Esta forma de actuar está no centro da deriva populista. Ela é o alimento do Chega e, pior do que isso, o alimento do desgaste da democracia.

Não é preciso ser jurista para perceber que o chamado "processo das gémeas" é uma fantochada. Acho que nunca usei esta palavra num artigo, fantochada. Há muitos aspectos condenáveis na maneira como se procedeu naquilo que é claramente uma cunha, e o cobarde nervosismo de alguns intervenientes deu origem a mentiras que ainda agravaram a situação. Sem o Presidente da República, tudo o resto cai pela base. Há favorecimento por via de uma cunha num lugar de poder, a Presidência? Há. Houve qualquer contrapartida pela cunha que configurasse corrupção? Que se saiba, nada. Cria a cunha uma situação de desigualdade que pode ser vista, e bem, pelos cidadãos como injusta? Sem dúvida.

O problema é que há milhares de cunhas todos os dias, umas benévolas, outras malévolas, outras corruptas, e que sendo mesmo cunhas traduzem diferentes realidades. Muitas vezes são a única forma de alguém obter o que é justo ou que injustamente o prejudica, usando mecanismos de patrocinato e clientelismo, que podem ser também benévolos. No Arquivo Ephemera, há literalmente milhares de cunhas a homens poderosos e com influência, que tentaram ultrapassar a burocracia e os pequenos poderes a favor de pedidos justos. É mau, é indício de uma grande disfunção na administração pública, presta-se a tráfico de influências e a corrupção? Sem dúvida, mas estamos em Portugal, não estamos? Não é a Suíça, embora na Suíça as coisas também não sejam como pensamos... Escrevo isto para que não se comece a salivar quando se ouve a palavra "cunha".

Eu sei que isto não é popular de dizer, mas uma coisa é crime, outra é prestar um favor a duas meninas que têm uma condição médica grave e sensível ao tempo, onde o atraso era muito perigoso. Chamava-se antigamente a isto humanismo, e é repelente ver como este factor é ignorado na campanha de indignação alimentada pelas audiências, pelas conversas de café e pelo Chega. Foi com o "medicamento mais caro do mundo"? Não sei se é, porque estas coisas repetem-se muitas vezes para alimentar o sensacionalismo e ninguém verifica. Melhorou a situação médica das meninas? Não sei.

Só sei que duas entidades abocanharam o caso: o MP e o Chega. Ambos sabem que não vai haver nada mais do que uma condenação ética pelos favores, que já existe. Como já escrevi, o Presidente devia ter matado o caso admitindo que talvez tudo não tivesse sido feito como devia, mas que ficara sensibilizado pela sorte das meninas, porque, mesmo podendo não ter tido interferência directa na cunha, ela passou pela Presidência e um pouco do shakespereano "*milk of human kindness*" moveu-a, e ninguém levaria muito a mal. Claro que isso não calaria os profissionais da indignação que nunca, jamais, em tempo algum, meteram uma cunha, mas talvez levasse os justicialistas do MP a ocupar-se de crimes a sério e não a alimentarem esta fantochada, repito.

Agora, ir realizar buscas a uma candidata eleitoral a dias das eleições com o mais que débil pretexto devia levar a inscrever a letras de ouro no edifício da procuradoria o manifesto dos 50. Mas como é muito longo, bastava inscrever: "Aqui praticam-se abusos de poder sem lei e razão contra a democracia." Agora processem-me.

Historiador. Escreve ao sábado

O ruído do mundo

DR

"É muito interessante ver quem protestou contra o manifesto dos 50: os membros do aparelho judicial e do sindicalismo no MP e os jornalistas a quem são dadas as fugas de informação

Espaço público

A geração Alfa e o fim do mundo

Bárbara Reis

Está tudo a andar tão depressa que um demógrafo australiano deixou de rotular as gerações com o alfabeto grego, adoptou o latino e começou pela letra A.

É aí que estamos: quem nasceu entre 2010 e 2024 pertence à geração Alfa.

Depois dos *"baby boomers"* (1945-1964), da geração X (1965-1980), *Millennial* (1981-1996) e Z (1997-2009), Mark McCrindle sentiu que era preciso "começar uma coisa nova". Se a proposta vingar, temos letras até 2400.

O que caracteriza os Alfa? Segundo os especialistas, três coisas: estão imersos na tecnologia desde o instante em que nasceram, passam mais tempo em frente a ecrãs de computadores, *smartphones* e *tablets* do que qualquer outra geração e vão viver até ao século XXII.

Estes são os factos incontroversos. Mas há os outros: os Alfa são brutos, selvagens, analfabetos, malcriados e, porque não lêem, são pouco empáticos. É o que se ouve todos os dias. Já se escreveram mil textos sobre as consequências do estilo de vida desta nova geração e as angústias de quem a vê crescer. Em geral, vão numa direcção: é uma geração condenada.

Passei horas à volta de um mistério da geração Alfa e não é por acaso que, pelo caminho, aprendi uma expressão do "inglês da Internet" que parece provar a teoria do fim do mundo.

Antes do mistério, a expressão: TLDR é uma abreviatura de *"too long; didn't read"* – "muito longo; não li". É usada nas conversas nas redes sociais em duas situações: para resumir um texto longo que vamos publicar abaixo ou para protestar contra um texto de alguém que achámos demasiado longo.

Um dicionário Cambridge diz que TLDR "expressa uma expectativa de se ser entretido sem precisar de prestar muita atenção ou até de pensar" e dá exemplos de como as pessoas o usam:

– Cada documento de discussão deve começar com um TLDR que resuma os pontos principais;

– Podemos ter um TLDR para aqueles de nós que têm uma capacidade de atenção curta?, e

– O TLDR é um triste sintoma dos problemas causados pelo *tsunami* da Internet.

Já percebeu: o mistério tem que ver com a incrível quantidade de horas que a geração Alfa passa a olhar para as páginas das redes sociais que, por definição, são infindáveis.

É por causa disso, disseram-me há dias, que nasceu o problema dos *"Sephora kids"*.

"Miúdos Sephora"? Uma novidade para mim. Com essa pergunta, mergulhei no mundo das meninas americanas de oito, nove, dez, 11 e 12 anos – ainda não adolescentes – obcecadas com as rotinas da limpeza de pele.

Leu bem: rotinas da limpeza de pele.

Àquilo que se faz em segundos – gira o disco de algodão para um lado, gira para o outro, lixo, acabou – estas crianças dedicam horas da sua atenção por dia. São viciadas em vídeos de limpeza de pele que vêem no TikTok, são viciadas em cosméticos, "atacam" lojas de cosméticos e deixam tudo desarrumado, em particular as Sephora – daí o rótulo mediático –, compram centenas de euros em cremes, *sprays* para isto e para aquilo, incluindo cremes para controlar o acne, embora não tenham acne, cremes anti-rugas, embora não tenham rugas, cremes correctores, embora a sua pele não tenha nada que precise de ser corrigido, e cremes para alisar a pele, embora a sua pele seja lisa.

Há uns tempos, disseram-me que nos EUA o problema é tão grave que já é visto como uma questão de saúde pública e, por isso, os menores estão proibidos de entrar sozinhos em lojas de cosméticos.

A geração Alfa tem tecnologia como nunca e olha para ecrãs em quantidades nunca vistas. Não lê, é bruta e não tem empatia. Será assim?

Pesquisei e parece-me que é um mito. Mas o tema existe. Vi debates em televisões americanas sobre isso, nos quais pessoas com perspectivas diferentes respondem à pergunta: devemos proibir as crianças de irem sozinhas a lojas de cosméticos?

Tudo isto parece uma bizarria de outro planeta, em especial a horas de irmos votar para eleger o próximo Parlamento Europeu.

Mas parece sobretudo um pânico moral daqueles que há em todas as épocas, sobre todas as gerações e que, sendo fenómenos atípicos, se tornam típicos por serem exacerbados pelos *media*.

Fui ao TikTok, escrevi "rotinas da limpeza de pele" em português e em inglês e encontrei um mar de vídeos. Em segundos, vi um adolescente português que tem 1,5 milhões de seguidores e mostra como limpa a pele todas as noites, e encontrei uma adolescente americana que tem cinco milhões de seguidores e faz o mesmo.

Em Fevereiro, a fleumática agência de notícias AFP escreveu sobre o fenómeno: "No TikTok, são conhecidas como *'Sephora kids'*. São meninas entre os oito e os 12 anos que, incentivadas pelos pais, têm milhões de seguidores ao mostrarem as suas compras de maquilhagem e a sua rotina de limpeza de pele, uma tendência que a longo prazo pode afectar a sua saúde física e mental. Estas meninas, em muitos casos americanas, aparecem nas redes sociais a gritar de alegria perante um creme hidratante e 'rejuvenescedor' ou a implorar às mães por um correctivo: 'É este que eu vi no vídeo, quero, quero!', diz uma delas. Há polémica nas redes, principalmente por causa dos preços dos produtos. Um dos cremes preferidos das meninas *'tiktokers'* ultrapassa os 75 dólares. 'Como é que estas meninas podem gastar o equivalente ao meu salário em produtos de beleza?', pergunta uma vendedora da Sephora nos Estados Unidos. A marca, do grupo francês LVMH, não respondeu às perguntas da AFP."

Mas a seguir, também no TikTok, escrevi "livros" e *"books"* e encontrei um mar de influenciadores, alguns com centenas de milhares de seguidores, a falar dos seus livros favoritos. São de tal forma importantes que também têm um nome – *booktokers*. No ano passado, li aqui no PÚBLICO que só em 2021 é que a indústria editorial portuguesa percebeu que os livros que os leitores estavam a comentar no TikTok apareciam pouco depois nas listas dos livros mais vendidos e a LeYa e a Porto Editora disseram que a promoção da "leitura como algo 'fixe'" está a fazer aumentar as vendas.

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. O primeiro concurso de Miss Universo foi em 1952, uma invenção dos *"baby boomers"*. Há dois mil milhões de crianças da geração Alfa. Alguns vão ter vidas aborrecidas e superficiais. Outros vão fazer o contrário. Ainda não é desta que chegámos ao fim do mundo.

Jornalista. Escreve ao sábado

LUCY NICHOLSON/REUTERS

Ao jornalista não basta ser sério...

Coluna do Provedor

José Alberto Lemos

A peça assinalava os 20 anos de uma campanha publicitária da marca que apostou na "beleza real" das mulheres, em vez de nos estereótipos da beleza

A peça ocupava uma página inteira e tinha um título a toda a largura das cinco colunas: "Beleza Real da Dove nasceu há 20 anos mas agora o alvo é a inteligência artificial." Na entrada, destacava: "Marca de higiene pessoal britânica foi pioneira na defesa de que todas as pessoas são bonitas e compromete-se a combater a ameaça à representação da beleza trazida pelas novas tecnologias."

O provedor procurou no topo da página para ver se se tratava de uma daquelas iniciativas identificadas como "conteúdo comercial" ou "(estúdio) P" em que se publicam textos patrocinados ou publicitários da exclusiva responsabilidade de quem os paga.

Mas não. Tratava-se de uma peça feita na redacção, pela secção Ímpar, identificada no jornal como "a nossa marca de *lifestyle*. Ou dos modos de vida, para afastar os estrangeirismos".

Os assuntos abordados pelo Ímpar vão da moda aos produtos de luxo, relações amorosas, envelhecimento, problemas familiares, educação das crianças, bem-estar, alimentação saudável, beleza, *glamour* das famílias reais, saúde mental, equilíbrio emocional, culinária, decoração, forma física, maquilhagem. Nada que não exista em jornais de referência pelo mundo fora, que adoptaram a expressão *lifestyle* para albergar este tipo de assuntos.

O Ímpar só tem edição digital e raramente as suas peças surgem na edição impressa. Mas no dia 30 de Maio, a peça sobre a Dove ocupava toda a página 33, o que lhe conferiu uma importância acrescida e despertou a atenção do provedor, que (*mea culpa*) raramente visita a secção no *online*.

A peça assinalava os 20 anos de uma campanha publicitária da marca que apostou na "beleza real" das mulheres em vez de as retratar segundo os estereótipos da beleza perfeita. Considerada pioneira na publicidade, a campanha de 2004 apostou em imagens de mulheres comuns – e não em modelos – tentando "redefinir a beleza e transformá-la numa fonte de confiança e não de ansiedade".

Este foi o pretexto para a peça, mas havia um motivo actual para a fazer. É que a marca britânica comprometeu-se agora a não recorrer à inteligência artificial (IA) para as suas campanhas publicitárias, recusa-se a utilizar esta nova tecnologia para "aperfeiçoar" rostos e corpos femininos, quando as estimativas apontam para que, "até 2025, 90% do conteúdo *online* seja gerado por IA".

Dois motivos que pareceram ao provedor insuficientes para justificar tamanho destaque e todo um enquadramento gráfico – potenciado pelo título e pelo uso da mesma foto da campanha publicitária de 2004 – que deixavam a pairar a dúvida sobre se estávamos perante uma notícia ou um conteúdo patrocinado pela Dove.

Por isso, interpelou a editora da secção, a única responsável pelo artigo, que foi feito por um estagiário. Bárbara Wong respondeu com pormenor a todas as questões. A secção foi alertada para a efeméride por um *press release* de uma agência de comunicação, mas decidiu assinalar a data porque "a Dove foi das primeiras marcas que se preocuparam com a questão da 'beleza real' e fê-lo a partir de inquéritos em que concluiu que apenas 2% das mulheres se sentiam bem na sua pele".

"O tema é a falta de auto-estima que é cultivada por capas de revistas e publicidade com mulheres perfeitas. Lembro-me da campanha há 20 anos e do impacto que teve. Há um problema de saúde mental porque os jovens não se sentem bem nos seus corpos – a publicidade, as marcas e as redes sociais contribuem para isso. E a Dove fez um caminho diferente ao fazer inquéritos e ao promover campanhas em que mostra mulheres reais com corpos reais. Mais, a marca tem projectos concretos como o que referimos na peça – o de ir às escolas com mediadores que ajudam à inclusão das crianças com mais dificuldades", salienta.

A editora considera que este caso marcou "uma mudança de paradigma nas campanhas publicitárias sobre beleza". E invoca as capas de revistas "com mulheres jovens, magras e belíssimas, mas que isso mudou também graças a campanhas como as da Dove; e que, agora, esse caminho se faz renunciando ao uso da IA".

"Se há 20 anos a marca não tivesse começado estas campanhas viradas para a 'beleza real', não chegaria à renúncia da IA nessas mesmas campanhas", diz, para justificar a associação noticiosa entre os dois casos.

Não foi a primeira vez que o Ímpar escreveu sobre as campanhas da Dove. A editora exemplifica com vários artigos, incluindo dois relativos a campanhas que suscitaram acusações de racismo, pelas quais a marca pediu desculpa e retirou de circulação.

Interrogada sobre a razão pela qual não tinha dado mais destaque aos dados resultantes dos inquéritos feitos pela empresa, Bárbara Wong argumenta: "Este ano, porque tinha a data redonda, achei que fazia sentido contar a história destas campanhas." E quanto ao facto de uma caixa com os resultados do inquérito ter saído no *online*, mas não no papel, justifica-o com a falta de espaço e com ter achado "mais pertinente a evolução das campanhas". "Aliás, os resultados do inquérito podiam ser uma notícia isolada, como fizemos no ano passado", concede.

Ímpar

Beleza Real da Dove nasceu há 20 anos mas agora o alvo é a inteligência artificial

Usar o nome da marca e da sua campanha publicitária no título, começar pela efeméride e não pela novidade (a recusa da IA), inserir a toda a largura a foto da campanha dão à página um aspecto claramente promocional

Sobre a utilização da foto da campanha publicitária de 2004 na edição impressa poder mimetizar o próprio anúncio, a editora explica que a imagem que usou no *online* ficaria demasiado escura no papel e não tinha alternativa. "Embora compreenda que se pode confundir com publicidade, se lermos o texto percebemos que não é publicitário, mas noticioso", assegura. E lembra que há inúmeros casos em que o jornal recorre a imagens promocionais, como filmes, séries televisivas, teatros, bandas, livros, hotéis, carros, por exemplo, sem que isso seja considerado promoção da respectiva marca.

À questão sobre se poderemos estar perante uma diluição de fronteiras entre jornalismo e publicidade, a editora disse "compreender que se possa estar no limite", mas reitera que "a campanha mudou o paradigma da beleza na comunicação social, contribuiu para uma maior heterogeneidade de rostos, de corpos e até de etnias, para uma mudança nas capas das revistas, nos anúncios de televisão, na escolha de actores".

E conclui, lembrando que "a responsável por isso foi uma marca de produtos de higiene, que o fez com o objectivo de vender mais gel de banho e cremes, mas que contribuiu para que os jovens (e não só) olhem para si próprios com mais benevolência, alheando-se um pouco da ditadura da beleza e aceitando-se. Isso só faz bem à saúde mental deles e da sociedade em geral".

O provedor não duvida da importância da campanha da Dove e dos seus efeitos na auto-estima das jovens. Como não duvida das boas intenções – e da boa-fé – da editora em dar destaque a esse facto de há 20 anos a que atribui tanto impacto.

Mas, como (quase) sempre, a questão está na forma como o assunto foi paginado e sobretudo titulado. Usar o nome da marca e da sua campanha publicitária no título, começar pela efeméride e não pela novidade (a recusa da IA), inserir a toda a largura da página a foto da campanha dão à página um aspecto claramente promocional.

Acontece que a peça tem dados bem interessantes do ponto de vista sociológico, que saíram dos inquéritos feitos pela marca a 33 mil entrevistados em 20 países. Desde os escassos 2% de mulheres que se consideram bonitas até às 76% que se sentem pressionadas a parecerem saudáveis, passando por todos os outros números das que se sentem pressionadas a parecerem magras, jovens, com cintura pequena ou algumas curvas, está um conjunto de dados com patente interesse jornalístico.

Dados que foram inseridos numa caixa que só saiu *online* e que se tivessem sido a âncora da peça e sobretudo estivessem no título teriam evitado a proximidade com um texto promocional da marca. Por exemplo, a editora argumenta que não teve espaço para inserir a caixa na edição impressa, mas se tivesse reduzido significativamente a foto da campanha, teria ganho em dois campos: inseria no papel os dados mais interessantes (e a novidade) da peça e evitava o mimetismo entre o artigo e a campanha publicitária.

E não é preciso ir mais longe do que um artigo publicado exactamente um ano antes sobre um outro estudo da Dove, cujo título foi "Nove em cada dez jovens usam redes sociais desde os 13. Pais não sabem o que fazer". A marca só surge no corpo do texto e ouvem-se vários especialistas sobre o assunto, o que faltou também no caso vertente.

Invocando este exemplo, a editora admite que os resultados poderiam ser objecto de uma notícia autónoma. Mas essa é que seria a notícia, para fazer prevalecer o critério jornalístico em detrimento da efeméride da campanha publicitária, que, enquanto tal, poderia vir a reboque da renúncia ao uso da IA.

Assim, na aparência, o resultado final ficou na fronteira entre jornalismo e promoção comercial. Sublinho a aparência, porque, neste caso, aplica-se a velha máxima: não basta ser sério, é preciso também parecê-lo.

provedor@publico.pt

Espaço público

Porque ajustámos as taxas de juro

Christine Lagarde

O BCE reduziu as taxas de juro. A sua presidente, Christine Lagarde, explica porquê e o que falta fazer para que a inflação regresse a 2% no médio prazo

Há dois anos, começámos a aumentar as taxas de juro, porque a inflação era demasiado elevada. Entretanto, a situação melhorou. Embora alguns preços ainda continuem a registar subidas significativas, em especial no setor dos serviços, a inflação, em geral, desceu bastante. Presentemente está no bom caminho para atingir 2% no próximo ano, o nível que visamos para a consecução da estabilidade de preços.

A descida da inflação permite ao BCE baixar as taxas de juro e, esta quinta-feira, reduzimos a taxa de juro diretora em 0,25 pontos percentuais de um nível de 4% que vigorou durante nove meses. Isso significa que será mais barato para as pessoas contrair empréstimos ou para as empresas obter crédito para investimento.

A nossa decisão também marca um momento importante na luta contra a inflação.

Em julho de 2022, começámos a subir as taxas de juro, no contexto de uma fase que os especialistas designam como "aumento da restritividade da política monetária". Fazendo a analogia com um automóvel, é comparável a um condutor pisar o pedal do travão. Aumentámos as taxas de juro a um ritmo sem precedentes – em 4,5 pontos percentuais em pouco mais de um ano. Atuámos com determinação, porque a inflação tinha subido para níveis excessivamente elevados, atingindo um máximo de 10,6% em outubro de 2022.

Uma das razões para a subida acentuada da inflação foi a invasão injustificada da Ucrânia pela Rússia, que fez disparar os preços dos produtos energéticos e dos produtos alimentares. Além disso, muitas empresas tiveram mais dificuldade em obter o equipamento, os materiais e as peças sobresselentes necessários, o que agravou os problemas já existentes gerados pela pandemia.

Enfrentávamos igualmente o risco real de as pessoas acreditarem que a inflação elevada era a nova normalidade. Tal significaria que a inflação elevada passaria a ser usada como referência para a fixação de preços pelas empresas e a negociação de salários pelos trabalhadores. Se assim fosse, a inflação elevada passaria a estar enraizada na economia.

Por conseguinte, tínhamos de fazer tudo para afastar este perigo. É nosso dever, perante os cidadãos europeus, manter a inflação baixa e estável. Estamos cientes de que a subida da inflação e os subsequentes aumentos das taxas de juro criaram dificuldades para algumas pessoas e empresas. O custo do crédito às empresas e do crédito à habitação subiu de forma considerável. Tudo ficou mais caro, mas os rendimentos (os salários e as pensões) não acompanharam esta tendência – pelo menos, não inicialmente.

Ainda há um longo caminho a percorrer até à normalização da inflação na economia. Não será assim tão fácil. É necessário vigilância, empenho e perseverança

Com a nossa atuação determinada, asseguramos que a inflação elevada não durasse demasiado tempo. Em setembro de 2023, a inflação tinha descido para 5,2%, cerca de metade do máximo atingido no ano precedente. O perigo de as pessoas esperarem uma inflação elevada também já se tinha praticamente desvanecido.

Tal permitiu-nos entrar na fase seguinte da nossa política monetária: a "fase de espera", durante a qual mantivemos as taxas constantes, ou seja, nem pisámos o travão com mais força, nem aliviámos a pressão. Embora confiássemos que as taxas de juro estavam a reduzir a inflação, esta ainda era demasiado elevada para nos sentirmos à vontade. Neste enquadramento, teria sido contraproducente começar a baixar as taxas de juro demasiado cedo.

Contudo, atualmente, observamos progressos em muitas frentes. A inflação desceu novamente para metade, situando-se em 2,6%. Está agora no bom caminho para atingir 2% na segunda parte do próximo ano. E a política monetária está a dar um forte contributo para que a inflação regresse ao nosso objetivo. Assim, com a redução das taxas de juro, decidimos moderar o nível de restritividade da política monetária.

Todavia, ainda há um longo caminho a percorrer até à normalização da inflação na economia. Não será assim tão fácil. É necessário vigilância, empenho e perseverança.

As taxas de juro terão, portanto, de permanecer restritivas enquanto for necessário para assegurar a estabilidade de preços numa base duradoura. Por outras palavras, ainda precisamos de manter o pé no travão durante algum tempo, mesmo que não estejamos a pisá-lo com tanta força como antes.

As nossas futuras decisões de política monetária dependerão de três fatores: continuarmos a ver que a inflação está a evoluir no sentido de um regresso atempado ao nosso objetivo, observarmos um abrandamento geral das pressões sobre os preços na economia e constatarmos que a nossa política monetária continua a ser eficaz no controlo da inflação. Estes fatores determinarão quando poderemos levantar mais o pé do travão.

Realizámos progressos assinaláveis, mas a nossa luta contra a inflação ainda não terminou. Na qualidade de guardiães do euro, estamos empenhados em garantir uma inflação baixa e estável em benefício de todos os cidadãos europeus.

Presidente do Banco Central Europeu

KAI PFAFFENBACH/REUTERS

Albuquerque vai governar a Madeira tendo os Açores como exemplo

Na Madeira, como nos Açores e até no conjunto do país, o PSD depende do Chega ou do PS para governar. Nos arquipélagos, os sociais-democratas viram-se para o Chega para conseguir a maioria

Rui Pedro Paiva

Com a tomada de posse do XV Governo Regional, a Madeira passará a ser governada numa lógica análoga à dos Açores, com o PSD a liderar um governo minoritário e a abrir a porta a entendimentos com o Chega. No plano nacional, apesar do "não é não" de Montenegro ao Chega, também não existe uma maioria óbvia capaz de assegurar a governabilidade, e o Governo depende do partido de André Ventura ou do PS para governar.

Para já, a legislatura madeirense arrancou sem garantias de estabilidade, com o Chega a posicionar-se como fiel da balança. O primeiro sinal foi dado, na quinta-feira, com a eleição do presidente do parlamento madeirense, apenas à terceira tentativa, um episódio que fez lembrar a eleição de Aguiar-Branco na Assembleia da República.

O PS-M apresentou uma candidata, Sancha Campanela, que conseguiu vencer a primeira votação com 22 votos, mais dois do que o líder regional do CDS-PP, mas, ainda assim, sem a maioria necessária de 24 deputados. No segundo acto, José Manuel Rodrigues, do CDS-PP, ficou à frente com 23 votos contra os mesmos 22 da socialista. Quando já pairava no ar a possibilidade de a eleição ter de ser adiada, o centrista recolheu os 24 votos necessários para ser reeleito presidente da assembleia legislativa, tal como fora negociado com o PSD-M no âmbito do acordo de incidência parlamentar. À terceira foi de vez.

A eleição demonstrou quão difíceis podem vir as ser as contas da governabilidade e fez o Chega puxar para si o título de "partido com a maior importância" na Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira (ALRAM). "Aprendam! Hoje na ALRAM ficou provado que nada será como dantes. Na Assembleia só passarão boas medidas, medidas essas que salvaguardem os interesses dos madeirenses e porto-santenses", escreveu o líder do Chega-M, Miguel Castro, no Facebook.

Indo a contas. PSD (19) e CDS-PP (dois) assinaram um acordo parlamentar e contam com 21 deputados, mais um do que a aliança feita entre o PS (11) e o Juntos Pelo Povo (JPP). São precisos 24 mandatos para a maioria absoluta. Já depois da indigitação de Miguel Albuquerque, o JPP deixou cair o acordo com os socialistas, mas o entendimento serviu para aquele partido, que foi a terceira força política (nove deputados) nas eleições regionais de 26 de Maio, marcar uma posição e distanciar-se do PSD. A Iniciativa Liberal e o PAN têm um deputado cada.

GREGÓRIO CUNHA/LUSA

Miguel Albuquerque festeja a vitória do PSD alcançada nas eleições regionais do passado dia 26 de Maio

> **A tentativa de criar instabilidade no governo [regional] só cria problemas. (...) Assim, creio que a missão está cumprida**
>
> **José Manuel Bolieiro**
> Presidente do governo dos Açores quando da aprovação do orçamento

Linhas vermelhas

Retirando o JPP da equação, PS e Chega apresentam-se como determinantes para a governabilidade da Madeira. Os socialistas forçam um afastamento do PSD para se consolidarem como alternativa, enquanto o Chega espera para ver. São os efeitos da reconfiguração do espaço político português, em particular do crescimento da direita e da fragmentação partidária, o que condiciona o PSD no que diz respeito à sua política de alianças, em especial face ao Chega. Se na República vigora um cordão sanitário, nas regiões autónomas não existem "linhas vermelhas" em relação ao partido populista liderado por André Ventura.

Nos Açores, por exemplo, ao contrário do que aconteceu na anterior legislatura, o PSD não assinou um acordo com o Chega, mas admitiu publicamente negociações com o partido para viabilizar o orçamento regional. Dois dias antes das eleições madeirenses, o documento acabou aprovado com os votos a favor do Chega, mas o PS também não quis assumir o rótulo de estar a promover a instabilidade política e absteve-se, justificando a decisão com o incêndio que deixou inoperacional a maior unidade de saúde da região. Apesar da indefinição resultante das eleições açorianas de Fevereiro, o primeiro orçamento de Bolieiro foi aprovado apenas com o voto contra do BE (PAN e IL também se abstiveram).

A governação da Madeira parece, assim, encaminhar-se para seguir o exemplo dos Açores, com Miguel Albuquerque a apelar à responsabilidade dos partidos em nome da estabilidade. "Precisamos de bom senso e diálogo na busca de soluções para a nossa comunidade. É um logro prometer o impossível aos nossos concidadãos", afirmou o social-democrata na quinta-feira, no discurso de tomada de posse, alertando para as consequências nefastas da "irresponsabilidade política".

Ao assumir uma atitude de concertação, o homem que governa a Madeira desde 2015 procura, tal como Bolieiro nos Açores e o primeiro-ministro, Luís Montenegro, no plano nacional, colocar o ónus da estabilidade no Chega e no PS. "Precisamos de aprovar um orçamento até ao Verão. A manutenção de um orçamento em regime de duodécimos tem consequências negativas para toda a gente", disse Albuquerque

Os dados estão lançados: as legislaturas ainda agora começaram, mas com três governos minoritários a incerteza parece ser palavra de ordem na política nacional.

O Presidente tem razão, não é possível travar a imigração

A semana política

São José Almeida

O Plano de Acção para as Migrações é um conjunto de 41 medidas apresentadas pelo primeiro-ministro, Luís Montenegro, e o ministro da Presidência, António Leitão Amaro, na segunda-feira, para reestruturar a política portuguesa de migração e asilo, que até pode ter sido anunciada de forma polémica, a dias das europeias, e o momento escolhido pode indiciar eleitoralismo da parte do Governo, mas esse não é o problema que esta reforma tem.

A questão, que o país deve debater, é a de perceber qual o significado real da decisão de extinguir o mecanismo de manifestação de interesses. Um mecanismo que permitia que os imigrantes entrassem em Portugal com visto turístico, encontrassem trabalho, pagassem descontos para a Segurança Social e, então, requeressem o direito de residência. Isto, para o substituir pelo regresso do mecanismo de inscrição prévia nos consulados portugueses, nos países de que são naturais, por parte daqueles que querem imigrar para Portugal, sendo que têm de ter assegurada uma promessa de contrato de trabalho.

Vamos por partes. O Plano de Acção para as Migrações do Governo tem vários aspectos positivos. É de saudar que tenha sido mantido o acordo de mobilidade com os países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa. Seria, aliás, complexo querer mexer em acordos internacionais.

É também de saudar que o Governo de Luís Montenegro tenha avançado com a criação de uma estrutura de missão, já preparada pelo PS, para a legalização dos mais de 400 mil pedidos de residência que estão oficialmente contabilizados – resta saber quantos imigrantes já desistiram e saíram de Portugal, bem como quantos ainda não conseguiram fazer a manifestação de interesse.

É, de facto, ética e socialmente indecente a situação de precariedade legal, em que vivem milhares de imigrantes em Portugal. Tanto mais que são eles que garantem o funcionamento da economia em sectores como a agricultura, a restauração, a hotelaria, a construção civil. E quando são eles que, com os descontos que pagam dos seus salários, que garantem a liquidez da Segurança Social, logo a capacidade de o Estado português pagar reformas.

Mas é preciso recordar como se se chegou à actual situação, ou seja, o contexto que rodeou o processo de extinção do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), da transferência das suas competências policiais para a PSP, a GNR e a Polícia Judiciária, bem como das funções administrativas para a nova Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA).

Lembremos que a intenção do primeiro Governo de António Costa foi acelerada pela morte de Igor Homenyuk, a 12 de Março de 2020. Mas sofreu as contingências impostas ao Estado pela pandemia de covid-19, que impediu a recolha de dados biométricos, exigidos para a atribuição de residência. Não esqueçamos também da resistência que os trabalhadores do SEF fizeram à extinção deste organismo. Além das inúmeras greves, houve um clima permanente de greve de zelo que muito contribuiu para os atrasos.

Acresce que a queda do Governo, com a demissão de António Costa a 7 de Novembro de 2023, paralisou a transição que estava em curso no processo de instalação da AIMA. Em 23 de Outubro passado, em declarações ao PÚBLICO, a então ministra adjunta e dos Assuntos Parlamentares, Ana Catarina Mendonça Mendes, apresentava um conjunto de medidas que iriam da contratação de pessoal à aposta na digitalização e na renovação informática, passando até pela intenção de criar um mecanismo de aceleração de resposta aos pedidos de residência, que na altura anunciou irem funcionar a nível municipal, aos fins-de-semana, de acordo com os tipo de mecanismos usados para a vacinação em massa contra a covid-19.

Foi, aliás, nessas declarações que a ex-ministra fez ao PÚBLICO que se soube inicialmente dos números. Havia, então, 347 mil pedidos de legalização, mas previa-se que até final de Março existissem mais 199 mil renovações de vistos temporários de um ano dados a imigrantes da CPLP e mais 53 mil vistos temporários atribuídos a cidadãos ucranianos. E não foi por acaso que Ana Catarina Mendonça Mendes declarou, segunda-feira, na RTP, que 90% deste pacote integrava a pasta de transição entre governos e tinha sido preparado pelo anterior Governo.

Voltando a questão de fundo, que é a de saber do real significado e viabilidade do fim das manifestações de interesse. Esta decisão pode diminuir as entradas de imigrantes, mas elas vão continuar a existir de forma descontrolada e sem que haja mecanismos de legalização em território português.

Isto, porque não é realista pensar que só entrarão em Portugal imigrantes de países que não são da CPLP através dos consulados portugueses. Para já não falar do esforço e do investimento na rede consular que o Estado terá de fazer, de forma a que o sistema funcione. Até porque há países de origem de imigrantes em Portugal onde o Estado português não tem consulados.

Não é realista pensar que só entrarão em Portugal imigrantes de países que não são da CPLP através dos consulados portugueses

A verdade é que, com o novo modelo, a contratação destes trabalhadores imigrantes passará a depender de empresas, o que, na prática, pode ser visto como um abrir de porta a que nasçam como cogumelos, pelo mundo, empresas de contratação de imigrantes para Portugal e, com isso, potenciar ainda mais o tráfico humano, em vez de o combater.

O mundo hoje vive circunstâncias específicas e o crescendo de vagas de migrantes para a Europa é uma realidade que assola todos os países da União Europeia, daí a aprovação, em Maio, do Pacto para as Migrações e Asilo. Mas o facto é que a economia portuguesa precisa de mão-de-obra imigrante em sectores decisivos. E não há mecanismos que travem a entrada ilegal de imigrantes em Portugal no futuro.

Não há policiamento, por mais forte que o seja, que impeça que haja pessoas que procuram melhorar de vida e buscam trabalho em países como Portugal. A criação, agora, da Unidade de Estrangeiros e Fronteiras é uma mera medida administrativa, que reorganiza funções que já estavam na PSP e na GNR, após a extinção do SEF. E, por muito que haja reforço deste departamento, ele não vai conseguir controlar tudo.

Por isto é que o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, tem razão ao defender que esta medida tem de ser transitória, como noticiou, no PÚBLICO, David Santiago. https://www.publico.pt/2024/06/04/politica/noticia/imigracao-marcelo-quer-fim-manifestacao-interesse-solucao-temporaria-2092893 Tem de voltar a haver um mecanismo legal de imigrantes se poderem registar como trabalhadores estrangeiros residentes em Portugal, para que não cresçam, no futuro, os imigrantes ilegais. O Presidente da República sabe que nenhuma polícia controla cada metro de território ou de fronteira. Ninguém trava as vagas migratórias, não há muros nem leis que o façam, assim como ninguém pára o vento com as mãos.

Jornalista. Escreve ao sábado

MIGUEL MANSO

Com o plano de emergência na saúde o SNS corre o risco de ser “destruído”

Correia de Campos O plano de emergência do novo Governo tem a “consideração mítica de que o privado resolve tudo”, critica, mas enumera medidas que são “pura continuidade”

Entrevista

Alexandra Campos

O ex-ministro da Saúde António Correia de Campos diz que uma parte das medidas do plano de emergência para a saúde apresentado pelo Governo – que esteve a ler à lupa – não é nova, mas “de pura continuidade”. Contudo, considera que há “meia dúzia” que são “inovadoras” e “boas”. Afirma que a criação dos centros de atendimento clínico representa “o regresso dos SAP [serviços de atendimento permanente] para pior” e defende que o aumento do recurso ao sectores social e privado vai conduzir à “diminuição do Serviço Nacional de Saúde (SNS)”. “Este plano pretende ser um plano de emergência, não estratégico”, mas, “com a consideração mítica de que o privado resolve tudo, acaba por ser estratégico nas consequências de destruição do SNS”.

Na apresentação do plano de emergência, a ministra Ana Paula Martins lembrou que há mais de nove mil doentes oncológicos a aguardar acima do prazo máximo previsto na lei por uma cirurgia e que 455 mil pessoas estão à espera há demasiado tempo por consultas de especialidade. Precisamos de um plano de emergência?

O sentimento de emergência é um conceito subjectivo. Não estou a dizer que esses números [de doentes em lista de espera] são normais, mas é evidente que, estando num momento pré-eleitoral, quem está no Governo tem toda a vantagem em dramatizar a situação que afirma ter herdado e em apresentar como novas propostas que não são novas, são dos anteriores governos. Vou dar-lhe exemplos das “novas” medidas que são pura continuidade: as 200 novas unidades de saúde familiar [USF] modelo B; nos cuidados continuados, usar o PRR [Plano de Recuperação e Resiliência] para continuar a construir a rede – não foi este Governo que fez o PRR –; o regime de dedicação plena foi criado pelo anterior Governo e já conta com a adesão de cinco mil médicos; as 900 vagas para médicos reformados – o cabimento foi definido no orçamento para 2024, tal como aconteceu com os cem psicólogos anunciados para os cuidados de saúde primários; o programa de saúde mental é todo transplantado do já existente, a vacinação reforçada na gripe para as pessoas de 85 e mais anos já estava em preparação.

Mas há medidas novas neste plano, por exemplo os centros de atendimento clínico. O que pensa destas medidas?

Há meia dúzia de medidas inovadoras que são boas. A que me parece mais interessante é privilegiar as primeiras consultas hospitalares através de uma diferenciação na retribuição. Continuamos estacionados em 25% de primeiras consultas, o que significa que três quartos do tempo dos especialistas mais qualificados são para consultas de acompanhamento, quando muitas podiam ser feitas nos cuidados de saúde primários. Também é boa a ideia de articulação dos lares com o SNS, utilizando o mesmo pessoal mas gerido em rede – era uma proposta que vinha da Direcção Executiva do SNS mas que não estava executada. O mesmo para o aumento do papel da enfermagem no acompanhamento da gravidez, parto e puerpério. Há outra medida, muito errada no seu conjunto e na forma apresentada, mas que pode ser bem aproveitada – a criação de centros de atendimento clínico, os CAC.

Não é o regresso dos serviços de atendimento permanente (SAP) nos centros de saúde que fechou quando foi ministro?

É pior. É o regresso dos SAP para pior. É a total medicina despersonalizada, não tem qualquer continuidade de cuidados ou ligação ao médico de família. Cada sala vai precisar de cinco médicos para funcionar 24 horas. Serão precisos entre 240 e 360 médicos de família. Eles existem mas estão nas USF [unidades de saúde familiar]. Se vão oferecer grandes condições de trabalho nestes centros, os médicos vão sair das USF e isto vai desmantelar por completo os cuidados de saúde primários. Mas esta ideia podia ser boa com outro nome e fisionomia. Os CAC podiam ser transformados em centros de diagnóstico e de meios complementares de diagnóstico e terapêutica. Os centros de saúde não têm radiologia, química básica...

Mas o objectivo do Governo com a criação destes centros é aliviar as urgências hospitalares.

As urgências têm de ser aliviadas com USF. Ainda por cima, querem criar USF modelo C, que são outro disparate.

No entanto, as USF modelo C estão previstas na lei desde há muitos anos, não é?

Sim, está prevista na lei a possibilidade de existirem. Eu tive contactos com grandes grupos financeiros quando fui ministro e ofereci-lhes essa possibilidade, mas não se interessaram. Nessa altura fazia sentido, mas, neste momento, com a penúria de médicos de família, onde se vai buscar estes médicos? Vão ser roubados aos centros de saúde. Nas USF modelo B é que se deve insistir. Estar a dispersar por outras instanciasse um erro gravíssimo, é destruir o que de bom que existe na saúde.

A criação de centros de atendimento clínico é o regresso dos SAP para pior

Com a penúria de médicos de família, onde se vai buscar os médicos para as USF modelo C?

O que o Governo propõe neste plano é que se recorra aos sectores social e privado, depois de esgotados os recursos do SNS. Não faz sentido?

Mas no sector privado mais de 70% dos médicos trabalham também no SNS... As pessoas ou são ignorantes ou não têm boa-fé. Basta pensarem e olharem para os números para verem que a *pool* de médicos de família é única. Há muito poucos médicos de família.

Estão a formar-se muitos novos especialistas, o problema é que uma parte não fica no SNS.

Se houver USF modelo B, todos querem ficar. Por isso, o investimento deve ser feito na criação dessas unidades. Esse é que é o caminho correcto.

Só que, entretanto, temos um grande problema – mais de 1,5 milhões de pessoas não têm médico de família. Como ultrapassamos esta situação com rapidez?

A única forma de o resolver é criar o maior número possível de USF modelo B e através da qualidade

RUI GAUDÊNCIO

remuneratória e de exercício da profissão. As soluções de recurso, como os SAP, são caras, são má medicina e são dispendiosas, implicam despesas a jusante muito elevadas, mais medicamentos, mais meios complementares de diagnóstico, por causa da falta de continuidade de cuidados.

Disse que havia meia dúzia de boas medidas no plano, mas referiu apenas três.

Há outras coisas interessantes, como a medida prevista para os doentes crónicos, que pode aliviar consultas de repetição nos hospitais. Sugiro outra coisa: criar clubes de utentes frequentes acoplados aos centros de saúde, numas salas ou num anexo simpático. Os municípios poderiam organizar estes centros.

No plano preconiza-se um aumento do recurso ao sector privado. Havia alternativa?

Para ir buscar médicos ao sector privado, vai buscar-se a um preço tão alto que vai destruir a estrutura dos cuidados de saúde primários.

Acha que é esse o objectivo? Isto pode ser o caminho para a destruição da base do SNS?

Não acho que seja uma intenção voluntária, acho que é ignorância. As pessoas estão convencidas de que os sectores privado e social são um filão inesgotável e não são.

Se as medidas do plano de emergência avançarem tal como estão previstas, o que acontecerá ao SNS?

Destroem o SNS. Não tenho dúvidas de que existe o risco de destruir o que de bom tem o SNS. Se estas medidas forem tomadas, o resultado será inevitavelmente o aumento do sector privado e uma diminuição do SNS. Admito que não seja uma intenção explícita do Governo, acho que o que há é ignorância, inconsciência sobre os efeitos. É a ideia mítica, salvífica, de que o privado resolve tudo. Mas o sector privado é muitíssimo mais frágil do que o SNS em termos de qualidade. Este plano é um pouco um gato escondido com o rabo de fora.

É um plano de emergência.

Pretende ser um plano de emergência, não estratégico, mas acaba por ser estratégico, com essa destruição do SNS. Com a consideração mítica de que o privado resolve tudo, acaba por ser estratégico nas consequências de destruição do SNS. O fio condutor é a passagem de responsabilidades para um sector privado que não tem condições para as cumprir, que não tem médicos ou que os vai roubar ao sector público. Vai esvaziar o SNS. O país oscila entre a crença absoluta de que tudo deve ser público e a crença absoluta de que, se o público está a falhar, vamos ao privado. A solução é ter bom senso, pegar nas coisas que funcionam bem como as USF e os centros de responsabilidade integrada [CRI] nos hospitais, pagar melhor aos profissionais e pôr as pessoas a trabalhar no público com prazer.

Reforma de Fernando Araújo

"Tenho as maiores dúvidas sobre as unidades locais de saúde"

António Correia de Campos preferia que se tivesse optado pelo reforço da Administração Central do Sistema de Saúde (ACSS) em vez de se ter criado a Direcção Executiva do Serviço Nacional de Saúde, de que não é "fã". Também confessa ter "as maiores dúvidas" sobre o benefício da generalização das unidades locais de saúde (ULS), a grande aposta do demissionário director executivo do SNS, Fernando Araújo.

O Serviço Nacional de Saúde (SNS) precisava uma direcção executiva?

Eu não sou fã da direcção executiva. Preferia mil vezes que se tivesse adoptado outra solução – como a de reforçar a ACSS. O meu problema com a direcção executiva é a redundância de funções. Repete funções e está tudo muito mal definido. Aquela legislação foi feita com os pés.

O que pensa da forma como ocorreu o processo que culminou com a demissão do director executivo, Fernando Araújo?

O que a ministra da Saúde devia ter feito, em vez de estar a hostilizar, era ter pedido a um organismo independente que fizesse uma avaliação do trabalho da DE. Foi tudo mal tratado.

Se havia críticas a fazer em relação ao modelo adoptado, tenho a certeza de que o professor Fernando Araújo aceitaria rever o modelo e continuar a trabalhar. É uma pessoa de uma enorme energia, conhecimento e capacidade de trabalho, apesar de ser muito centralizador e pouco colegial. Portanto, acho que foi um erro grande a forma como foi forçada a demissão.

Acha, então, que Fernando Araújo foi maltratado?

É evidente que sim, do que se sabe pelos jornais. Uma pessoa com o gabarito dele e com o esforço e o sacrifício que fez... embora ache que a direcção executiva divulgou pouco as razões das medidas que adoptou. Eu tenho as maiores dúvidas sobre as ULS [unidades locais de saúde]. Suponha que tem um milhão de euros para investimentos. Na competição entre equipar um departamento de gastrenterologia de um hospital ou construir uma extensão de centro de saúde, qual será a prioridade? É evidente que a prioridade vai toda para a tecnologia. E as ULS foram construídas na vaga ideia e pretensão de que, assentes em hospitais, poderiam trabalhar bem com os cuidados de saúde primários. Mas a organização em ULS impossibilita ou torna altamente difícil a regionalização da saúde. E em todo o mundo a saúde está organizada regionalmente, não é por unidades dispersas. Com o domínio da área hospitalar é impossível haver uma articulação saudável.

Escolheram um médico que é militar para substituir Fernando Araújo. É uma boa opção?

Dou o benefício da dúvida. É sintomático que o plano do Governo crie um departamento de urgência e emergência na DE-SNS. O currículo da pessoa [escolhida para liderar a DE] coincide com a circunstância de terem dado um relevo excepcional a este departamento. A criação deste departamento é uma ideia do plano de emergência que me parece mirífica. É totalmente confundir organização com função. A urgência é uma função, como o internamento ou a consulta externa.

É alimentar ainda mais o que alguns designam como o "monstro" das urgências?

Sim, é urgencializar ainda mais o sistema de saúde que é um sistema deformado há muitos anos em Portugal. Nos outros países não é assim.

O melhor indicador do bom funcionamento de um sistema de saúde é a redução do número de idas à urgência. Se conseguirmos baixar este número e substituí-lo por consultas de medicina familiar, estamos no bom caminho.

O que pensa da escolha do novo director executivo do Serviço Nacional de Saúde, o tenente-coronel António Gandra d'Almeida?

Parece uma pessoa estimável, tem um currículo limpo, mas parece-me pouco experiente, ainda que isso não queira dizer nada. **A.C.**

Universidades esgotam verba disponível para apoios à saúde mental dos estudantes

Ana Dias Cordeiro

Há 40 universidades e politécnicos contemplados. Ministério da Educação vai fazer os pagamentos em breve

Existem hoje na rede do ensino superior 446 mil estudantes entre os 18 e os 25 anos. E é para eles, enquanto beneficiários no futuro, que foi criado o Programa para a Promoção da Saúde Mental no Ensino Superior, lançado no ano passado. A dotação dos 12 milhões para este programa, ao qual as instituições do ensino superior puderam candidatar-se em Outubro de 2023, foi ultrapassada pelo valor de todas as 40 candidaturas aprovadas pela Direcção-Geral do Ensino Superior, valor esse que ascende a 12.360.635 euros.

Contactado, o gabinete de imprensa do Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) garantiu que "todas as candidaturas aprovadas vão ser financiadas", apesar de o valor total dos projectos aprovados exceder os 12 milhões de euros para o lançamento do programa, em pouco mais de 360 mil euros.

Também confirmada pelo gabinete do ministro Fernando Alexandre ficou a garantia de que vai começar em breve a transferir para as instituições do ensino superior a primeira *tranche* do apoio ao Programa para a Promoção da Saúde Mental no Ensino Superior, cujo concurso foi lançado em Outubro do ano passado, pelo anterior Governo, para universidades e politécnicos, públicos e privados.

A lista das candidaturas aprovadas em 40 instituições foi publicada em 28 de Maio. O pagamento do adiantamento, que corresponde a 30% do valor a financiar a cada instituição, "já está a ser processado e será transferido em breve para as instituições do ensino superior", confirmou o gabinete de imprensa do MECI.

Os principais critérios para os montantes elegíveis foram a dimensão da instituição e o mérito do projecto apresentado. Os valores agora aprovados oscilam entre cerca de 144 mil euros (valor mais baixo) para a Universidade da Madeira e para o Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada, e o valor mais alto, de cerca de 542 mil euros, para as universidades de Lisboa, do Porto, de Coimbra, do Algarve, de Aveiro, Nova de Lisboa e Lusófona.

Entre estes dois valores extremos, estão apoios financeiros destinados a vários politécnicos, às universidades do Minho, de Évora, de Trás-os-Montes e Alto Douro, a Católica, a Portucalense Infante D. Henrique, entre outras.

Ainda segundo o aviso, o Programa para a Promoção da Saúde Mental no Ensino Superior promove, através de financiamento, a implementação de projectos na área de saúde mental e bem-estar, apoiando as instituições "na criação de uma resposta adequada às crescentes solicitações da comunidade académica nesta área", e actuando também na prevenção. O remanescente do financiamento será transferido em duas etapas seguintes, no mês de Setembro de 2025 e de 2026, respectivamente.

As necessidades na área da saúde mental de grupos da sociedade mais expostos aos impactos resultantes da pandemia e do confinamento, com uma preocupação especial focada nos adolescentes e nos jovens adultos, têm sido objecto de vários estudos.

NUNO FERREIRA SANTOS

Um quarto dos alunos da Universidade de Lisboa tem depressão

Diversos trabalhos científicos foram publicados nos últimos anos, no contexto nacional e internacional, para demonstrar esses impactos. A Universidade de Lisboa realizou um estudo em 2022, segundo o qual, numa amostra de 7756 estudantes, 15% estavam em risco de *burnout*, 25% apresentavam "níveis severos ou muito severos de stress", mais de um quarto (26%) apresentava sintomas de ansiedade e um quarto (25,2%) sintomas de depressão.

Este estudo concluía com a recomendação de haver "investimento e reforço dos recursos e respostas dos serviços de Saúde Mental das instituições do ensino superior" e "uma forte aposta em medidas de prevenção".

Além de beneficiarem dos projectos a serem implementados no quadro deste programa, os estudantes do ensino superior vão passar a ter, a partir de Setembro, acesso a consultas de psicologia através da atribuição de um cheque-psicólogo, sendo disponibilizadas 100 mil consultas, como foi anunciado no mês passado pela nova ministra da Juventude, Margarida Balseiro Lopes.

Caso do ajudante de cozinha força AIMA a despachar mais processos em 90 dias

Joana Gorjão Henriques

O caso de um ajudante de cozinha do Bangladesh que ao fim de quatro anos continua sem resposta ao seu pedido de residência já fez história, consideram especialistas.

Ao fim de vários anos de críticas sobre os atrasos nas concessões de autorizações de residência, um "clássico" sobre o qual imigrantes e organizações no terreno se lamentam há anos, na quinta-feira, um acórdão do Supremo Tribunal Administrativo, STA, decidiu que é necessário a Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA) cumprir o prazo legal de três meses para decidir os pedidos de imigrantes para proteger direitos, liberdades e garantias.

Este entendimento estende-se a todos os pedidos pendentes e futuros da AIMA, afirma o constitucionalista Pedro Bacelar de Vasconcelos, independentemente de as pessoas recorrerem à justiça. Embora o prazo de 90 dias esteja legalmente previsto, a AIMA não o cumpria e só havia sanções se se recorresse à justiça – e se os juízes assim o decidissem, porque nem todos tinham o mesmo entendimento do STA. Alguns advogados optaram por usar a intimação para a protecção de direitos, liberdades e garantias como forma de acelerar a resposta. Só o advogado do ajudante de cozinha, Marco Spínola Barreto, conseguiu respostas a milhares de pedidos por esta via.

Mas o acórdão não dispensa a necessidade de recorrer à justiça, se o objectivo forem as sanções previstas na lei – além de o presidente da AIMA correr o risco de ter de as pagar do seu bolso (cerca de 90 euros por cada dia de atraso, segundo o advogado), os cidadãos afectados podem ainda pedir reparação, refere Pedro Bacelar de Vasconcelos. "Mas é dever da AIMA acatar a decisão. A agência está obrigada a dar resposta em 90 dias nos termos da lei; o que este acórdão traz de novo é que é intolerável esse incumprimento, pela grave lesão dos direitos" do cidadão estrangeiro.

O acórdão força a AIMA a decidir em três meses os casos análogos, referem as especialistas em migrações, a professora de Direito Ana Rita Gil e Filipa Santos Costa, vogal do conselho geral da Ordem dos Advogados. "O STA está, com este acórdão, a reforçar a ideia de que a AIMA tem de cumprir a lei", afirma Filipa Santos Costa pela Ordem dos Advogados.

A AIMA, presidida por Goes Pinheiro, não quis comentar a decisão judicial

Mas para Ana Rita Gil o acórdão só cria esse vínculo para os casos em que sejam afectados os direitos, liberdades e garantias – ou seja, entre os 400 mil pedidos pendentes da AIMA nem todos se enquadrarão. "Tem de ser para as situações em que as pessoas evocam direitos, liberdades e garantias, aplica-se a situações semelhantes. Pode haver, por exemplo, pendente um 'visto *gold*' em que esses direitos fundamentais não estejam em causa", acredita. Considera que o impacto desta decisão "é muito grande": "É uma decisão histórica, porque vem reconhecer que em alguns casos há um direito humano à regularização, quando as pessoas por não terem títulos de residência estão destituídas de direitos humanos."

Filipa Santos Costa, em nome da Ordem, lamenta que não tenha avançado o protocolo assinado entre a Ordem e AIMA no início de Março, para que os advogados ajudassem a tratar das pendências de forma mais célere até o problema estar resolvido. "Não se compreende como é que esse protocolo ainda não foi implementado, visto que visa, precisamente, desbloquear as pendências." Para a Ordem, é importante que se use a ajuda que pediram, até porque "não se devem judicializar estes processos, devem ser decididos atempadamente em sede própria, na administração". E acrescenta: "É importante impedir que estes processos cheguem a tribunal, até porque isso cria desigualdade entre os imigrantes que recorrem e os que não têm essa possibilidade."

Contactada pelo PÚBLICO, a AIMA começa por dizer que não comenta decisões judiciais, adiantando a seguir que se reorganizou internamente "para garantir uma resposta tempestiva aos processos que correm termos em tribunal".

Presidência envia documentos sobre caso das gémeas para o Parlamento

Gina Pereira e Mariana Oliveira

MP disse ao Supremo que não existe "qualquer suspeição ou indiciação da prática de qualquer acto ilícito" por parte de Marcelo

A Presidência da República recebeu ontem da Comissão Parlamentar de Inquérito ao caso das gémeas um requerimento a pedir a documentação relacionada com o caso, revelando o organismo liderado por Marcelo Rebelo de Sousa que irá enviar os elementos para o Parlamento na próxima terça-feira. A Presidência esclarece ainda que a documentação que vai ser remetida é "a mesma" que já fora transmitida no final do ano passado à Procuradoria-Geral da República.

Num comunicado publicado ontem no *site* da Presidência, esta revela que "tal como transmitido à Procuradoria-Geral da República, a 4 de Dezembro de 2023, os dois únicos elementos da Casa Civil que intervieram no caso em apreço, entre 21 de 31 de Outubro de 2019, data em que o processo foi transmitido, nos termos habituais, ao Gabinete do Primeiro-Ministro, foram o Chefe da Casa Civil e a assessora para os assuntos sociais".

E assegura: "Depois dessa data não mais a Presidência da República – e, nela, o Chefe da Casa Civil ou a assessora para os assuntos sociais – interveio sobre a matéria, para nenhum efeito."

Ontem, o Supremo Tribunal de Justiça esclareceu que foi informado pelo Ministério Público (MP) de que o "Presidente da República não era visado" no inquérito que investiga um alegado favorecimento no caso das gémeas luso-brasileiras tratadas com um medicamento que custou dois milhões de euros por criança ao Estado português. E destaca que, nessa informação, se referia que não existiam contra o chefe de Estado "qualquer suspeição ou indiciação da prática de qualquer acto ilícito".

Numa nota enviada à comunicação social, na sequência de notícias do PÚBLICO e do *Expresso* que referiam que este processo tinha ido ao Supremo, esta instância superior sublinha:

O Supremo esclareceu ontem que foi informado pelo MP de que Marcelo "não era visado" no inquérito

"Não existindo suspeitas, de acordo com a informação repetidamente recebida do Ministério Público, nada havia a determinar por este Supremo Tribunal de Justiça."

O esclarecimento vem a propósito do envio para aquele tribunal superior, por parte de uma juíza de instrução do Tribunal Central de Instrução Criminal (TCIC), em Lisboa, de um pedido de buscas realizado neste caso. A magistrada considerava que podia estar em causa a investigação de factos que poderiam "ser da competência do Supremo".

Mas, após o processo das gémeas ter dado entrada naquele tribunal, o MP apresentou um ofício esclarecendo que Marcelo não era suspeito neste caso, logo não fazia sentido a intervenção deste tribunal superior. A posição foi acolhida pelo juiz conselheiro Celso Manata, que mandou de novo o caso para a primeira instância.

Acabou por ser a juíza de instrução do TCIC a emitir a maior parte dos mandados de busca executados quinta-feira pela Polícia Judiciária, que levaram os inspectores ao Ministério da Saúde e a duas unidades de saúde, o Hospital de Santa Maria e um centro de saúde em Cascais, onde as gémeas foram acompanhadas enquanto estiveram em Portugal. Anteontem, a PJ também efectuou buscas em casa do ex-director clínico do Hospital de Santa Maria, Luís Pinheiro, que foi constituído arguido. Quem também já era arguido é o ex-secretário de Estado da Saúde, António Lacerda Sales, que no início da semana foi alvo de buscas domiciliárias e constituído arguido.

Lacerda Sales admitiu ao *Expresso* que tinha sido através de Nuno Rebelo de Sousa, filho de Marcelo, que teve conhecimento do caso das gémeas e que reuniu duas vezes com o familiar do Presidente. O primeiro encontro aconteceu a 7 de Novembro de 2019, antes das meninas, que sofrem de atrofia muscular espinhal, viajarem para Portugal para serem tratadas. A primeira consulta de neuropediatria que ocorreu no Hospital de Santa Maria, onde as gémeas foram acompanhadas, terá sido agendada a pedido do gabinete de Lacerda Sales.

Novo *campus* da Nova previsto para zona de reserva ecológica na zona ribeirinha de Algés

Oposição em Oeiras e cientista questionam localização proposta para um novo *campus* da Universidade Nova de Lisboa em áreas da REN e numa zona ameaçada por cheias

Teresa Serafim

A questão não é a instalação de um novo *campus* da Universidade Nova de Lisboa no concelho de Oeiras: o que tem sido questionado é o local onde se propôs que seja instalado. Recentemente, a Assembleia Municipal de Oeiras aprovou uma proposta para dar reconhecimento do interesse municipal a esse equipamento e uma outra para o envio do pedido do seu reconhecimento de relevante interesse público à Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo (CCDR-LVT) para que possa ocupar áreas da Reserva Ecológica Nacional (REN). A oposição na Assembleia e na Câmara de Oeiras tem contestado a escolha da localização. Cientista alerta que é uma zona ameaçada pelas cheias e que, no futuro, é um local de vulnerabilidade extrema à subida do nível médio do mar.

A ideia é construir um edifício para o novo *campus* da Nova Information Management School (Nova IMS), da Universidade Nova de Lisboa, junto à Doca de Pedrouços, em Algés, no limite nascente do concelho de Oeiras. De acordo com a proposta, esse equipamento ficará enquadrado num projecto de requalificação da zona ribeirinha entre Pedrouços e Algés, denominado *Ocean Campus*. Este último projecto mencionado ocupará uma área de 64 hectares entre Lisboa e Oeiras, é dinamizado pelo Governo e tem sido caracterizado como um "pólo científico empresarial".

O novo edifício proposto para a Nova IMS ficará num terreno de 8650 metros quadrados, que foi concessionado pela Administração do Porto de Lisboa para equipamentos de ensino, investigação, serviços e comércio, a propósito do *Ocean Campus*. O local exacto indicado para a Nova IMS é abrangido por áreas da REN, nas tipologias de "Faixas de Protecção ao Estuário" e "Zonas Ameaçadas pelas Cheias".

No Regime Jurídico da Reserva Ecológica Nacional, prevê-se que áreas da REN podem ser ocupadas para a instalação de qualquer actividade, se tiverem o reconhecimento do relevante interesse público. Nesse sentido, a Câmara Municipal de Oeiras aprovou a proposta para reconhecimento do interesse municipal para a instalação do novo *campus* da Nova IMS, bem como uma outra em que se sugeria enviar o pedido de Reconhecimento de Relevante Interesse Público à CCDR-LVT para ocupação de áreas integradas na REN no terrapleno de Algés. As duas propostas foram também aprovadas na Assembleia Municipal de Oeiras.

Questionada pelo PÚBLICO sobre a localização, a Câmara Municipal de Oeiras, presidida por Isaltino Morais (Inovar Oeiras/IN-OV), refere que a escolha "partiu da própria universidade, que se associou ao projecto do novo *Ocean Campus*". Quanto à aprovação do reconhecimento do relevante interesse público, o município indica que uma das suas prioridades é "afirmar-se como um território de referência nas áreas da ciência, inovação, tecnologia e concentração de conhecimento" e que o novo *campus* da Nova IMS se insere na "estratégia municipal desenvolvida por este executivo".

Relativamente à ocupação em áreas da REN, salienta-se que é algo previsto no tal regime jurídico e que está dependente de um parecer vinculativo da CCDR-LVT. Também refere que "todos os estudos necessários serão obrigatoriamente elaborados pela proponente na fase de projecto de execução", para que se cumpram cotas máximas de cheia ou a aplicação de soluções sustentáveis. Por fim, como justificações, assinala-se que, no lado de Lisboa, mesmo junto ao local onde se propõe o projecto, as áreas não são delimitadas como REN e que naquela zona está já instalada a Fundação Champalimaud e o Instituto Português do Mar e da Atmosfera.

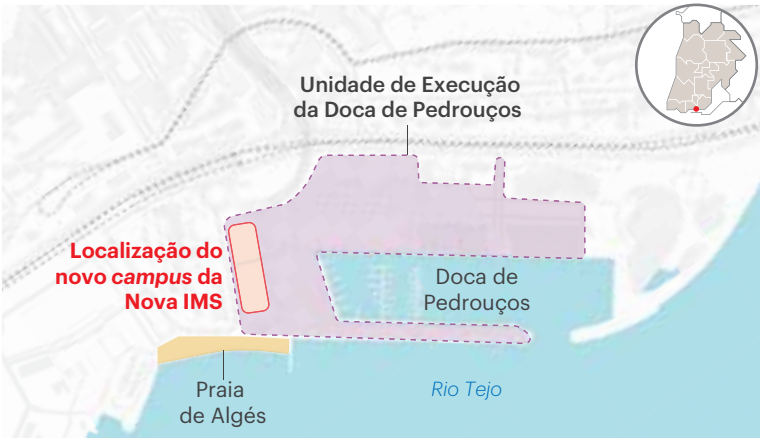
"Escolha natural"

Numa resposta enviada pelo gabinete de comunicação ao PÚBLICO, a Nova IMS refere que a selecção do local está alinhada com os seus "objectivos de crescimento". "Com este *campus* queremos não só criar condições para receber mais alunos e desenvolver as nossas actividades de ensino, mas também criar um *hub* que promova a inovação e o conhecimento", nota-se na resposta. Portanto, indica-se que a zona ribeirinha de Algés "foi a escolha natural", devido ao *Ocean Campus*.

A propósito do processo de reconhecimento de interesse público pela CCDR-LVT, a Nova IMS está agora "a aguardar a pronúncia da Agência Portuguesa do Ambiente (APA)", refere-se na mesma resposta. Também se garante que se está a trabalhar com todas as entidades envolvidas "para garantir a realização de todos os estudos de impacte ambiental necessários".

Não foram dados muitos pormenores quanto ao projecto, mas o instituto indica que serão asseguradas "todas as medidas mitigadoras do risco de cheias, incluindo um piso térreo totalmente vazado com uma cota de 3,5 metros e áreas de serviço e de acesso público a uma cota de 7,5 metros, superior à geralmente recomendada para esta área, que é de cinco metros".

Algumas vozes têm-se vindo a mostrar contra ou a questionar a localização do novo *campus*. Em reunião de câmara, Carla Castelo, vereadora eleita pela Evoluir Oeiras (coligação apoiada pelo Bloco de Esquerda, Livre e Volt Portugal), foi a única a votar contra as propostas. "Somos contra a construção do *campus* neste local", assinalou ao PÚBLICO, sublinhando que valoriza a presença de instituições científicas no concelho. A vereadora notou que nos estudos sobre o estuário do Tejo se indica que

Localização proposta para o novo *campus* da Nova IMS no terrapleno de Algés

Fonte: Câmara Municipal de Oeiras PÚBLICO

DANIEL ROCHA

O equipamento enquadra-se num projecto de requalificação da zona entre Pedrouços e Algés: o *Ocean Campus*

"este não é um local minimamente adequado" para a construção do *campus*.

"Entendemos que o empreendimento vai aumentar a impermeabilização da foz da ribeira de Algés, aumentando o risco de cheia, que já sabemos que existe naquele local", afirmou. "Estar-se a construir naquela zona, para nós, é totalmente errado." Considera ainda que muitos dos "assaltos à Reserva Ecológica Nacional começam por investimentos com estas componentes de interesse público", mas que depois são "cavalos de Tróia para outros investimentos imobiliários, como os que também estão previstos no *Ocean Campus*".

As propostas passaram na assembleia municipal, mas tiveram os votos contra da Evoluir Oeiras, da Iniciativa Liberal (IL), do Chega e do PAN. Houve ainda abstenções do PSD e da CDU. Nas intervenções, questionou-se a localização. "Não haverá outra localização onde a Nova se possa instalar? A proposta apresentada pelo município é pobre na justificação da localização", disse Anabela Brito (IL).

Já Sílvia Marques, do PAN, assinalou que "é crucial considerar os impactos ambientais e as implicações a longo prazo para a sustentabilidade e resiliência do meio ambiente". David Ferreira (Evoluir Oeiras) considerou a decisão "um erro claro" e "uma tremenda irresponsabilidade governativa". "Esta localização preocupa-nos", acusou Sónia Gonçalves, do PSD, mas considerando que "é inegável" a vinda da instituição para o concelho. Enquanto João Santos (CDU) referiu que a localização "tem sensibilidades" e que deveria ter sido "mais bem informada".

Na própria assembleia, o vice-presidente da Câmara de Oeiras, Francisco Rocha Gonçalves (IN-OV), afirmou que trazer a Nova IMS para o concelho é "uma estratégia fundamental para o desenvolvimento científico" de Oeiras e garantiu que a forma como se aprovará a construção "será de acordo com o protocolo estabelecimento entre a CCDR e a APA".

Quanto às questões sobre o facto de se construir numa área da REN, o vice-presidente disse que "a forma como está a ser tirada competitividade ao município de Oeiras através dos instrumentos de gestão territorial é absurda" e que não se pode abdicar da ida da Nova IMS para o território oeirense devido à REN. Ainda em resposta a comentários sobre o facto de se ocupar aquela área e não se estar a pensar nas alterações climáticas e nas consequências para as futuras gerações, respondeu: "Todas as gerações deixam problemas para as próximas. Tentaremos fazer o melhor possível com a informação que temos disponível e não procuraremos prejudicar a geração seguinte."

"A longo prazo, daqui a mais de 80 anos, será uma zona de vulnerabilidade extrema à subida do nível do mar"

Uma "zona de risco extremo"

E o que diz a ciência sobre a construção na localização apontada? Carlos Antunes, engenheiro geógrafo da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, indica ao PÚBLICO que os estudos em que participou mostram que é uma zona de extrema susceptibilidade e de elevado risco de inundação por *tsunami*. "A longo prazo, daqui a mais de 80 anos, será uma zona de vulnerabilidade extrema à subida do nível médio do mar, com elevada frequência de galgamento e inundação costeira", faz notar.

Além disso, refere que o risco de *tsunami* conjugado com a subida do nível médio do mar, numa situação extrema no final do século (dos piores cenários), poderá causar naquela zona inundações de até sete ou oito metros de altura. Como tal, nessas zonas de risco extremo deve tentar reduzir-se a exposição. No entanto, no caso da construção naquele local do terrapleno de Algés, vai fazer-se o contrário e aumentar-se a exposição. "Os danos potenciais causados pelas inundações, progressivamente mais frequentes, devido à contínua subida do nível médio do mar, serão elevados e cada vez maiores, com tendência de agravamento", afirma Carlos Antunes.

Quanto às medidas previstas para o projecto da Nova IMS, o investigador nota que correspondem às de adaptação mínimas face à limitação da cota de segurança de cinco metros de um programa da APA para zonas ribeirinhas ameaçadas pelas cheias. Contudo, considera que "estas medidas serão insuficientes a longo prazo, para lá dos finais do século", pois só foram aplicadas ao edifício e não à área envolvente.

"Uma coisa é construírem-se infra-estruturas temporárias de serviços – que durem ou sejam usadas apenas por 30 ou 50 anos –, ou construções já aprovadas antes do último quadro legislativo afecto às zonas costeiras, outra coisa é a aprovação de novas construções de infra-estruturas duradouras cuja utilização e exploração expõe ao risco um elevado número de pessoas", defende o engenheiro geógrafo. "Tomar esta decisão é aumentar o rol de problema e dificuldades que as gerações futuras terão de resolver devido ao aquecimento global e às alterações globais."

A França “não está em guerra” mas não descarta envio de militares

Macron assinou com Zelensky acordos de 650 milhões, envio de caças Mirage e formação de pilotos, que admite que pode vir a ter lugar em solo ucraniano

YOAN VALAT/EPA

Leonete Botelho

A pouco mais de uma semana da Conferência para a Paz na Ucrânia, que se realiza na Suíça a 15 e 16 de Junho, Volodymyr Zelensky recebeu um alento especial do Presidente francês, Emmanuel Macron, com quem se reuniu ao final da tarde de ontem. Na conferência de imprensa conjunta após a reunião entre os dois chefes de Estado, Macron anunciou uma nova fase de cooperação na área da Defesa, não descartando mesmo a possibilidade de enviar instrutores militares para a Ucrânia, para preparar pilotos e mecânicos para o uso dos caças Mirage 2000-5, cujo envio anunciara na véspera.

“Não estamos em guerra contra a Rússia, e queremos continuar a conter a escalada, mas não vamos deixar a Rússia impor os seus limites à nossa cooperação militar com a Ucrânia”, afirmou o Presidente francês. Depois, em resposta aos jornalistas, foi mais explícito: “Queremos fazer todo o possível para ajudar a Ucrânia. O treinamento de soldados ucranianos no seu território é uma escalada? Não. É reconhecer a soberania da Ucrânia”, disse, citado pelo *Le Figaro*. “Este é um pedido legítimo da Ucrânia”, sublinhou.

Ao lado de Zelensky, que se manifestou profundamente reconhecido, Macron afirmou ainda que vai “aproveitar os próximos dias para finalizar a maior coligação possível [de instrutores militares] para implementar a exigência da Ucrânia” para formação de militares ucranianos. “Queremos ter uma coligação e vários dos nossos parceiros já deram o seu acordo... Não estamos sozinhos”, acrescentou, citado pela France 24.

No período que antecedeu a visita de Zelensky, os diplomatas admitiram que o país poderia concordar em enviar instrutores militares para a Ucrânia, dada a necessidade urgente de Kiev de mobilizar rapidamente mais homens. O ministro da Defesa ucraniano disse, através de carta oficial, que tinha dito aos seus aliados que precisava de mais ajuda para treinar rapidamente e no seu território.

“Há um pedido”, tinha reconhecido Macron na quinta-feira, quando anunciou o envio de caças Mirage 2000-5 e o lançamento de um programa de formação de soldados ucranianos para ajudar a Ucrânia “a resistir” à invasão russa. O Presidente não especificou quantos Mirage fabricados pela Dassault a França iria fornecer, mas disse que Paris iria enviar os aviões e treinar os pilotos até ao final do ano. Perante a insistência dos jornalistas, dissera que “não deve existir um tabu sobre este assunto. Numa altura em que a Ucrânia enfrenta um desafio, temos de dar uma resposta”, afirmou.

“Envolvimento directo”

O Presidente francês tem-se recusado a excluir a possibilidade de enviar tropa para a Ucrânia, apesar da relutância de outros membros da NATO e da condenação furiosa de Moscovo. Perante a hipótese de França enviar militares para solo ucraniano, a Rússia avisou que seriam considerados alvos e isso provocaria uma escalada dramática do conflito, representando o envolvimento directo da França na guerra.

“Sejam eles quem forem, membros das forças armadas francesas ou apenas mercenários, representam um alvo absolutamente legítimo para as nossas forças armadas”, disse o ministro dos Negócios Estrangeiros russo, Serguei Lavrov, numa conferência de imprensa. Já na terça-feira, o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, deixava em aberto a possibilidade de ataques a eventuais instrutores estrangeiros na Ucrânia. “Os instrutores que estão envolvidos no treino do regime ucraniano não têm qualquer imunidade. Não importa se são franceses ou não”, disse, num *briefing* aos jornalistas.

No encontro entre os dois presidentes, em que foram assinados dois acordos envolvendo 650 milhões de euros em empréstimos e subsídios à Ucrânia para apoiar Kiev em sectores como energia e transportes que foram alvo de ataques russos, Macron afirmou ainda que queria que as

Antes do encontro com Emmanuel Macron, ao final da tarde, Volodymyr Zelensky discursou, de manhã, na Assembleia nacional francesa

Não vamos deixar a Rússia impor os seus limites à nossa cooperação militar com a Ucrânia

Emmanuel Macron
Presidente de França

A Europa já não é um continente de paz. Putin pode ganhar a guerra? Não, porque não temos o direito de perder

Volodymyr Zelensky
Presidente da Ucrânia

YOAN VALAT/EPA

negociações de adesão de Kiev à UE começassem "até ao final do mês".

"A França continua a apoiar a Ucrânia em todas as áreas, incluindo a nível europeu, procurando o lançamento efectivo das negociações de adesão à UE até ao final do mês", disse, acrescentando que a França também quer um "caminho irreversível" para a adesão à NATO.

Nesta quarta visita de Zelensky a Paris desde o início da invasão russa da Ucrânia, o Presidente ucraniano voltou a discursar, de manhã, na Assembleia Nacional de França, onde foi aplaudido de pé diversas vezes. "Tenho a certeza de que chegará o dia em que a Ucrânia verá nos nossos céus os mesmos jactos que vimos ontem nos céus da Normandia", disse Zelensky aos deputados franceses, citado pela Reuters. "A vossa aviação de combate, os brilhantes caças sob o comando de pilotos ucranianos, provarão que a Europa é mais forte, mais forte do que o mal que se atreveu a ameaçá-la", sublinhou.

"A Europa já não é um continente de paz", sublinhou, acrescentando: "Putin pode ganhar a guerra? Não, porque não temos o direito de perder. Poderá esta guerra terminar nas linhas que existem actualmente? Não, porque não há limites para o mal, nem há 80 anos, nem agora."

Com referências a Putin e Trump

Biden evoca coragem do Dia D para apelar à defesa da democracia em 2024

Alexandre Martins

A Pointe du Hoc, no Norte de França, a falésia tomada há oito décadas pelos homens do 2.º Batalhão dos *rangers* norte-americanos durante o Desembarque na Normandia, foi o palco escolhido por Joe Biden, ontem, para lançar novos avisos sobre as ameaças à democracia na Europa e nos Estados Unidos.

O simbolismo do local – um promontório com 30 metros de altura, entre as praias de Omaha e Utah, na costa noroeste da Normandia – teve um duplo objectivo: sugerir um paralelismo entre o expansionismo nazi nas décadas de 1930 e 1940 e a invasão da Ucrânia pela Rússia; e evocar a figura de Ronald Reagan, em ano de eleição presidencial nos EUA, como um exemplo do afastamento entre os conservadores do passado e a corrente isolacionista que se impôs no Partido Republicano pela mão de Donald Trump.

Foi na Pointe du Hoc, há 40 anos, que Reagan proferiu um dos discursos mais marcantes da sua presidência – e um dos melhores discursos de sempre de um Presidente dos EUA, segundo vários historiadores –, numa altura em que também enfrentava uma corrida à reeleição para a Casa Branca.

Ao contrário do que acontece hoje com Biden, Reagan era já o favorito à vitória na eleição de 1984 quando discursou na Normandia, mas o impacto das suas palavras contribuíram para uma duplicação quase imediata da distância nas sondagens em relação ao seu adversário da altura, o democrata Walter Mondale.

Quatro décadas depois, ninguém esperava que o discurso do Presidente dos EUA, um dia depois das comemorações oficiais do 80.º aniversário do Desembarque na Normandia, fosse capaz de levar Biden a descolar de Trump nas sondagens, mas também não era esse o objectivo da Casa Branca.

Através do elogio à coragem e ao altruísmo dos 225 *rangers* envolvidos na captura da Pointe du Hoc – e aos 90 que sobreviveram à operação, depois de uma escalada de 30 metros e após dois dias de combates no topo do rochedo –, Biden quis pôr em evidência aquilo que o distingue de Trump em termos de liderança internacional, num discurso preparado para ser visto em directo a meio da manhã nos Estados Unidos.

"Caros compatriotas, recuso-me a acreditar que a grandeza da América é uma coisa do passado", disse Biden, numa referência ao principal *slogan* de Trump, *Make America Great Again* (tornar a América grande outra vez).

Biden discursou na histórica falésia Pointe du Hoc

Sempre com o exemplo dos *rangers* como pano de fundo, o Presidente dos EUA voltou a fazer um paralelismo entre a situação na Europa e nos EUA nas décadas de 1930 e 1940 e a situação actual nos dois lados do Atlântico, com referências a Vladimir Putin e a Donald Trump.

"Eles desembarcaram [nas praias da Normandia] ao lado dos seus aliados. Alguém acredita que estes *rangers* quereriam que a América estivesse sozinha agora? Eles combateram para derrotar uma ideologia de ódio nos anos 30 e 40. Alguém duvida de que voltariam a mover céu e terra para derrotar as ideologias de ódio dos tempos actuais?"

Apontando especificamente a Trump, o Presidente dos EUA voltou a dizer, tal como o fez na quinta-feira, no seu discurso oficial das comemorações do Desembarque na Normandia, que a democracia não é um dado adquirido.

"O instinto mais natural é ser-se egoísta, vergar os outros à nossa vontade, conquistar o poder e nunca mais o largar", disse Biden.

Horas antes do discurso, o Presidente dos EUA encontrou-se com o Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, em Paris, para reafirmar o compromisso da Casa Branca com a defesa do país em face da invasão russa.

Em declarações públicas à entrada para a reunião, Biden pediu desculpa a Zelensky pelo atraso na aprovação de um novo pacote de assistência militar à Ucrânia, no valor de 61 mil milhões de dólares (56 mil milhões de euros), que teve luz verde em finais de Abril, após seis meses de bloqueio pela ala radical do Partido Republicano na Câmara dos Representantes.

Negociações de adesão à UE

Comissão confirma progressos da Ucrânia e Moldova

Rita Siza, Bruxelas

A presidência belga do Conselho da União Europeia está a trabalhar para que a primeira conferência intergovernamental com a Ucrânia e a Moldova possa realizar-se no próximo dia 25 de Junho, depois de o executivo comunitário ter confirmado que os dois países candidatos executaram as reformas adicionais exigidas pelos Estados-membros para o arranque das negociações de adesão.

O relatório da Comissão Europeia sobre os progressos destes dois países na execução das medidas adicionais que lhes foram pedidas em Março foi ontem discutido, pelo comité dos representantes permanentes na União Europeia, que preparam as reuniões do Conselho da UE.

Os técnicos de Bruxelas já validaram as três reformas levadas a cabo pela Ucrânia nas áreas do combate à corrupção, "desoligarquização" da economia e protecção das minorias nacionais. E também confirmaram que as acções anticorrupção e antioligarcas da Moldova, e a sua proposta de reforma judicial, cumprem as exigências dos 27.

"Da nossa parte, consideramos que todos os passos foram cumpridos pelos dois países. A decisão agora está nas mãos dos Estados-membros", afirmou a porta-voz da Comissão Europeia para as questões do alargamento, Ana Pisonero.

Estados-membros da UE pressionam para que o processo de adesão avance antes do final de Junho

Esta semana, Portugal co-assinou com outros onze Estados-membros uma carta ao Conselho da UE, a pressionar para a abertura das negociações com a Ucrânia e a Moldova.

"Acreditamos que este é o momento de avançar" com o processo que culminará com a entrada dos dois países na UE, escrevem, acrescentando que a par do reconhecimento dos esforços da Ucrânia e da Moldova, o início das negociações com Bruxelas "reforçaria a moral" e "daria uma motivação adicional" para prosseguirem com as outras reformas necessárias para a integração no bloco.

Segundo confirmaram fontes diplomáticas, "a presidência está a fazer todos os possíveis para que ambas as conferências intergovernamentais possam decorrer à margem da reunião do Conselho de Assuntos Gerais de 25 de Junho, no Luxemburgo, se for possível chegar a um consenso" até essa data para a aprovação do quadro negocial.

Mais uma vez, é a Hungria que está travar o processo. O Governo de Budapeste continua a ter dúvidas sobre as medidas desenhadas por Kiev para a salvaguarda dos direitos das minorias linguísticas no país (nomeadamente a minoria húngara), e por isso quer rever os termos do quadro de negociação, antes da sua aprovação.

A presidência belga está consciente de que esta é uma corrida contra o tempo, e por isso está disposta a "sprintar" para fechar um novo rascunho que acomode as pretensões do Governo de Viktor Orbán. É prego a fundo para evitar que essa responsabilidade passe para o país que vai assumir a presidência a 1 de Julho e que é... a Hungria.

Sunak pede desculpa por sair mais cedo das cerimónias do Dia D para voltar à campanha

António Saraiva Lima

Primeiro-ministro esteve na Normandia, mas regressou a Londres para gravar uma entrevista. "Foi um erro", admitiu

As comemorações do 80.º aniversário do desembarque das forças aliadas nas praias francesas da Normandia, operação militar decisiva para a vitória sobre a Alemanha Nazi na Segunda Guerra Mundial, tiveram como um dos pontos altos uma cerimónia na praia de Omaha, que culminou com um momento fotográfico com Joe Biden, Emmanuel Macron, Olaf Scholz e David Cameron.

Os mais distraídos poderão não ter notado nada de estranho, porque Cameron já foi primeiro-ministro do Reino Unido (2010-2016), mas a presença do agora ministro dos Negócios Estrangeiros britânico ao lado dos presidentes dos Estados Unidos e de França e do chanceler da Alemanha, numa iniciativa de grande simbolismo e significado histórico, levantou a pergunta: onde estava Rishi Sunak, o primeiro-ministro do Reino Unido?

O chefe do executivo britânico esteve, de facto, numa cerimónia com veteranos de guerra em Ver-sur-Mer na quinta-feira de manhã, com o rei Carlos III e com o próprio Macron; mas optou por regressar mais cedo a Londres para gravar uma entrevista com a ITV News. E, com isso, "permitiu que um antigo primeiro-ministro tirasse fotografias no seu lugar ao lado de Biden", lamentou uma fonte do Partido Conservador, em declarações ao *Guardian*.

Numa altura em que os *tories* surgem a mais de 20 pontos percentuais do Partido Trabalhista na maioria das sondagens sobre as intenções de voto para as eleições legislativas de 4 de Julho, e em que a campanha não parece estar a correr de feição a Sunak, o primeiro-ministro *tory* e a sua equipa entenderam que era prioritário regressar rapidamente à missão eleitoral.

A opção foi, no entanto, criticada por toda a oposição e por gente do próprio Partido Conservador, na quinta-feira. No universo conservador, também não caíram bem as fotografias de Keir Starmer, líder trabalhista e candidato a primeiro-ministro, à conversa com Volodymyr Zelensky, Presidente da Ucrânia.

"Porque é que nos havemos de dar ao trabalho de continuar a fazer campanha, de bater a centenas de portas, quando Sunak parece estar a fazer tudo o que pode para arruinar completamente as nossas hipóteses?", questionou a fonte *tory* que falou com o *Guardian*.

BENOIT TESSIER/REUTERS

David Cameron assumiu o lugar de Sunak numa fotografia com os líderes da França, Alemanha e EUA

Paul Brand, jornalista da ITV, que conduziu a entrevista, disse que a data e a hora da mesma foram sugeridas pela própria equipa de Sunak, após convite da televisão.

Perante a pressão interna e as críticas vindas do Partido Trabalhista, dos Liberais Democratas, do Partido Nacional Escocês ou do Reform UK, o primeiro-ministro viu-se obrigado a recorrer ao X (antigo Twitter), ontem de manhã, para pedir desculpa e assumir que foi um "erro" ter saído mais cedo da Normandia.

"O aniversário [do Dia D] deve ser dedicado àqueles que fizeram o derradeiro sacrifício pelo nosso país. A última coisa que eu quero é que as comemorações sejam ofuscadas pela política", sublinhou, lembrando os eventos em que participou, tanto em França como em Inglaterra, no dia anterior, e os encontros que teve com "os homens e mulheres corajosos que arriscaram a vida para proteger os nossos valores, a nossa liberdade e a nossa democracia".

"Após a conclusão da cerimónia britânica na Normandia, regressei ao Reino Unido. Pensando melhor, foi um erro não ter ficado mais tempo em França – e peço desculpa", admitiu.

A oposição não deixou de assinalar o que considera ser uma enorme incongruência entre o discurso securitário que Sunak tem trazido para a campanha – argumentando que só o Partido Conservador pode "proteger" os britânicos "quando o mundo está mais perigoso do que alguma vez esteve desde o final da Guerra Fria", e prometendo introduzir um novo tipo de serviço militar ou comunitário se for reeleito – e a opção de abdicar de participar num evento militar e diplomático de grande importância, ao lado dos principais líderes políticos do mundo ocidental.

"Ao escolher dar prioridade às aparições televisivas, por vaidade, em detrimento dos nossos veteranos, Rishi Sunak demonstrou o que é mais importante para ele. É mais desespero, mais caos e mais uma decisão terrível deste primeiro-ministro desligado da realidade", criticou o deputado trabalhista Jonathan Ashworth.

"Um dos maiores privilégios do cargo de primeiro-ministro é estar presente para honrar aqueles que serviram, mas Rishi Sunak abandonou-os nas praias da Normandia. Envergonhou o cargo e desiludiu o nosso país", disse, por sua vez, Ed Davey, líder dos Liberais Democratas.

Israel bombardeia centro e Sul de Gaza e avança em Rafah

Em mais um dia sem avanços significativos para um possível cessar-fogo na Faixa de Gaza, as Forças de Defesa de Israel (IDF), que bombardearam ontem a região central e o Sul do enclave, avançaram mais um pouco na zona ocidental de Rafah. Pelo menos 28 palestinianos morreram em todo o território.

Residentes da cidade situada junto à fronteira com o Egipto dizem que os tanques israelitas se encontram agora no bairro de Al-Izba, junto à costa mediterrânica, e que os soldados das IDF tomaram alguns edifícios e terrenos mais elevados, de onde estão a disparar as suas metralhadoras, impedindo as pessoas de saírem de casa.

O jornal do Qatar *Al-Araby Al-Jadeed* diz mesmo que as IDF já alcançaram a costa e assumiram o "controlo operacional" de todo o corredor que se estende ao longo da fronteira entre Gaza e o Egipto. As autoridades de saúde palestinianas informaram que duas pessoas morreram e várias ficaram feridas naquela zona de Rafah. Já no centro do enclave, pelo menos 15 pessoas morreram devido aos bombardeamentos das IDF.

O Hamas disse ontem que as suas forças em Deir al-Balah, na região centro, bombardearam uma casa onde as IDF estavam barricadas, matando alguns e ferindo outros. Segundo o Hamas, foram vistos helicópteros a aterrar para retirar a unidade israelita atingida.

As IDF concentradas no centro de Gaza dizem que também mataram "dezenas" de combatentes do Hamas e que destruíram mais infra-estruturas do movimento islamista no campo de refugiados de Al-Bureij e na cidade vizinha de Deir al-Balah.

Em Khan Younis, um ataque aéreo israelita matou oito pessoas e feriu várias, incluindo crianças.

No Norte da Faixa de Gaza, três palestinianos foram mortos num outro ataque aéreo das IDF contra um edifício escolar da Cidade de Gaza que albergava famílias deslocadas, segundo as equipas de salvamento.

Na quinta-feira, Israel atingiu um edifício da escola de Al-Nuseirat da UNRWA, da ONU, num ataque aéreo que diz ter tido como alvo cerca de 30 combatentes do Hamas que estariam no interior. Segundo o Hamas, pelo menos 40 pessoas morreram, incluindo mulheres e crianças que estavam abrigadas na escola.

As IDF já assumiram o controlo operacional do corredor ao longo da fronteira com o Egipto

"É apenas mais um exemplo horrível do preço que os civis estão a pagar; que os homens, mulheres e crianças palestinianos que estão apenas a tentar sobreviver, que estão a ser forçados a deslocar-se numa espécie de círculo da morte à volta de Gaza, tentando encontrar segurança, estão a pagar", lamentou o porta-voz da ONU, Stephane Dujarric.

As IDF responsabilizam o Hamas pelo elevado número de mortes de civis em Gaza, acusando o movimento islamista de actuar em bairros densamente povoados e utilizar escolas e hospitais como cobertura. As Nações Unidas, as organizações humanitárias e vários países acusam Israel de usar uma força desproporcionada na guerra.

O Hamas precipitou a guerra quando os seus combatentes atacaram o Sul de Israel a partir da Faixa de Gaza, no dia 7 de Outubro do ano passado, matando cerca de 1200 pessoas e levando mais de 250 reféns para o enclave, de acordo com os dados israelitas.

A invasão e os bombardeamentos de Israel em Gaza desde então mataram pelo menos 36.731 pessoas, incluindo 77 nas últimas 24 horas, informou o Ministério da Saúde de Gaza. Receia-se que milhares de outras pessoas estejam enterradas sob os escombros, com a maioria dos 2,3 milhões de habitantes deslocados.

Nesta semana, mediadores do Qatar e do Egipto, apoiados pelos EUA, tentaram conciliar novamente as exigências que impedem o fim das hostilidades, a libertação dos reféns israelitas e dos palestinianos presos em Israel e a entrada livre de ajuda humanitária para Gaza. Mas fontes próximas das negociações dizem que ainda não há sinais de um avanço.

O equilíbrio de vida também se cozinha

Quer descomplicar o seu dia-a-dia em casa e apostar cada vez mais no seu bem-estar e no tempo dedicado ao *selfcare* e à família? Ter o equipamento certo na cozinha ajuda-o nessa missão. Saiba como.

As nossas vidas estão cada vez mais viradas para o bem-estar. Seguir um estilo de vida saudável ou aprender sobre a optimização do lar associada ao *feng shui* são temas que interessam a um número crescente de pessoas. Talvez porque recentemente foi preciso reaprender a estar em casa, percebemos que não só o tempo é um luxo, como o nosso cantinho é também sagrado...

É por isso que sempre que pensamos em comprar um novo tapete, adicionar um novo ponto de luz em casa ou eleger um electrodoméstico inteligente que nos facilite o dia-a-dia, não o fazemos de ânimo leve. Neste último domínio, a cozinha tem um destaque especial no equilíbrio da casa. É lá que acontece a magia da confecção das refeições, onde a família muitas vezes se reúne ao fim do dia e, na verdade, é também lá que podemos ter os maiores aliados da vida descomplicada que tanto almejamos.

O *feng shui* diz-nos, aliás, que *uma casa organizada e limpa é uma cabeça arrumada*. É, assim, com essa máxima como guia que, neste artigo, vamos ver de que forma as novidades da Whirlpool para as nossas cozinhas nos vão ajudar a poupar aquelas horas infinitas que antes passávamos a limpar.

Uma placa de indução que simplifica a vida

Com um *design* eficiente e consciente, um desempenho avançado e uma tecnologia muito intuitiva, as novas placas de cozinha da Whirlpool - distinguidas com o prémio Escolha do Consumidor (1) - são a coisa mais fácil de limpar. Uma mais-valia, aliás, muito apreciada pelos clientes da marca.

A pensar nisso, a nova placa de indução da Whirlpool equipada com CleanProtect pode transformar um potencial *stress* num momento de bem-estar. Isto porque basta apenas uma borrifadela com água para remover, praticamente numa só passagem, toda a sujidade.

Tudo graças à tecnologia CleanProtect que concede um tratamento exclusivo de nano revestimento a todas as placas desta gama, protegendo de manchas e marcas, garantindo um acabamento brilhante ao longo do tempo, e que, sobretudo, permite limpar apenas com água (dispensando os químicos). Sim, está a pensar bem. Tudo isto se traduz também em poupança de desengordurante: de acordo com a marca, esta tecnologia permite-lhe poupar pelo menos seis embalagens de desengordurante (2), o que também cumpre as preocupações do consumidor sustentável.

Mais vantagens da nova placa de indução: um painel de controlo com mapeamento e acesso directo, uma superfície vertical totalmente flexível (FlexiSide), fácil instalação e, por fim, tecnologia 6.º Sentido. Esta última consiste num conjunto de funções intuitivas para cozinhar sem complexidade, como derreter, ferver, cozinhar em lume brando, manter quente. Tudo isto ao alcance de um toque inteligente.

Um forno de última geração

Possivelmente a maioria das pessoas que trata da cozinha concordará que só há uma tarefa mais aborrecida do que limpar a placa de indução: limpar o forno. Um trabalho árduo para o qual muito contribuem as bandejas grandes, muitas delas difíceis de remover, e o facto de acumularem manchas persistentes em superfícies de difícil acesso.

Os novos fornos da Whirlpool (*New Actual*) têm classe energética A+, uma cavidade de 71 litros, um *design* ergonómico e distinto, possibilidade de cozinhar a vapor no fundo da cavidade (uma solução perfeita para cozinhar alimentos de forma saudável), funções especiais para bolos, pão e *pizza*, guias telescópicas, e fecho suave de porta...

Mas — e mais disruptivo do que tudo isso — os fornos têm dois tipos de limpeza: hidrolítica (ciclo de limpeza rápido, eficiente e ecológico, em que a sujidade do forno amolece com o vapor e se desprende suavemente, permitindo uma limpeza sem esforço); e pirolítica (usa um ciclo de alta temperatura para queimar resíduos de alimentos até ficarem reduzidos a cinzas e que, depois, se podem limpar sem esforço com uma esponja). Tudo isto com um *design* moderno e uma variedade de escolha assinalável para o segmento. Como uma das melhores qualidades a par da limpeza, é fundamental destacar a incrível função Steam+, que preserva a suculência e as qualidades nutritivas dos alimentos, já que usa o vapor para cozinhar em apenas três passos. Assim, só tem de despejar a água no fundo da cavidade, escolher o programa de vapor e configurar a temperatura no botão respectivo (as opções vêm no interior da porta de vidro).

Resumindo, estes dois equipamentos são uma placa de sonho e um forno perfeito para quem quer descomplicar as refeições, garantir qualidade e, sobretudo, poupar tempo na rotina de limpeza e na hora de eliminar a sujidade. Com dois instrumentos tão simples de manusear e - mais importante do que tudo - de limpar, até o adolescente lá de casa vai querer fazer as próprias *pizzas* para aquele jantar de domingo.

(1) *Prémio Escolha do Consumidor 2024, na categoria de Placas de Fogão*

(2) *Poupança calculada durante o período de um ano, considerando 11,4 ml de desengordurante genérico (equivalente a seis embalagens), usados oito vezes por semana; capacidade da embalagem de 750 ml*

Centeno antevê regresso ao défice e faz alerta sobre as novas medidas

Medidas aprovadas nas últimas semanas terão impacto nas contas e Banco de Portugal diz estar em risco "a trajectória desejável" para a despesa pública

Pedro Crisóstomo e Rafaela Burd Relvas

O Banco de Portugal (BdP) actualizou ontem a sua análise sobre a economia portuguesa até 2026 e as projecções que faz para as finanças públicas ainda apontam para a existência de excedentes em 2024, 2025 e 2026. Mas o próprio banco central liderado por Mário Centeno admite que esta avaliação está condicionada pelo facto de o Governo ter anunciado ou o Parlamento ter aprovado medidas com impacto no aumento da despesa pública e na diminuição das receitas. E já antevê que as contas públicas, nesse cenário, voltem a registar um défice, em vez de um saldo orçamental positivo. Só a existência de medidas compensatórias evita esse risco, avisa Mário Centeno.

No boletim económico divulgado ontem, o banco central alerta que a "aprovação e anúncio de novas medidas com impacto orçamental nas semanas anteriores à publicação deste boletim condiciona a avaliação da situação das finanças públicas em Portugal nos próximos anos" e a "magnitude das medidas e a sua natureza – diminuição de receita e/ou aumento da despesa – implicam uma redução do saldo orçamental." E, com a informação disponível, "é expectável o retorno a uma situação de défice, colocando em risco a trajectória desejável para a despesa pública no âmbito nas novas regras orçamentais europeias."

O Parlamento aprovou na especialidade esta semana uma nova redução do IRS com efeitos já em relação a 2024, já aprovou o fim das portagens em algumas das antigas auto-estradas sem custos para os utilizadores (Scut), a começar em 2025, e o Governo de Luís Montenegro tem vindo a anunciar a celebração de acordos com carreiras da função pública que implicarão aumento dos custos com salários na administração pública (como é o caso dos professores ou funcionários judiciais).

Como estas medidas não podem ser assumidas nas projecções oficiais, as previsões específicas que o BdP revela para cada ano ainda apontam para excedentes: um saldo orçamental positivo de 1% este ano, de 0,8% em 2025 e de 0,6% em 2026.

O próprio banco central especifica alguns dos impactos que deixou de fora nesta projecção, por estarem no horizonte, mas não aprovados. Essas medidas "referem-se à redução do IRS, ao pacote de apoio aos jovens, ao alargamento da redução do IVA na electricidade, ao apoio à habitação e reforço da saúde, bem como às revisões salariais de diversas carreiras na função pública."

As projecções foram concluídas a 21 de Maio e, como explica o banco central numa nota de rodapé, a instituição só pode incorporar – porque essas são as regras do Eurossistema – "as medidas aprovadas pelo Parlamento ou que já foram definidas com detalhe suficiente pelo Governo e com elevada probabilidade de aprovação no processo legislativo."

Mesmo assim, ainda sem levar em conta esses factores adicionais, já há uma deterioração do saldo orçamental (isto é, um excedente menor) "ao longo do horizonte de projecção" de 2024 a 2026. Nestes três anos, pesa sobre essa trajectória "o abrandamento da actividade económica" e, "em sentido contrário", com um impacto favorável, "medidas classificadas como temporárias."

Ao mesmo tempo, há uma "deterioração do saldo primário estrutural de 0,6 pontos percentuais", com a despesa primária estrutural a aumentar 0,9 pontos percentuais do Produto Interno Bruto (PIB) e a exceder o aumento da receita estrutural. Para o cálculo do saldo estrutural, exclui-se da análise o efeito cíclico da economia, o valor dos juros da dívida e o custo de medidas extraordinárias.

Conhecer compensações

Questionado na conferência de imprensa de apresentação do boletim sobre as previsões de défice, Mário Centeno ressalvou que as projecções são feitas com base nos indicadores disponíveis à data e que, havendo medidas de compensação, o cenário de défice poderá ser evitado. Mas admite que, se todas as medidas já anunciadas entrarem em vigor em 2025, poderá haver défice já no próximo ano.

"Quando começamos a somar os números que são conhecidos, eles exauram o excedente orçamental com muita facilidade", começou por dizer, referindo-se a um exercício de projecções alternativo do BdP.

Em concreto, o supervisor bancário calcula que, em 2025, o Governo tenha uma margem de perto de 5400 milhões de euros para aumentar a despesa, tendo em conta o Produto Interno Bruto (PIB) potencial. Só as medidas do lado da despesa calculadas para esse ano (em que se incluem gastos com pessoal e as pensões, por exemplo) ascendem a 5600 milhões, mais do que consumindo, portanto, a margem que se estima que exista.

A isso acrescem várias novas medidas previstas para o próximo ano, algumas já aprovadas, outras que ainda terão de passar pela Assembleia da República, mas cujo impacto orçamental já pode ser calculado: é o caso, por exemplo, do novo regime de IRS Jovem, da isenção de IMT e imposto do selo para jovens que comprem a primeira casa, ou da redução das portagens nas ex-Scut. Tudo somado, o BdP estima que a diferença entre a margem para o aumento da despesa e o real aumento da despesa é negativa em 2000 milhões de euros.

Este é, contudo, um exercício de projecção meramente "ilustrativo", ressalvou Centeno, fazendo várias ressalvas. "Há desfasamentos na aplicação das medidas, pelo que este impacto não pode ser todo imputado ao ano de 2025, e há medidas de compensação que podem e devem sempre ser consideradas. Se essas medidas de compensação não aparecerem, a nossa avaliação é que não existe margem orçamental para acomodar as medidas que estão a ser apresentadas, mas isso só se sabe no fim. Esse processo tem de ser respeitado", frisou.

No boletim, que pode ser lido no *site* da instituição, o banco central lembra que os "valores dos critérios orçamentais de Maastricht mantiveram-se inalterados em 3% do PIB para o défice e 60% do PIB para a dívida pública" e que as alterações "ao braço correctivo são pouco expressivas, em particular no caso do procedimento por défice excessivo baseado no critério do défice.". A seguir recorda o que isso implica para Portugal. "Para um país cujo défice ultrapasse os 3% do PIB será exigido um ajustamento estrutural de pelo menos 0,5% do PIB ao ano e, transitoriamente até 2027, as despesas em juros não serão consideradas. O procedimento por défice

TIAGO PETINGA/LUSA

Mário Centeno foi deixando avisos sobre o impacto das medidas nas contas públicas

2%

O banco central continua a antever um crescimento de 2% para este ano, seguindo-se uma ligeira aceleração em 2025 (2,3%)

2,5%

O Banco de Portugal prevê que a inflação passe dos 5,3% registados no ano passado para 2,5% este ano, continuando a baixar nos próximos dois anos

excessivo baseado na dívida é reformulado, sendo iniciado quando o rácio da dívida ultrapassar o valor de referência, a posição orçamental não estiver próxima do equilíbrio ou em excedente e quando as discrepâncias na conta de controlo (um novo conceito) do Estado-membro excederem 0,3 pontos percentuais do PIB anualmente, ou 0,6 pontos percentuais do PIB cumulativamente”.

Crescimento de 2% este ano

A projecção de crescimento do PIB que o BdP faz para 2024 e os próximos dois anos mantém-se igual ao que previa em Março. O banco central continua a antever um crescimento de 2% para este ano, seguindo-se uma ligeira aceleração em 2025, com o PIB a avançar 2,3%, e um pequeno abrandamento em 2026, com a variação do PIB a passar a ser de 2,2%.

Será, ainda assim, um desempenho “superior ao da área do euro” e há dois factores que explicam o “diferencial positivo”: o “dinamismo das exportações e do investimento”, explica o banco central no boletim económico. Ao realizar estas projecções, a instituição liderada por Mário Centeno assume haver uma “dissipação do impacto dos choques recentes” e uma “melhoria do enquadramento internacional”, com impactos na procura interna, nas exportações e no mercado de trabalho.

“A procura interna beneficia da redução da inflação e de condições de financiamento menos restritivas, bem como da implementação de projectos financiados por fundos europeus, acelerando de 1,4% em 2023 para 2,4% em média em 2025-26.

As exportações mantêm um crescimento dinâmico, de 3,8% em termos médios, com a aceleração da procura externa e ganhos de quota de mercado a compensarem parcialmente a dissipação do impulso proporcionado pela recuperação pós-pandémica dos serviços.

O mercado de trabalho mantém uma evolução favorável, com um aumento anual do emprego de cerca de 0,9% e uma taxa de desemprego próxima de 6,6%, inferior à tendencial”, lê-se no documento.

Em relação à inflação (aqui projectada através do índice harmonizado de preços no consumidor, que permite fazer comparações com outros países da União Europeia), o Banco de Portugal prevê que a taxa passe dos 5,3% registados no ano passado para 2,5% este ano, continuando a baixar nos próximos dois anos, primeiro para 2,1% em 2025 e, depois, para 2% em 2026.

A diminuição reflecte “menores pressões externas e internas sobre os preços.” Apesar de haver uma descida face ao nível de inflação do ano passado, a previsão para 2024 (2,5%) é agora ligeiramente superior à antevista em Março, altura em que o banco central português previa uma variação de 2,4%. E o mesmo acontece para cada um dos anos seguintes, com uma revisão em alta da projecção em 0,1 pontos percentuais.

A composição do PIB, diz a instituição, “retoma a evolução observada nos anos anteriores à pandemia, com um aumento do peso das exportações e da formação bruta de capital fixo [investimento].”. A previsão é a de que as exportações irão contribuir “em termos líquidos de conteúdos importados” com 0,9 pontos percentuais para a variação média anual do PIB entre 2024 e 2026. Ao mesmo tempo, o contributo do investimento aumenta, “enquanto o contributo do consumo se mantém estável”.

Para o banco central, este padrão de crescimento, “caracterizado pelo dinamismo das exportações e do investimento, é consistente com a manutenção de equilíbrios macroeconómicos fundamentais, com destaque para o excedente das contas externas”. E explicam o melhor desempenho do que o conjunto dos 20 países que partilham a moeda única, com um diferencial médio de 0,9 pontos percentuais.

Crédito

BdP e Governo discutem garantia pública “nos próximos dias”

Rafaela Burd Relvas

Governo e Banco de Portugal (BdP) vão começar a discutir os termos da garantia pública para viabilizar a concessão de crédito à habitação a jovens “nos próximos dias”. A indicação é dada pelo governador da instituição, Mário Centeno, que volta a expressar preocupações quanto ao impacto que esta medida poderá ter sobre a estabilidade do sistema financeiro, pelos riscos de incumprimento no crédito que acarreta.

“Conhecemos o decreto-lei. O BdP não foi ouvido na produção desse decreto-lei, mas ele requer a publicação de portarias e regulamentação e esse trabalho irá iniciar-se com o BdP nos próximos dias. Estaremos sempre à procura das melhores soluções para todos os intervenientes no sistema bancário”, afirmou ontem Mário Centeno.

O governador referia-se àquela que é uma das principais medidas propostas pelo Governo para dar resposta à crise habitacional. A garantia pública, destinada a jovens até aos 35 anos, com rendimentos até ao oitavo escalão de IRS e que comprem uma primeira casa, vai cobrir uma parte do crédito que seja concedido a este universo, até um máximo equivalente a 15% do preço das casas. O objectivo é que, com esta garantia, os bancos concedam a estes jovens créditos correspondentes a 100% do valor dos imóveis, eliminando, assim, a necessidade de se avançar com o valor de entrada da casa.

Esta medida não terá de ser aprovada pela Assembleia da República e, para já, os traços gerais da garantia pública estão definidos num decreto-lei já aprovado em Conselho de Ministros. Mas o Governo terá de contar com o apoio do regulador, visto que a medida contraria uma recomendação macroprudencial, em vigor desde 2018, que impõe uma série de restrições à concessão de crédito. Assim, os empréstimos para a compra de casa devem ascender a um máximo de 90% do valor dos imóveis adquiridos, ao mesmo tempo que a taxa de esforço dos clientes com o pagamento da prestação não deve superar 50% dos seus rendimentos.

É precisamente sobre esta questão que Mário Centeno tem deixado alertas, que reforçou ontem. “As medidas macroprudenciais têm vindo a ter uma avaliação muito positiva no contexto europeu, porque as recomendações têm sido cumpridas e têm evitado que o sistema europeu de avaliação do risco imponha medidas adicionais que, normalmente, têm um impacto significativo sobre a banca. As medidas que venham a ser adoptadas devem manter essa estabilidade. Aqueles que pedem crédito fazem parte do sistema bancário e os bancos têm obrigação de zelar pelo seu risco. Quando desoneramos os bancos de parte dessa obrigação, estamos a andar no sentido contrário, porque o Estado não tem qualquer condição para avaliar o risco associado ao crédito”, frisou o governador.

Ao mesmo tempo, salientou, uma garantia pública como aquela que foi proposta pelo Governo “não alivia” o esforço financeiro que os clientes de crédito suportam. “Com esta garantia, o montante do empréstimo aumenta e se, o montante aumenta e o rendimento não aumenta, isso significa que há uma maior probabilidade de as pessoas aumentarem [a taxa de esforço]”, concluiu.

MANUEL DE ALMEIDA/LUSA

Joaquim Miranda Sarmento, ministro das Finanças

Economia

Ainda vai demorar até André e Salisa notarem corte de juros: "É preciso muita luta"

João Pedro Pincha

A prestação do crédito disparou e André e Salisa trabalham mais para fazer face aos gastos. A decisão do BCE é bem-vinda

André Prudêncio atende o telefone em andamento, enquanto se desloca entre as casas de dois utentes. No último ano e meio, talvez um pouco mais, o fisioterapeuta de 43 anos tem feito mais vida de estrada, a saltar de casa em casa, de utente em utente. "Fazer domicílios", como se diz na gíria da profissão, é o que lhe tem permitido fugir ao "sufoco" das contas. "Se não fosse os domicílios, estava tramado", admite.

Há pouco mais de um ano, quando enviou o seu testemunho ao PÚBLICO para o projecto interactivo "Contas à vida: enfrentar a inflação", este residente em Lisboa desabafava que a sua família tinha deixado de conseguir fazer poupanças mensais: "Tudo o que se conseguia poupar vai para a casa."

"O banco aumentou a prestação da casa em quase 90%", contextualiza agora. "Se eu não tivesse trabalho extra, como tenho, o meu ordenado não chegava para as despesas", reconhece.

André sabia que era anteontem que o Banco Central Europeu (BCE) ia anunciar uma descida das taxas de juro muito aguardada, depois de 15 meses em que houve subidas consecutivas e oito meses de uma estagnação no patamar dos 4%. Foram quase dois anos em que muitas famílias ficaram com a corda na garganta e tiveram de sacrificar qualquer coisa no seu dia-a-dia.

Para ele, no entanto, ainda não é tempo de respirar de alívio por uma situação financeira mais folgada. "A mim [a prestação] já só desce para o ano", afirma, explicando que o seu crédito à habitação está indexado à Euribor a 12 meses e que a última revisão (em alta) aconteceu em Fevereiro passado.

Na mesma situação está Salisa Moura, assistente operacional de 40 anos que mora em Aveiro. A prestação da sua casa subiu recentemente e ainda hão-de passar meses até nova revisão. Não é tanto a descida das taxas de juro que a preocupa, mas a bonificação que conseguiu negociar com o banco. "O meu medo é que ela acabe. Me deu uma respirada", admite a brasileira, que habita em Portugal há mais de cinco anos.

Quando conseguiu comprar um apartamento com o marido, os encargos da casa (prestação e seguros) andavam na ordem dos 420 euros.

"De uma só vez deu uma subida para quase 700 euros", relata. Ao projecto "Contas à vida: enfrentar a inflação", Salisa tinha escrito, em Março de 2023: "Enfim, temos de escolher que conta pagar e o que deixar de comprar."

Passados uns meses, ao ver a situação tornar-se insustentável, decidiu perguntar ao banco "o que poderia ser feito". Obteve uma redução de cerca de 50 euros na prestação. É um valor que já lhe faz diferença ao fim do mês. "Claro que estou atolada em dívidas no cartão de crédito", desabafa. É a ele que recorre nas despesas quotidianas.

Decisão de Christine Lagarde foi seguida com expectativa por milhões de famílias

> **"O banco subiu a prestação da casa em quase 90%. Se eu não tivesse trabalho extra, como tenho, o meu ordenado não chegava"**

"Dinheiro não sobra"

O crédito à habitação é o que pesa mais ao fim do mês nos casos de André e Salisa, mas há que somar-lhe os gastos em alimentação, nas facturas dos serviços básicos e na educação dos filhos.

"Hoje em dia a conta do supermercado fica em 500 euros [mensais] e eu só compro marca branca", lamenta Salisa Moura.

Já André Prudêncio duvida que a descida da inflação se venha a reflectir num decréscimo generalizado dos preços dos alimentos. E indigna-se, acreditando que tem havido "algum aproveitamento" indevido: "Há coisas no supermercado que me recuso a comprar. Uvas, por exemplo. Quando vejo uvas a quatro euros o quilo, recuso-me a comprar."

Tanto um como outro tiveram de recorrer a estratégias para fazer face à escalada das despesas. André expandiu a lista de clientes particulares. "Estou com muito mais trabalho. Até de mais." Os serviços domiciliários, que presta sobretudo a pacientes idosos, são dinheiro em caixa, mas essa medalha tem um reverso.

"Nunca trabalho menos de dez horas por dia, mas tento não fazer mais do que 12", relata. Além disso: "Nunca faço menos do que 50 ou 60 quilómetros por dia. Já foi pior. Houve alturas em que fazia 80 a 100."

Quanto a Salisa, mãe de uma menina e ainda com horário de amamentação – e que, por isso, não faz turnos nocturnos, mais bem remunerados –, não desperdiça a oportunidade de fazer turnos extraordinários no hospital em que trabalha. "O meu marido trabalha em obras e também faz horas extras. Podia entrar às 8h, mas geralmente entra às 6h. Eu muitas vezes trabalho nas folgas", comenta.

E é isso que tem contado aos conhecidos brasileiros que estão a pensar mudar-se para Portugal. Aos vídeos que correm nas redes sociais, que falam do país como uma espécie de *Eldorado* europeu, contrapõe: "Muito trabalho e o dinheiro não sobra. É preciso muita luta mesmo."

Euribor a seis meses atingiu novo mínimo com "ajuda" do BCE

Rosa Soares

Na primeira sessão após a reunião do BCE que aprovou o corte de taxas em 0,25 pontos percentuais, as taxas Euribor registaram ontem uma descida na Euribor a seis meses, para novo mínimo desde Junho de 2023, e ligeiras subidas a três e 12 meses. Um comportamento explicado pelo facto de estes indicadores já terem antecipado o corte das taxas directoras, mas também porque o banco central foi cauteloso quanto ao calendário de novos cortes no custo do dinheiro, nomeadamente nas próximas reuniões de Julho e de Setembro.

As palavras cautelosas da presidente do BCE, Christine Lagarde, parecem afastar um novo corte na reunião do próximo mês, mas o cenário de mais dois cortes até ao final do ano não está ainda afastado. A justificar uma avaliação "reunião a reunião" está alguma pressão verificada na trajectória de descida da inflação. Até porque, se a inflação não está a reduzir-se ao ritmo desejado, também há sinais de preocupação na evolução da maior economia da zona euro. A economia alemã está a evoluir abaixo do esperado, o que levou o Bundesbank, o banco central deste país, a anunciar ontem uma revisão em baixa do crescimento económico para o corrente ano, para 0,3%, menos uma décima face à última previsão, com um corte da mesma grandeza para o próximo ano.

Com as alterações de ontem, a Euribor a seis meses, que é a que está presente num maior número de contratos (37,5%, segundo dados de Abril), caiu para 3,735%, menos 0,009 pontos percentuais. Para além do valor mais baixo desde Junho do ano passado, o valor actual está cada vez mais longe do máximo atingido em Novembro, nos 4,143%.

O Banco Central Europeu foi cauteloso quanto ao calendário de novos cortes no custo no custo do dinheiro

O prazo de 12 meses é o que maior descida apresenta, mas na sessão de ontem subiu 0,017 pontos percentuais, para 3,701% a reflectir a maior incerteza sobre o ritmo de novos cortes nas taxas directoras do BCE. Em 29 de Setembro do ano passado, este prazo atingiu os 4,228%.

O prazo mais curto, a Euribor a três meses, subiu 0,004 pontos percentuais, ao ser fixado em 3,759%, depois de ter atingido 4,002% em Novembro.

No mercado de derivados, os contratos sobre a Euribor a três meses a vencer em Setembro e Dezembro estavam a negociar, a meio da manhã de ontem, em queda ligeira face aos valores de abertura. Mantendo a tendência da véspera, os investidores estão a antecipar taxas em valores próximos de 3,56% e 3,36%, em Setembro e Dezembro.

Também no mercado cambial, o euro continuou a valorizar-se ligeiramente em relação ao dólar, mas, tal como nos mercados accionistas, os investidores ainda aguardam a divulgação de dados do emprego nos Estados Unidos, para tentar perceber qual poderá ser a decisão da Reserva Federal norte-americana em relação a um corte de taxas de juro, depois da estreia do BCE na inversão da política monetária.

Edif. Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte, 1350-352 Lisboa
pequenosa@publico.pt
Tel. **21 011 10 10/20** Fax **21 011 10 30**
De seg a sex das 09H às 19H
Sábado 11H às 17H

CLASSIFICADOS

selecciona e recruta p/ obras no Algarve:
(m/f)

DIRECTOR DE OBRA /ENGENHEIRO CIVIL
c/ mínimo de 2 anos de experiência nesta função

DIRECTOR DE OBRA /ENGENHEIRO CIVIL
em início de carreira

ENCARREGADOS DE OBRA

ARVORADOS

PEDREIROS

remuneração e outras regalias da empresa
de acordo c/ a função, desempenho e experiência

www.teifil.pt // info@teifil.pt

AGRICULTURA E PESCAS
Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral

Aviso

Em cumprimento do preceituado no n.º 2 do artigo 21.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, na sua atual redação, faz-se público que se encontra aberto o procedimento concursal para provimento do cargo de Chefe da Divisão de Recursos Humanos, cargo de direção intermédia de 2.º grau do Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral. O referido procedimento concursal será publicitado na Bolsa de Emprego Público, conforme disposto no n.º 1 do artigo 21.º da Lei n.º 2/2004, durante 10 dias úteis, contendo a indicação dos requisitos formais de provimento exigidos, da composição do júri e dos métodos de seleção, podendo ser consultado em www.bep.gov.pt.

O Diretor-Geral, *Eduardo Diniz*

Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.

Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.

Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa - Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 - Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00
Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário "Casa do Alecrim": Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril - Tel. 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Delegação Norte: Centro de Dia "Memória de Mim" - Rua do Farol Nascente n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
Delegação Centro: Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal - Tel. 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
Delegação da Madeira: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL
Tel. 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org
Núcleo do Ribatejo: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim - Tel. 24 300 00 87 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão - Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org

TRIBUNAL ADMINISTRATIVO DE CÍRCULO DE LISBOA

UNIDADE ORGÂNICA 3

Av. D. João II, Bloco G piso 6-8, nº 1.08.01 1- 1990-097, Lisboa, Tel.: 218367100 - Fax: 211545188 Email: lisboa.tacl@tribunais.org.pt

Processo: 1637/24.8BELSB
Ação administrativa

ANÚNCIO

Autores: TAP - Transportes Aéreos Portugueses, S.A., e International Air Transport Association

Réu: ANA - Aeroportos de Portugal, S.A., e ANAC - Autoridade Nacional de Aviação Civil

FAZ-SE SABER, que nos autos de ação administrativa, acima identificada, que se encontram pendentes neste tribunal, são o universo e o conjunto dos utilizadores dos aeroportos do Grupo de Lisboa, do Porto e de Faro, **CITADOS**, para no prazo de **15 dias,** se constituírem como contrainteressados no processo acima indicado, nos termos do n.° 5 do art.° 81.° do Código de Processo nos Tribunais Administrativos, cujo pedido consiste:

1. Em ser anulada ou declarada nula a deliberação de 31 de outubro de 2023, proferida pela Comissão Executiva da Ré, a qual fixou as taxas aeroportuárias sujeitas a regulação económica nos Aeroportos do Grupo de Lisboa e de Faro e Porto, a vigorar a partir de 1 de janeiro de 2024;
2. Ser anulada ou declarada nula a deliberação de 18 de dezembro de 2023, proferida pelo Conselho Administrativo da 2.° Ré, tomada na sessão extraordinária n.° 55/CA/2023, na parte em que indeferiu as reclamações fundamentadas apresentadas pela Autora e demais utilizadores no âmbito do Processo de Consulta sobre as Taxas Reguladas 2024 para os Aeroportos do Grupo de Lisboa, do Porto e de Faro e, em consequência, aprovou decisão da ANA relativa à atualização das taxas reguladas para 2024, declarando-se a invalidade parcial de tal decisão;
3. Subsidiariamente ao pedido referido na alínea anterior, caso não se considere como legalmente admissível a declaração de invalidade parcial do ato impugnado, ser anulada ou declarada nula a deliberação de 18 de dezembro de 2023, proferida pelo Conselho Administrativo da 2.° Ré, a qual indeferiu parcialmente as reclamações fundamentadas apresentadas pela Autora e demais utilizadores no âmbito do Processo de Consulta sobre as Taxas Reguladas 2024 para os Aeroportos do Grupo de Lisboa, do Porto e de Faro e, em consequência, aprovou a decisão da ANA relativa à atualização das taxas reguladas para 2024, declarando-se a invalidade total de tal decisão;
4. Ser as Rés condenadas na adoção dos demais atos e operações materiais necessários para reconstituir a situação que existiria se os atos impugnados a que se alude nas alíneas anteriores não tivessem sido praticados;

Uma vez expirado o prazo acima referido, os Contrainteressados que como tais se tenham constituído são citados para, querendo, contestarem, conforme disposto no n.° 7 do art.° 81.° do Código de Processo nos Tribunais Administrativos.

Nos termos do n.° 1 do art.° 11.° do CPTA e do n.° 1 do art.° 40.° do Código de Processo Civil (CPC), é obrigatória a constituição de Mandatário:

a) Nas causas de competência de tribunais com alçada, em que seja admissível recurso ordinário;
b) Nas causas em que seja sempre admissível recurso, independentemente do valor;
c) Nos recursos e nas causas propostas nos tribunais superiores.

Os prazos acima indicados são contínuos, suspendendo-se, no entanto, durante as férias judiciais. Terminados em dia que os tribunais estejam encerrados, transfere-se o seu termo para o primeiro dia útil seguinte.

As férias judiciais decorrem de 22 de dezembro a 3 de janeiro; de domingo de Ramos à segunda-feira de Páscoa e de 16 de julho a 31 de agosto.

O presente anúncio é publicado na página eletrónica (internet) da ANA, e em dois jornais de circulação local (Público e Correio da Manhã), nos termos do disposto no art.° 81.° n.° 6 do Código de Processo nos Tribunais Administrativos.

O Juiz de Direito,
João Cristóvão

Público, 08/06/2024

Leilões Eletrónicos

Benavente
Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.
Termina a 12 de jun. de 2024, a partir das 15h00
Rústico
"Herdade do Almada e Toiças"
45.000,00m²
- Herdade do Almada e Toiças, Benavente
- 10min A10 e A13
- 10min Centro de Benavente

Insolvência de Aquacampus, Lda. Processo nº 1455/23.0T8STR

Santarém
Termina a 12 de jun. de 2024, a partir das 15h30
Moradia T3
c/ Armazém
203,00m² | 5.960,00m² | 3 | 2
- Outeiro, São Vicente do Paul
- 3min N3
- 25min do centro de Santarém e de Torres Novas

Insolvência Catarina Alexandra Cruz Martins Silva Processo nº 549/21.1T8STR

Torres Novas
Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.
Termina a 18 de jun. de 2024, a partir das 15h00
Apartamento T2
92,40m² | 2 | 1
- Largo D. Diogo Fernandes de Almeida - Edf. Parque
- 5min A23
- Centro de Torres Novas

Insolvência Marsipel - Indústria de Curtumes, S.A. Processo nº 2374/23.6T8STR

Alcanena
+ 150 VERBAS
Lagoeiros - Estrada da Raposeira 26, Alcanena
Termina a 18 de jun. de 2024, a partir das 16h00
Unidade Fabril + Recheio
Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.
- 45.963,00m²
- 17.635,51m²
- 10min A1 e A23
- 2 min do centro de Alcanena
- Antiga fábrica de curtume
- Proximidade a bens e serviços

Oportunidade de Negócio

Insolvência Marsipel - Indústria de Curtumes, S.A. Processo nº 2374/23.6T8STR

Alcanena
Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.
Termina a 18 de jun. de 2024, a partir das 15h30
Prédio misto + rústicos
56.120,00m²
- Rua do Alviela, Alcanena
- 10min A1 e A23
- 5 min Centro de Alcanena

Insolvência Marsipel - Indústria de Curtumes, S.A. Processo nº 2374/23.6T8STR

Alcanena
Rua da Estiveira 712, Alcanena
Termina a 18 de jun. de 2024, a partir das 16h15
Unidade Fabril + Recheio
Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.
- 4.948,98m²
- 7.004,00m²
- 10min A1 e A23
- 2 min do centro de Alcanena
- Antiga fábrica de curtume
- Proximidade a bens e serviços

Oportunidade de Negócio

Insolvência Marsipel - Indústria de Curtumes, S.A. Processo nº 2374/23.6T8STR

Anadia
Termina a 19 de jun. de 2024, a partir das 15h00
Loja
182,00m² | 2
- Largo Dr. Costa Almeida, Fase A
- 4min N1
- Centro Anadia

Insolvência: Maria Alvim e Execução: António Alvim Processos nº 8851/21.6T8LSB e 1/15.4T8AGD

Sacavém
Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.
Termina a 27 de jun. de 2024, a partir das 15h30
Apartamento T2
c/ parqueamento
82,20m² | 2 | 2
- R. Manuel Teixeira Gomes, nº4, Urb. Terraços da Ponte
- 10min A1 e A36
- 5min do Centro de Lisboa

Insolvência Lendas Feitas, Lda. Processo nº 9939/21.9T8SNT

Trofa
Rua da Lameira, nº99, Bougado
Termina a 21 de jun. de 2024, a partir das 16h00
Moradia T4 c/ rústico
Imóvel Premium
- 5min A3
- 10min do centro de Trofa
- 10min do Mosteiro de S. Bento, Santo Tirso

640,00m² | 4 | 4
32.280,00m² | 5 | 2

- c/ piscina interior -

Insolvências de Maria Alves e José Costa Processos nº 185/23.8T8STS e 3077/23.7T8STS

Oliveira do Bairro
Rua do Camarnal, Vila Verde
Termina a 28 de jun. de 2024, a partir das 15h00
Armazém Industrial
Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.
- 13.480,00m²
- 4.660,00m²
- 15min A1
- 4min do Centro de Oliveira do Bairro
- Loteamento industrial
- Proximidade a bens e serviços

Oportunidade de Negócio

Insolvência de Salsicharia Ideal Oliveirense, Lda. Processo nº 1574/16.0T8AVR

Loures
Termina a 02 de jul. de 2024, a partir das 15h30
Apartamento T3
86,66m² | 3 | 2
- Praça António Nobre, Torre 4, 11ºA,
- 5min A8
- 10min do Centro de Loures

Insolvência de Emilita Badinca Malu Processo nº 756/19.7T8VFX

Bombarral
Termina a 03 de jul. de 2024, a partir das 15h00
Moradia T3
c/ piscina + Armazém
222,50m² | 2.980,50m² | 3 | 2 | 1
- R. Escola Velha, nº12, Lugar Barrocalvo, Carvalhal
- 10min A8
- 15min do Centro do Bombarral

Insolvência de Filomena Maria Figueiredo da Silva Processo nº 766/19.4T8ACB

Loures
Rua General Humberto Delgado, Prior Velho
Termina a 05 de jul. de 2024, a partir das 15h00
Rústico
Quinta do Prior Velho
- Rústico c/potencial construtivo -
- 14.280,00m²
- 10min Centro de Lisboa
- 10min Porto de Lisboa
- 5min A1, A12 e A36 (Ponte Vasco da Gama)
- Proximidade a bens e serviços

Liquidação no âmbito da Insolvência de Coordenação Societária SGPS S.A. Processo nº 19373/16.7T8LSB

Lourosa
+ 100 VERBAS
Termina a 04 de jul. de 2024, a partir das 15h00
- Antiga fábrica de calçado -
Máquinas e equipamentos industriais
- Zona Industrial Casalinho-Rua I 1279

Insolvência de Christian Dietz, Lda. Processo n.º 4362/23.3T8OAZ

Grande Leilão
Termina dia 11 de jun. de 2024, às 16h00
Máquinas e Veículos
+ 100 Leilões | Imóveis | Direitos | Máquinas | Visitas Virtuais | Veículos

BONS NEGÓCIOS em qualquer lugar

WWW.ONEFIX-LEILOEIROS.PT

Siga-nos:
-Registo gratuito.
-Registo obrigatório para participação no Leilão Eletrónico.
-Dias e horários de visitas disponíveis nas respectivas brochuras de venda.
-Não dispensa a consulta das Condições Gerais de Venda (Disponíveis no site e na brochura).

Sede: Rua da República, nº31, 2670-473 Loures
Telefone: 219 823 163 (Chamada para a rede fixa nacional)
Centro Logístico: Av. de Portugal 4, Armazém nº4, 2665-357 Póvoa da Galega
Informações para: comercial@onefix-leiloeiros.pt

LCPREMIUM

TODAY, TOMORROW, IT´S TIME FOR BUSINESS

LEILÃO ELETRÓNICO

Insolvência: Oliveira e Baião Hotelaria e Turismo, Lda. | Proc. N. 248/14.0TBCTX

Local: Cartaxo, Quinta das Pratas - Avenida 25 de Abril

GPS: 39.170222, -8.794725

TERMINA DIA/HORA:
11.07.2024 às 16h

Visitas: P/Marcação via email

Gestor do Processo: Bruno Farinha 966 683 484
(Chamada para a rede móvel nacional)

LOTE 1

VALOR MÍNIMO:
€ 450.000,00

Área Total: 4.000,00 m2

Área Coberta: 1.326,50 m2

Área Bruta Privativa: 3.374,10 m2

Área Descoberta: 2.673,50 m2

- Junto ao Estádio Municipal do Cartaxo
- Boa Localização
- Obrigatoriedade do cumprimento de aquisição ao funcionamento de unidade hoteleira
- RNET N. 1270 | Categoria: ★★★
  Estado: Classificado em Auditoria
  Data da última classificação: 12.02.2013
  Válida até: 12.02.2017
- Nota: Prazo do direito de superfície 70 anos (Início em Janeiro de 1998)

DIREITO DE SUPERFÍCIE SOBRE O PRÉDIO URBANO COMPOSTO P/ EDIFÍCIO DE 3 PISOS P/ COMÉRCIO E SERVIÇOS E LOGRADOURO | RECHEIO

NOTA: TODAS AS LICITAÇÕES OBTIDAS FICARÃO CONDICIONADAS À APROVAÇÃO DO EXMO. SR. ADMINISTRADOR DE INSOLVÊNCIA E COMISSÃO DE CREDORES

CARTAXO - QUINTA DAS PRATAS

Avenida 25 de Abril | GPS: 39.170222, -8.794725

REGULAMENTO, CONDIÇÕES E CATÁLOGO DA VENDA DISPONÍVEIS EM LCPREMIUM.PT

COVILHÃ
Transversal do Sítio do Espertim, Ap. 98 Centro Cívico 6200-815 Covilhã

LISBOA
Rua Padre Américo, 19 B - 1 dto. 1600-548 Telheiras

APOIO AO CLIENTE:

(Chamada através da rede fixa/móvel: 0,09€/0,11€)

lcpremium.pt e:info@lcpremium.pt

ADRIANO MIRANDA

Portuguesa ganha projecto para acelerar investigação do mar profundo

Bióloga coordena projecto europeu de 1,5 milhões de euros para impulsionar a investigação do mar profundo no país. Haverá formação e campanhas no mar

Teresa Firmino

O mar profundo começa 200 metros abaixo da superfície e segue por aí abaixo. Joana Xavier tem a ambição de que a comunidade científica portuguesa aposte nesta vastíssima extensão do oceano, onde já reina a escuridão. A bióloga coordena um projecto europeu — que ganhou 1,5 milhões de euros — que tem precisamente como objectivo principal reforçar a investigação do mar profundo em Portugal. Uma notícia divulgada neste que é Dia Mundial dos Oceanos.

Em parceria com instituições da Noruega, Países Baixos e Alemanha, o projecto recebeu financiamento do programa Twinning (dentro do programa Horizonte Europa), que procura diminuir as desigualdades na capacidade de investigação científica e tecnológica na União Europeia.

"Este programa pretende fomentar parcerias sólidas entre países beneficiários — Portugal e países da Europa de Leste — com instituições de países da União Europeia que estejam muito avançadas numa área específica", salienta Joana Xavier.

Para concorrer ao Twinning, a bióloga do Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental (Ciimar) da Universidade do Porto escolheu fortalecer a observação e exploração científica do mar profundo em Portugal, o país com a terceira maior Zona Económica Exclusiva da Europa (de 1,6 milhões de quilómetros quadrados). E diz porquê.

"Além de representar dois terços da superfície do planeta, o mar profundo em Portugal corresponde a 96% de toda a área marítima sob jurisdição nacional, exceptuando a plataforma continental estendida. Apesar de ser uma área muito vasta, grande parte da investigação em Portugal está restrita aos menos de 4% que constituem as zonas costeiras e estuarinas", contextualiza.

A razão para esta lacuna é simples de explicar: o mar profundo é de difícil acesso e investigá-lo é muito caro. Exige recursos humanos especializados e tecnologia dispendiosa, desde navios oceanográficos até veículos operados remotamente (ROV, na sigla em inglês) e veículos subaquáticos autónomos (AUV). Para colmatar o vazio de conhecimento e de tecnologia no mar profundo português, o projecto coordenado por Joana Xavier, que inicia os trabalhos já em Julho, estabeleceu vários objectivos.

O primeiro passa por avaliar os recursos humanos como tecnológicos na área da investigação do mar profundo em Portugal — e o que poderá fazer-se para aumentar estas capacidades, elaborando para isso um roteiro. "Queremos fazer um levantamento dos investigadores que já existem e em que áreas [do mar profundo] estão a trabalhar e perceber que tipo de infra-estruturas já temos no país — sejam navios, ROV ou sensores", especifica a bióloga.

O segundo grande objectivo do projecto é a definição — no roteiro — de um conjunto de acções destinadas a acelerar a exploração e a observação do mar profundo em Portugal. "O roteiro vai ser desenvolvido através de uma rede nacional de investigadores, centros de investigação, universidades, indústria, agências governamentais e sociedade civil, no sentido de pensarmos os desafios e as oportunidades do mar profundo", adianta Joana Xavier, esperando que o roteiro

venha a ser apoiado pela tutela governamental responsável pela área científica e do mar.

Essa reflexão para a investigação futura do mar profundo português poderá ainda passar, por exemplo, pela discussão sobre se é necessário criar um programa de financiamento específico para pagar tempo de utilização de navios oceanográficos e de acesso de infra-estruturas científicas já disponíveis no país.

Muita formação avançada

Além do levantamento dos recursos actuais e da elaboração de um roteiro, o projecto inclui ainda uma série de actividades de formação avançada em várias frentes. Esse, poder-se-á dizer, é o terceiro grande objectivo deste projecto, chamado "TwinDeeps – Twinning deep-ocean exploration and observation capacity for sustainable development".

"Queremos promover a formação de uma nova geração de investigadores em várias fases da carreira científica, sejam mais jovens, no mestrado e no doutoramento, ou em fases mais avançadas da carreira", realça Joana Xavier.

Essa formação avançada passará por vários cursos que a investigadora e os colegas irão organizar, principalmente no Ciimar. "Um conjunto de cursos avançados vai estar aberto a toda a comunidade científica nacional que trabalha na área da exploração e observação do mar profundo em Portugal", convida a bióloga portuguesa, especificando que esses cursos incidirão sobre o mapeamento ecológico e habitats de mar profundo, o funcionamento e a monitorização de ecossistemas, e ferramentas genómicas marinhas. Para tal, bastará aos cientistas do mar profundo que trabalhem no país, nas mais diversas instituições, inscreverem-se.

Mais: os cientistas do mar profundo em início de carreira em Portugal terão a oportunidade de participar em campanhas oceanográficas dos parceiros do projecto, que vão disponibilizar lugares a bordo dos seus navios de investigação, mais concretamente nos navios da Noruega e dos Países Baixos. Desta forma, esses parceiros – do Instituto de Investigação Marinha da Noruega e do Instituto Real Neerlandês de Investigação Marinha – vão promover a formação a bordo dos seus navios com a finalidade de se desenvolverem competências técnico-científicas, por exemplo no uso de veículos ROV e AUV.

"Os cursos avançados vão também permitir ganhar competências de liderança, nomeadamente no planeamento e na coordenação de uma campanha científica", pormenoriza a investigadora portuguesa, dizendo que os cientistas em formação serão igualmente desafiados a escrever as suas próprias propostas para campanhas oceanográficas.

Já o parceiro alemão, do Instituto Alfred Wegener de Investigação Polar e Marinha, contribuirá principalmente na gestão de grande quantidade de dados oceânicos, acrescenta a bióloga. Esta gestão é importante para possibilitar que a informação sobre o oceano, recolhida no mundo inteiro por diversas entidades, seja "localizável", "acessível", "interoperável" e "reutilizável" (os princípios FAIR, na sigla em inglês, relativos aos dados).

Os 1,5 milhões de euros do "TwinDeeps", para os próximos três anos, serão divididos pelas instituições da Noruega e dos Países Baixos envolvidas no projecto, com a maior fatia (de 860 mil euros) a vir para o Ciimar.

Para consolidar os conhecimentos aprofundados nos cursos avançados, tanto no mar como em terra, bem como na gestão de dados oceânicos, realizar-se-á também uma campanha oceanográfica em águas portuguesas, no Verão de 2025, num navio neerlandês e em que será usado o ROV *Luso*, veículo português que mergulha até aos seis mil metros.

Essa campanha será liderada conjuntamente por Joana Xavier e Furu Mienis (cientista do Instituto Real Neerlandês de Investigação Marinha) e nela irão pôr-se em prática as aprendizagens proporcionadas pelo "TwinDeeps", através da caracterização exaustiva da biodiversidade e do ambiente de um local, ainda a determinar, do oceano português.

O percurso da bióloga

O mar profundo é já um velho conhecido de Joana Xavier. "A partir dos 200 metros, a luz que possa existir é tão residual que já não permite qualquer processo de fotossíntese. O mar profundo é toda a coluna de água e os leitos marinhos abaixo dos 200 metros de profundidade", explica a investigadora, licenciada em 2003 na Universidade dos Açores e doutorada em 2009, na Universidade de Amesterdão, com uma tese dedicada à biodiversidade e biogeografia de esponjas marinhas do Atlântico ao Mediterrâneo.

Se no início da carreira científica as esponjas marinhas concentraram as atenções de Joana Xavier, actualmente a bióloga de 44 anos, que desde bebé até ir para a Universidade dos Açores cresceu na zona piscatória das Caxinas (Vila do Conde), dedica-se a uma área de investigação mais abrangente, como especialista em ecossistemas marinhos vulneráveis. No que diz respeito ao mar profundo, participou em dez campanhas no Atlântico, uma no Árctico e outra no Índico (ao largo de Moçambique). Isto sem contar as centenas de horas de mergulho noutras expedições.

Em Agosto de 2022, foi uma das coordenadoras científicas de uma etapa da campanha "Voyage to the Ridge", organizada pela agência norte-americana para a atmosfera e o oceano (NOAA) no navio *Okeanos Explorer* e que incluiu mergulhos de ROV na plataforma dos Açores e na Dorsal Média-Atlântica, a grande cordilheira submarina que corta o Atlântico de norte a sul.

Entre a tal dúzia de campanhas no mar profundo, pelo menos duas (internacionais) permanecem memoráveis para a investigadora. Uma foi em águas internacionais ao largo da Serra Leoa em 2022 e a outra, no ano seguinte, ao largo do arquipélago de Bazaruto, em Moçambique. Inseriam-se num programa entre a FAO e o Instituto de Investigação Marinha da Noruega (por sinal, agora um dos parceiros do projecto "TwinDeeps"), que apoia sobretudo países africanos e do Sudeste asiático.

"Em ambas as campanhas, encontrámos habitats muito diversos e em condições prístinas. Praticamente não encontrámos sinais de impacto humano, por exemplo de aparelhos de pesca ou marcos de arrasto ou lixo marinho", recorda Joana Xavier. "Além disso, estas campanhas tinham uma componente muito forte de formação e capacitação de recursos humanos dos países africanos parceiros no programa, pelo que a troca de conhecimento, e até cultural, foi muito enriquecedora."

A campanha ao largo da Serra Leoa, que se destinou a saber mais sobre ecossistemas do mar profundo e a ajudar também na formação de cientistas de países africanos, foi relatada na altura ao PÚBLICO pela bióloga portuguesa. Contava que, para se saber mais sobre os habitats de mar profundo do Atlântico equatorial, tinham visitado vários montes submarinos. Entre os deslumbramentos dessa expedição pontuavam algumas espécies de esponjas de vidro, com o seu intrincado esqueleto em sílica. "Em mar profundo, estas espécies constroem autênticas 'cidades de vidro', dando abrigo e servindo de berçário para muitos outros animais, sendo também críticas na reciclagem de nutrientes marinhos", realçava então.

Ainda que os horizontes de Joana Xavier abarquem agora a investigação e a caracterização de ecossistemas vulneráveis abaixo dos 200 metros de profundidade e a preocupação de formar uma nova geração de cientistas, a taxonomista de esponjas marinhas tem visto esta sua especialização homenageada pelos pares. Recentemente, o seu apelido foi atribuído a uma espécie de esponja nova para a ciência: a *Caminus xavierae*.

Em 2007, a bióloga tinha apanhado uma esponja marinha, a pedido de um colega, Paco Cárdenas, numa gruta subaquática em Tenerife. Na altura, mergulhava muito para recolher amostras de esponjas para o seu doutoramento, mas não em grutas, pelo que aquele mergulho se destinou a ajudar o colega. O pedido era para apanhar a *Caminus vulcani* e era essa esponja que Joana Xavier pensava que tinha levado ao colega. "Veio a determinar-se agora, ao fim destes anos, que esse exemplar não era dessa tal espécie, que já era conhecida, mas de uma espécie nova, e atribuíram-lhe o meu nome." O novo nome surge num artigo científico que a equipa de Paco Cárdenas publicou, em Março deste ano, na revista *PeerJ*.

"É uma grande honra, mas não é uma coisa incomum", diz. "Já tive outras duas espécies dedicadas a mim: a primeira pelo meu orientador de doutoramento e a outra por uma colega irlandesa." Em 2010, o seu orientador de doutoramento, Rob van Soest, do Museu Zoológico de Amesterdão, já lhe tinha dedicado a *Calthropella xavierae*. Em 2011, a irlandesa Claire Goodwin homenageou-a com a *Hymedesmia xavierae*.

Agora, Joana Xavier quer dedicar-se mais aos outros – à comunidade científica do mar profundo como um todo. O novo projecto é para isso mesmo, ao chamar toda a gente, de todas as instituições desta área, a pensar o que se pode fazer mais em prol do mar português.

DR

DR

A bióloga Joana Xavier fotografada no Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental da Universidade do Porto (na página ao lado) e nos Açores (em cima), junto do navio *Okeanos Explorer*, da agência norte-americana para a atmosfera e o oceano; em baixo, uma esponja de vidro que a bióloga viu numa expedição ao largo da Serra Leoa em 2022

O mar profundo em Portugal corresponde a 96% de toda a área marítima sob jurisdição nacional, mas grande parte da investigação do país restringe-se aos menos de 4% que constituem as zonas costeiras e estuarinas

MARCELO DEL POZO/REUTERS

O futuro solar da Andaluzia vai além do fotovoltaico

Para muitos, o solar resume-se a painéis fotovoltaicos, mas a energia térmica também faz parte do pacote. Nos arredores de Sevilha, o futuro das renováveis é aquecido pelo solar térmico

Reportagem

Aline Flor

Nem só do fotovoltaico se faz a energia solar, e a grande fábrica da Heineken na Andaluzia é um bom exemplo disso. Aqui produz-se 41% da cerveja de Espanha, país que é o segundo maior produtor da Europa (atrás apenas da Alemanha). Mas visitamos a estrutura para ouvir falar, não sobre cerveja, mas sobre energias renováveis: na fábrica da Heineken, onde a cozedura das bebidas e o funcionamento dos sistemas só são possíveis com altas temperaturas, o gás natural começa a ser substituído pela energia que vem do parque solar térmico ao lado da fábrica e que foi inaugurado em Setembro.

É um dos maiores parques da Europa de concentração térmica solar de aplicação industrial, com reflectores distribuídos por oito hectares, uma potência instalada de 30MW e capacidade de armazenamento de 68MWh (suficiente para oito horas a trabalhar sem sol). Aqui, cilindros parabólicos servem como concentradores ópticos para gerar calor e produzir o vapor que gera electricidade. Em combinação com tecnologias de armazenamento de calor, estas tecnologias de concentração de energia solar (CSP) permitem produzir electricidade de dia e à noite, um bónus por comparação com a produção fotovoltaica.

Nos dias que correm, é cada vez mais forte o imperativo de "descarbonizar" a produção e o consumo de energia – mas a electricidade não é a única forma de energia, nem a electrificação dos consumos será a única resposta para a reconfiguração necessária em toda a linha. Dentro do leque de energias renováveis, a tecnologia solar térmica é mais conhecida com fins de aquecimento da água nos edifícios urbanos, mas também pode ter aplicações industriais.

A União Europeia conta com 2,3GW de potência instalada de CSP, e Espanha lidera nesse campeonato.

Na fábrica da Heineken perto de Sevilha, que o Azul visitou com um grupo de jornalistas a convite da Comissão Europeia, o consumo de energia é dividido praticamente a meio entre electricidade e energia térmica, que antes era gerada maioritariamente por gás natural e

DR

uma fracção de biogás. Agora, a energia solar já substituiu 60% do consumo de gás, o que permitiu uma redução nas emissões da fábrica em cerca de sete mil toneladas de CO2 equivalente por ano.

Agora, o foco da equipa é na eficiência energética: "o primeiro passo é reduzir o consumo de energia térmica" para que 100% provenha de fonte renovável, explica Consuelo Carmona Miura, responsável pela área de sustentabilidade da Heineken España.

Em 2021, a Heineken España começou a trabalhar com toda a cadeia de produção para pôr no terreno a estratégia de sustentabilidade "do campo ao bar", conta Consuelo Carmona Miura. Ainda há um caminho intenso até chegar à neutralidade carbónica que pretendem na cadeia de valor até 2040, mas na fábrica em Sevilha já se consegue vislumbrar um pouco desse futuro.

O que cabe no *mix*?

Para atingir a neutralidade climática prometida até 2050, ou mesmo o corte de emissões em 55% até 2030 conforme previsto na Lei Europeia do Clima, a União Europeia ainda tem um longo percurso pela frente. O objectivo é atingir, pelo menos, 42,5% de energias renováveis até 2030.

Há dois anos, quando a guerra na Ucrânia acordou a União Europeia para a dependência da energia russa, o bloco tratou de montar um plano para a transição energética da UE, o RePowerEU, com olho também na recuperação do sector industrial europeu.

O programa incluía uma estratégia específica para a energia solar, cujos resultados são hoje visíveis: a potência instalada passou de 164,19GW em 2021 para 259,99GW em 2023.

De acordo com o *European Electricity Review 2024*, publicado pela Ember Climate, a produção de electricidade solar atingiu 9% da produção total de electricidade da UE em 2023. A energia solar, em particular a energia fotovoltaica (PV), é actualmente a fonte de energia renovável em mais rápido crescimento na UE.

Neste momento, as energias renováveis contribuem em 22% para o *mix* energético da Andaluzia – o plano é chegar a 42% até 2030. Em termos de electricidade produzida, a fatia garantida pelas renováveis é hoje de 60%, mas o objectivo é chegar aos 74% até ao final da década.

A transformação da fábrica de cerveja da Heineken mostra que esta transição será bastante difícil de fazer sem apoios públicos, mas também não se fará sem a adesão activa do sector privado.

Consuelo Carmona Miura reconhece que não teria sido possível investir no sistema solar térmico sem o co-financiamento do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) de 13,4 milhões – 61% dos 21,7 milhões de euros do investimento total no parque. Agora, a Heineken manterá por 20 anos o contrato de compra de energia de longa duração com a Engie España, investidor e operador da central, que tratará do fornecimento de energia à cervejeira a um preço pré-acordado.

Joaquin Villar Rodriguez, da Agência de Energia da Andaluzia (AEA), explica que a região, bem-fadada com exposição solar, é também um local onde a aposta em inovação tem sido constante nas últimas décadas. "Sempre tivemos um forte compromisso com as energias renováveis através de muitos planos e subsídios públicos", descreve o responsável pela área de internacionalização da AEA, recordando o lançamento do programa Prosol, em 2009.

Com uma capacidade instalada de 11GW de energia renovável (cerca de 53% fotovoltaica), o plano para os próximos anos é ambicioso: um investimento de 12 mil milhões de euros para acrescentar 12GW apenas em energia solar.

Em Portugal, o Plano Nacional de Energia e Clima 2030 (PNEC) prevê que a capacidade da fonte solar aumente 18.297MW entre 2022 e 2030, incluindo os objectivos de 5500MW para o fotovoltaico descentralizado e 600MW para o solar térmico concentrado, cuja capacidade em 2025 ainda deverá ser nula em Portugal.

No PNEC está prevista a promoção de "projectos-piloto com base nas tecnologias de solar térmico concentrado, enquanto tecnologia que permite o armazenamento de energia". "No caso da indústria, [o solar térmico] deverá crescer substancialmente a capacidade de satisfação das necessidades de calor de baixa/média temperatura", promete-se ainda no documento orientador.

Já quanto ao edificado, os sistemas de aquecimento solar, que podem ser instalados nos telhados, são vistos como "uma das formas mais eficientes para o aquecimento ambiente e de águas, contribuindo para o aumento do conforto".

Energia solar à noite não é ficção científica

Voltamos ao caso exemplar de Sevilha. Ao vislumbrar o topo da torre de 140 metros da central eléctrica Gemasolar, um núcleo iluminado e aquecido por 2600 espelhos (helióstatos) distribuídos de forma concêntrica por 210 hectares para reflectir com precisão a luz do sol, é difícil não pensar que nos aproximamos de um cenário de ficção científica.

A energia concentrada no topo da torre é encaminhada para aquecer as 80 mil toneladas de sal fundido (*molten salt*) que circulam em dois tanques junto ao solo – a 560 graus no tanque de sais quentes e 290 graus no tanque de sais "frios".

O sal fundido – uma mistura de nitrato de sódio e nitrato de potássio – é um meio para transmissão de energia, mas também para armazenamento do calor: o sistema permite manter as tubagens a 290 graus também durante a noite, permitindo até 15 horas de armazenamento, para que a produção de energia não pare.

"Armazenamos energia térmica para depois transformar em electricidade", explica Sebastián Fernández Pérez, chefe de operações desta estrutura da

→

Torre
O topo da torre de 140 metros da central eléctrica Gemasolar, um núcleo iluminado e aquecido por 2600 espelhos (helióstatos) distribuídos de forma concêntrica por 210 hectares para reflectir com precisão a luz do sol

Calor
A zona da Andaluzia (na página seguinte) é das mais quentes de Espanha

Ciência e Ambiente

Torresol Energy Investments. Assim, a geração de energia permanece relativamente estável, sendo possível armazená-la para quando os preços estão mais altos.

A Gemasolar conta também com um parque fotovoltaico que apoia a produção de energia solar, ocupando um total de 300 hectares e perfazendo uma capacidade instalada de 19,9MW e 75GWh de energia gerada por ano – suficiente para fornecer energia para 27 mil casas por ano. Em jeito de comparação, o parque solar fotovoltaico de Alcoutim, o maior em Portugal, tem uma capacidade instalada quase dez vezes superior, de 219MW.

Esta foi a primeira estrutura de torre central com receptores de sal a entrar em operação comercial, em 2011. O custo inicial foi de 230 milhões de euros, mas Sebastian Fernandez, da Torresol, nota que a instabilidade actual do mercado pode dificultar – e encarecer – os investimentos (ainda que a inovação tenha aprimorado os processos).

A pergunta dos jornalistas é sempre a mesma: quais são as condições para replicar um projecto destes? Concentrar energia suficiente para aguentar as temperaturas de operação durante a noite requer uma quantidade de radiação solar que não se consegue em qualquer lugar – tanto em termos de exposição solar como em termos de disponibilidade de território. Veja-se pelos outros locais do mundo onde existem centrais como esta: Estados Unidos (no deserto do Arizona), Chile, Marrocos e Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, descreve Sebastián Fernández Pérez.

As implicações ambientais, à semelhança do que se passa por todo o mundo, não são de se ignorar, mas o engenheiro industrial tem a resposta pronta: em caso de acidente, o pior cenário será de uma grande salinização do solo, mas sem contaminação com outros compostos.

Em matéria de biodiversidade, a Torresol cuidou da vigilância da fauna durante oito anos, trabalhando agora com a autarquia e com uma empresa para aumentar a população dos animais. Neste momento, diz com um sorriso, uma das actuais preocupações é uma comunidade de pombas, que procuram o calor da torre para construir os seus ninhos – pondo-se em risco de serem cozinhadas.

Solar térmico: do telhado para o banho

Regressamos então à principal vantagem da energia térmica, por comparação com a fotovoltaica: "o fotovoltaico é bom para produzir electricidade, mas não para aquecer", diz-nos Angel Martinez, gestor financeiro da Termicol, na visita à pequena fábrica desta produtora de painéis solares térmicos que ainda tem como foco o mercado residencial.

DANIEL ROCHA

Além das aplicações industriais e das vantagens do calor na facilidade de armazenamento, a tecnologia solar térmica é particularmente estratégica no aquecimento da água nas habitações – um dos pontos fracos das emissões dos edifícios residenciais actualmente.

Para integrar as tecnologias solares nos sistemas de aquecimento de mais edifícios, o sector irá contar com um empurrãozinho da directiva sobre desempenho energético dos edifícios, aprovada no início deste ano, que dita que as novas construções terão de ter sistemas de aquecimento livres de combustíveis fósseis a partir de 2030.

Na fábrica da Heineken, perto de Sevilha, o consumo de energia é dividido a meio; electricidade e energia térmica

As energias renováveis contribuem em 22% para o *mix* da região

É aqui que entra outro desafio partilhado com o sector fotovoltaico: a Agência Internacional da Energia (AIE) estima que os painéis solares produzidos na China correspondem a mais de 90% da capacidade instalada na Europa; um relatório da Comissão mostra que os componentes exportados pelo gigante asiático compõem cerca de dois terços dos que são usados na UE, uma dependência que cria riscos para a indústria europeia.

Para a Comissão Europeia, a solução para quebrar essa concentração é investir na cadeia de valor solar europeia. O primeiro desafio é enfrentar os preços baixos dos painéis importados, difíceis de responder para a indústria europeia, com as suas regras mais apertadas. O acto legislativo para a neutralidade da indústria (*Net-Zero Industry Act*), sobre o qual foi alcançado um acordo político em Fevereiro, inclui medidas que procuram dar o impulso necessário. Resta saber se a economia irá responder como se espera.

"Infiltrar cadeias de valor com mudança radical"

Uma das peças do *puzzle* de inovação da Andaluzia é a presença, desde 1992, de um dos pólos do Centro Comum de Investigação – mais conhecido como Joint Research Center (JRC) –, a última paragem desta espécie de *peddy paper* preparado pela DG ENER. Em Sevilha localiza-se o pólo do JRC dedicado às dimensões socioeconómicas das políticas europeias, com especial foco na transição climática.

Avaliar os custos da inacção é "uma tarefa metodológica fenomenal", mas necessária, explica António Soria Ramirez, coordenador da unidade que analisa a economia das alterações climáticas, energia e transportes. Os impactos são cada vez mais visíveis: ondas de calor, meses de seca, anos de erosão dos solos, décadas de subida do nível da água do mar.

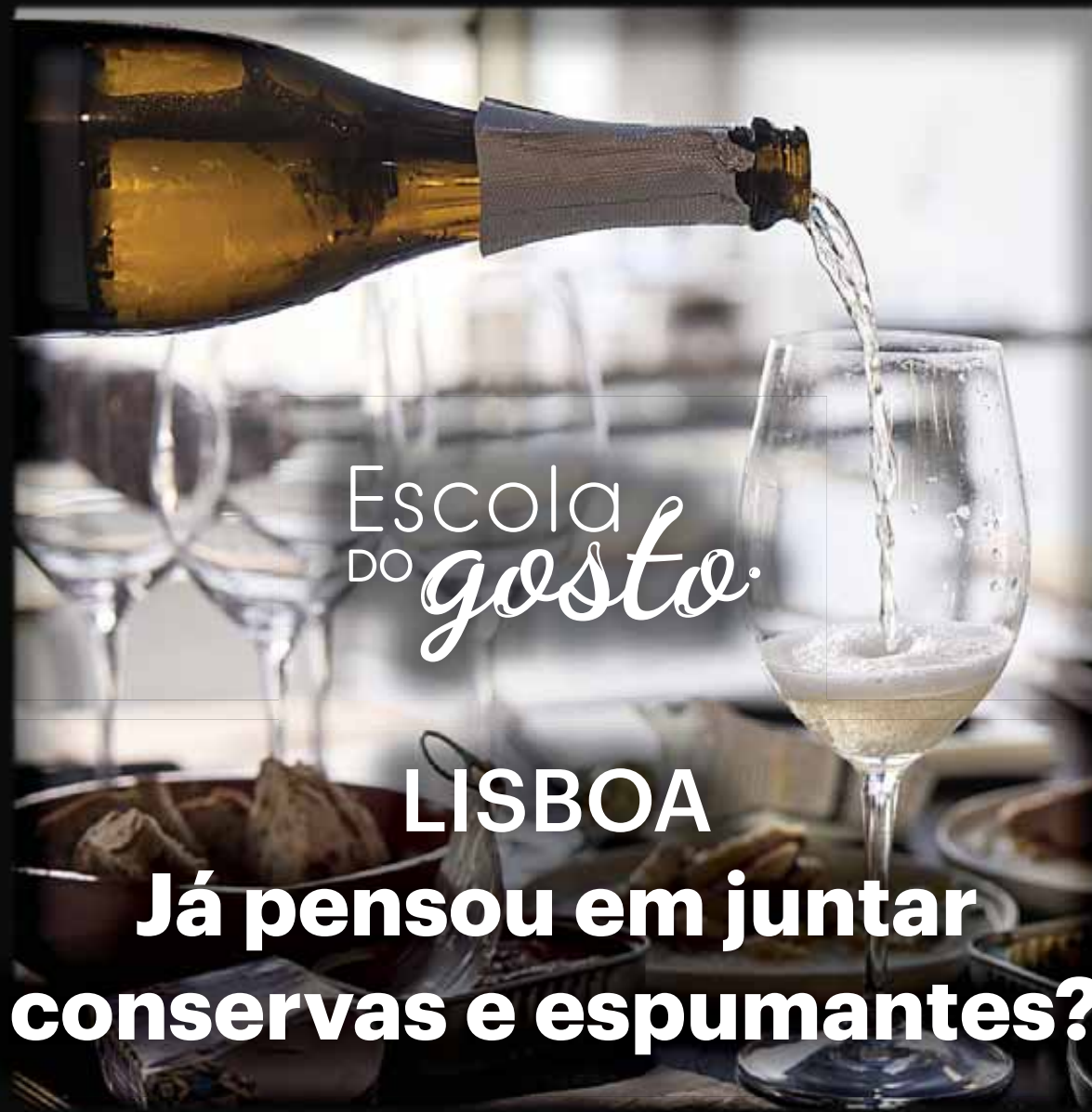
A receita é "simples": electrificar os consumos e descarbonizar a produção de energia. Porque é que é preciso, afinal, fazer este esforço que mexe de tal maneira com o sistema? António Soria Ramirez traz a resposta crua: "Queimar combustíveis fósseis está a pôr o sistema ecológico como um todo em perigo, ameaçando as condições de vida nos oceanos e continentes."

Apesar dos esforços, o consumo global de combustíveis fósseis continua a aumentar, o que significa que a sua substituição só será possível se os países levarem a sério o investimento em várias alternativas.

Uma das grandes preocupações dos investigadores do centro científico da Comissão Europeia é que tornar a energia mais cara é uma medida regressiva – o impacto é imensamente desproporcional entre a fatia de pessoas com mais recursos e o quintil mais vulnerável.

"A boa notícia é que isto é concretizável", diz António Soria Ramirez aos jornalistas: a tecnologia necessária já existe e "as soluções já estão no mercado".

O que falta, então, para fazer acontecer? "Infiltrar as cadeias de valor com a mudança radical de que precisamos." É caso também para dizer que não se deve pôr todos os ovos no mesmo cesto, até porque cada território tem as suas características próprias, mas garantir que todos os ovos são bons o suficiente para cada necessidade.

O Azul viajou a convite da Direcção-Geral da Energia da Comissão Europeia (DG ENER)

Coração escancarado mas não derrotado: o torpedo SZA (e a fera PJ) no Primavera Sound

A cantora e compositora americana provou o seu estatuto de fenómeno do r&b no arranque do festival, que ficou também marcado pelo imaculado concerto de PJ Harvey

Mariana Duarte Texto
Tiago Bernardo Lopes Fotografia

"Sou capaz de matar o meu ex, não é a melhor ideia/ A nova namorada dele é a próxima vítima, como é que eu vim parar aqui?/ Sou capaz de matar o meu ex, mas ainda o amo/ Prefiro estar na cadeia do que sozinha", canta SZA com uma catana (de plástico) na mão, rodeada pelo seu elenco de bailarinas e bailarinos, também munidos de espadas, numa coreografia de doce vingança.

Kill Bill, canção icónica (e irónica) do curto mas mui celebrado currículo da cantora e compositora americana, nome incontornável da primeira liga do r&b actual, foi um dos momentos mais deliciosos — e histericamente aplaudidos — do primeiro dia do Primavera Sound, no palco principal do festival que arrancou anteontem (ainda sem chuva…) e termina hoje no Parque da Cidade, no Porto.

Pela primeira vez em Portugal, SZA arrastou, e conquistou, uma multidão de fãs, sobretudo da Geração Z, comprovando o seu estatuto de fenómeno de uma recente vaga de r&b/neo-soul/pop feita por mulheres sem papas na língua nem pudor de mostrar como estão "fodidas e enfurecidas" (palavras da própria em entrevistas) à conta de desgostos amorosos e ex-companheiros. No final de 2022, SZA lançou *SOS*, o seu segundo álbum, dedicado às feridas e aos golpes do final de uma relação, bem como à ansiedade, à insegurança e à auto-estima esburacada que daí resultaram.

Mas esta vingança não se serve fria. Nem com choradeira infinita de inchar os olhos, nem com vontade de ficar enfiada na cama sem tomar banho durante uma semana (isso queriam eles, ahahah, riso maléfico com ou sem catanas à mistura). Serve-se com humor — degolar o ex, e por arrasto a namorada, não é um cenário para ser levado à letra —, serve-se com a consciência de que a saúde mental está no lodo e é preciso tratar dela, serve-se quente & suada com uns glúteos e um corpo orgulhosamente roliço de fazer parar o trânsito, serve-se com excesso e barroquismos pop.

Vimos tudo isso a acontecer em horário nobre no Primavera: SZA a desenrolar de rajada canções de *Ctrl* (o primeiro álbum, de 2017) e de *SOS* num palco meio *Mad Max*, meio afrofuturista, meio *cyberpunk*, com cenários subaquáticos a condizer com a capa do último disco. Há projecções 3D de qualidade duvidosa — mas que parolice espectacular vê-la cantar *Drew Barrymore* debaixo de água — e vídeos com fogo, trovões, céus estrelados, jardins e sabe-se lá mais o quê. Há ela a fazer *pole dance* no suporte do microfone; há um momento *wrecking ball* em *Low*, pérola de r&b lubrificado e empoderado que ao vivo é rematada com um solo de guitarra a puxar a Prince, cortesia de uma guitarrista arrasadora.

Tudo aqui é histriónico (infelizmente, a artista não autorizou a captação de imagens). Um espiralar de emoções que põem adolescentes, jovens e não-tão-jovens adultos em lágrimas e com os telemóveis ao alto enquanto devoram as letras do emo-pop de *Nobody gets me*, com acordes que vão sacar a melodia de *Fade into you* de Mazzy Star e uma *vibe* Taylor Swift, também presente em *F2F*, com guitarras juvenis a lembrar Avril Lavigne ("*Now I'm ovulatin' and I need rough sex/Knowin' you gon' block me tomorrow, can you still come and get me?*").

SZA — que há uns meses actuou para 117 mil pessoas no Lollapalooza Brasil, quebrando o recorde de público do festival — tem a astúcia de enxertar na sua música referências que vão das supracitadas a *samples* de Björk e Ol' Dirty Bastard (*Forgiveless*) ou a Metallica, a quem "rouba" o título da canção *Seek & destroy*, guloseima neo-soul tão irresistível quanto profundamente tóxica ("*Danger arise and I deflect it/ New dick arrives and I erect it/Begging my angels for protection*").

Este *hit* de *SOS* provoca no início do concerto uma onda de excitação entre o público, mais tarde também testemunhada em *All the stars*, canção do filme *Black Panther* partilhada com Kendrick Lamar. SZA é um torpedo, a voz acompanha a presença. Contudo, ao vivo falta uma certa elegância nos arranjos que se encontra nos discos, bem como um equilíbrio entre o turbilhão do espectáculo visual e o lugar das canções.

De resto, a cantora e compositora afro-americana mostra como o amor pode sublimar a estupidez humana, como pode ser manipulador, tóxico e mesquinho, mas também como é essencial para a sobrevivência da espécie. Fá-lo com humor e auto-irrisão, com plena consciência da teatralidade e do dramalhão da sua música, sem que isso signifique que não seja genuína. Se ela está "fodida", não o esconde, põe a carne toda no assador — mas nessa doce vingança é sobretudo ela que se olha ao espelho. Voltemos a *Kill Bill*: "*I'm so mature, I got me a therapist to tell me there's other men/ I don't want none, I just want you*". No final da canção, no palco do Primavera, atira a catana ao chão: coração escancarado, mas não derrotado. Muito pelo contrário.

PJ Harvey hipnotizante

Não fazemos ideia se SZA conhece o trabalho de PJ Harvey, e vice-versa, mas é curioso ver como a Polly Jean do início não está assim tão longe da cantora americana no que toca ao modo de processar intempéries emocionais. Ouçamos *Rid of me* e *Legs*, ambas do álbum *Rid of Me* (1993): "*Yeah, you're not rid of me/I'll make you lick my injuries/I'm gonna twist your head off, see*", diz na primeira; "*No, you must, no, you must not go away/How will you ever walk again?/And I, I might as well be dead/ But I could kill you instead*", afirma na segunda.

Mas a Polly Jean que vemos hoje é outra. Já não é a *punk-rocker* atormentada e à beira do abismo dos primeiros discos. Continua, no entanto, a ter aquele nervo punk que faz dela fera e feérica num outro registo. Menos rugida e visceral, é certo, mas não menos impactante e transbordante, como pudemos testemunhar no seu regresso a Portugal, e ao Primavera, ao cair da noite de anteontem.

"Quem é esta senhora? Canta muito bem, mas não dá para dançar", comentava um Gen Z ao nosso lado no início do concerto, que arrancou pelas 20h45 no palco principal. Após uma breve introdução — "esta senhora" é uma das pessoas mais importantes e influentes do chamado rock alternativo… —, reparámos nas diferenças geracionais entre o público. Fãs devotos, na sua maioria dos 30 para cima, e muitos Gen Z sem saber o que os esperava.

Ainda assim, a presença hipnotizante e absolutamente singular de PJ Harvey — absurdamente linda, elegante e reluzente nos seus 54 anos, que parecem no máximo 40 —, foi suficiente para deixar o público de várias gerações atento e preso a ela. Voz aurífera seguríssima entre as suas

PJ Harvey, hipnotizante, foi uma das rainhas da primeira noite deste Primavera Sound 2024 (a outra, SZA, não permitiu fotografias)

À direita, Mitski e Blonde Redhead: a primeira tratou mais da *performance* do que das canções, os segundos foram competentes

diversas tessituras e tonalidades, bailarina esvoaçante, *performer* a dominar e a encher o palco com uma coreografia improvisada a partir do olhar, do gesto, do vestido de corte perfeito e das botas brancas de salto alto. Difícil não venerar PJ Harvey.

Artista camaleónica, nunca anacrónica, a cantora, compositora e poetisa britânica fez-se acompanhar por quatro músicos, entre eles John Parish, cúmplice de longa data com quem concebeu o mais recente álbum e o primeiro desde 2016, *I Inside the Old Year Dying* (2023), que compôs o início do alinhamento.

Apesar de, como sempre, a artista sublinhar que os seus trabalhos não são autobiográficos, há nas ficções poéticas que cria pegadas suas, memórias suas, uma interioridade que é muito dela – e *I Inside the Old Year Dying* pode ser visto como uma espécie de viagem de enraizamento, um regresso à infância numa quinta no condado de Dorset, no sudoeste inglês. Nestas canções entre a luz e a sombra, entre a valsa de seres identificáveis e não-identificáveis, entre os assombramentos e os encantamentos de lendas e superstições locais, ouve-se o murmulho dos bosques e o chilrear dos pássaros, num folk-rock ancestral, pendular e fantasmático que acaba por calibrar todo o concerto, inclusive as músicas de outros discos.

Para lá do novo álbum, e a driblar entre as guitarras acústica e eléctrica, a auto-harpa e instrumentos de percussão, PJ repescou canções de *Let England Shake* (2011). Gesto deveras pertinente, tendo em conta o estado caótico em que se encontra a política britânica, mas sobretudo face ao actual cenário de guerra: mais concretamente o apadrinhamento do Reino Unido, ao lado dos Estados Unidos, das políticas genocidas do Estado de Israel contra o povo palestiniano.

O horror da guerra, os derrames do imperialismo e as manobras da geopolítica das grandes potências mundiais narrados por Polly Jean em *Let England Shake* estão agora muito mais sanguinários, muito mais vermelho vivo. "*Oh, America/ Oh, England/ How is our glorious country sown?/ Not with wheat and corn*", canta em *The glorious land*. "*This was something else again/ I fear it cannot explain/ The words that make, the words that make murder/ What if I take my problem to the United Nations?*", ouvimos em *The words that maketh murder*. Tudo isto podia ter sido escrito aqui e agora.

PJ Harvey deu ainda alguns saltos aos discos dos anos 1990, numa roupagem menos punk abrasivo, menos urro e mais sussurro, mas na mesma à flor da pele. *Angelene*, de *Is This Desire?*, arrepiou como arrepiará para sempre. *Dress*, do álbum de estreia *Dry*, e *Man-size*, de *Rid Of Me*, esta última com direito a distorção via violino, mostrou como já no início dos 90s Polly Jean satirizava os papéis de género e as ideias dominantes de feminilidade.

Down by the water e *To bring you my love*, de *To Bring You My Love*, provocaram pele de galinha e cantos em uníssono entre os fãs. Esta última canção – sofrência em fogo lento, voz desafiante a levantar-se do chão e a sacudir a poeira – foi dos acontecimentos mais bonitos da história do Primavera. Repetimos: é difícil (impossível?) não venerar PJ Harvey.

Mitski: demasiado teatro

Por falar em sofrência, e traçando conexões entre PJ Harvey, SZA e a outra cabeça-de-cartaz do primeiro dia do festival, Mitski (seria, aliás, muito interessante sentar estas três à mesa), há que confessar a nossa desilusão perante esta última.

Mestra em relatar o amor e o desamor em letras tragicómicas com várias tiradas memoráveis, lúcida e mordaz na sua análise existencialista sobre a solidão, a auto-estima e a complexidade das relações amorosas, a cantora e compositora nipo-americana – que marcou o seu território no indie-pop-rock com os excelentes *Puberty 2* (2016) e *Be the Cowboy* (2018) – optou por dar um concerto mais centrado na teatralidade do que na música.

SZA é um torpedo, a voz acompanha a presença, mas falta a elegância nos arranjos que coloca nos discos

O último disco de PJ Harvey, *I Inside The Old Year Dying*, calibrou todo o concerto, incursões ao passado incluídas

Ela bem avisou o público, que encheu devotamente o palco Vodafone a partir das 22h, de que ia fazer *role-playing* – e já estávamos a par da queda para a performance de Mitski, nada contra, tudo a favor –, mas não esperávamos tanta encenação, tanto gongorismo. Ao contrário dos concertos de SZA e PJ Harvey, ambos com uma forte componente performativa, cada um à sua maneira, o de Mitski pecou pelo exagero. Em vez de entornar o seu dramatismo nas canções, despejou-o no palco em estilo cabaré. Gatinhou, arrastou-se, roçou-se nas cadeiras, e as músicas pareciam algo secundário.

A emotividade da sua voz perdeu-se entre os mil movimentos que tentava fazer ao mesmo tempo, as canções pouco se distinguiam umas das outras. Não sabemos se optou por ironizar consigo própria ou se quis responder (ou, mais uma vez, ironizar?) ao sucesso que entretanto granjeou sem pedir no TikTok, mas de qualquer das maneiras não nos convenceu, apesar de ter convencido uma boa parte dos fãs. Uma pena, até porque o último disco, *The Land Is Inhospitable and So Are We* (2023), merecia ser ouvido na plenitude.

Pelo dia inaugural do Primavera Sound 2024, aquele que concentrava os nomes mais interessantes desta edição, passaram ainda artistas da nova música portuguesa como Ana Lua Caiano ou Amaura. As guitarras também tiveram o seu lugar: prestações muito amenas dos veteranos Blonde Redhead (competentes, mas sem a tensão e a urgência de outros tempos) e da jovem banda de pós-hardcore Militarie Gun, contrapostas pelo punk hard-rock *fast and furious*, extemporâneo mas genuinamente divertido, dos repetentes Amyl and The Sniffers, turbinado por uma vocalista imparável e indomável que apelou à mobilização, à troca de informação e ao diálogo sobre o genocídio em Gaza.

Por ver ficaram dois dos artistas mais entusiasmantes do festival – Eartheater e Obongjayar –, que, ou por motivos de agenda ou por falta de visão dos programadores do festival, tocaram ao mesmo tempo que PJ Harvey e SZA, respectivamente.

O Primavera termina hoje com um alinhamento de que constam Pulp, The National, Soluna, Arca, Billy Woods e Conjunto Corona. Dada a morte recente de Steve Albini, o concerto dos Shellac (banda que esteve presente em todas as edições portuenses do festival) foi substituído por uma sessão de escuta do último álbum da banda.

Uma terrina para Mafra e 200 negativos de Aurélia de Sousa para o Soares dos Reis

Lucinda Canelas

Estado foi de novo às compras para os museus. Com o ano a meio, já há aquisições vistosas e ainda falta fechar um negócio

Uma terrina em prata portuguesa que terá sido desenhada pelo ourives e arquitecto alemão do rei D. João V, João Frederico Ludovice; um conjunto de cerca de 200 negativos em placas de vidro de Aurélia de Sousa, uma das mais notáveis pintoras portuguesas; e uma aguarela representando uma cena familiar em casa dos Marqueses de Pombal nos finais do século XVIII, atribuída a Nicolas-Louis-Albert Delerive, francês de ascendência espanhola, obra muito pouco comum nas colecções nacionais, são até agora os três grandes destaques da lista de compras feitas este ano ao abrigo da comissão de aquisições de bens culturais da Museus e Monumentos de Portugal (MMP).

O PÚBLICO, que já antes noticiara a compra de um retrato a aguarela reforçado a guache da rainha D. Maria II (1819-1853) para o Palácio Nacional da Ajuda – uma obra atribuída a John Lindsay Lucas feita a partir de um retrato da monarca ainda muito jovem que terá sido executado pelo mestre do pintor inglês, Thomas Lawrence (e atelier) –, apurou agora que a comissão comprou também, para além do acima enunciado, uma pequena pintura de José Malhoa para o Museu Nacional de Soares dos Reis (MNSR) e uma maquineta do século XVIII com o modelo de uma sala de um palácio, com todo o seu recheio em miniatura, para o Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), esta última adquirida, tal como a terrina de Ludovice, num leilão da Cabral Moncada, a 3 de Junho.

Se tudo correr como previsto, desta lista deverá vir a constar também uma raríssima colher sapi-portuguesa (c.1490-1530) esculpida em marfim e com motivos associáveis a D. Manuel I. As negociações entre a MMP e a São Roque Antiguidades e Galeria de Arte, que tem a peça para venda, ainda não estão fechadas, informou ao PÚBLICO o antiquário Mário Roque, escusando-se a dar qualquer informação adicional.

Se se confirmar a compra desta peça sapi para Arte Antiga – "sapi" é o termo que os navegadores e mercadores portugueses usavam para se referir aos habitantes da costa da Serra Leoa, onde foi produzida –, será a primeira vez que um objecto desta natureza entrará para a colecção de um museu público português.

As peças produzidas na Serra Leoa entre finais do século XV e inícios do XVI, de que é exemplo o espectacular saleiro leiloado pela Sotheby's em Paris no ano passado, peça que o Estado português tentou comprar sem sucesso e que acabou vendida por 889 mil euros, aparecem no mercado com pouca frequência e normalmente são muito procuradas pelos coleccionadores.

O PÚBLICO não conseguiu ainda apurar o valor por que foi adquirida a maioria das peças da lista de 2024 nem quanto custará a colher da São Roque que o MNAA quer ter na vitrine. A única excepção é o retrato dos Pombal atribuído a Nicolas-Louis-Albert Delerive, intensamente disputado no leilão da Veritas de 28 de Maio.

Esta curiosa aguarela que mostra o Marquês de Pombal, o mais ilustre dos membros da família, num retrato pendurado na parede, até aqui numa colecção particular e nunca exposta publicamente, foi à praça com uma estimativa de venda entre os dez e os 20 mil euros e acabou arrematada por um montante que mais do que quintuplicou a base, sendo o seu valor final, já contando com as comissões da leiloeira, de 67.177 euros, informou via *email* a Veritas, que ainda tem este retrato colectivo nas suas instalações.

A obra foi comprada em leilão pelo galerista luso-francês Philippe Mendes, que depois viria a ser informado de que o Estado exerceria o direito de preferência na sua aquisição, igualando, para isso, o lance por que foi arrematada (55 mil euros).

Sem que se perceba de imediato por que razão, esta aguarela passará a fazer parte da colecção do Soares dos Reis, no Porto, que será igualmente o destino, neste caso sem surpresa, do lote de 200 negativos em placa de vidro de Aurélia de Sousa (1866-1922), pintora nascida na cidade, e que o Estado comprou a um coleccionador privado. Esta arrojada artista usava a fotografia de forma muito original para a época, não como mero instrumento de trabalho. Ensaiava com ela as composições que haveria de pintar, servindo muitas vezes de modelo, e reconhecia-lhe, ao mesmo tempo, uma certa autonomia da pintura.

Em Março deste ano o PÚBLICO tinha já avançado que a comissão de aquisições da MMP dera luz verde à compra de um relevo do século XVII representando a Virgem e o Menino por 420 mil euros, hoje integrado no acervo do Museu do Tesouro Real, na Ajuda.

Esta peça que fora comprada pelo rei D. Fernando II e herdada por D. Manuel II vinha sendo negociada desde o último trimestre de 2023, mas a sua aquisição na Galeria Kugel, uma das mais conceituadas de Paris, só se concretizou este ano.

Em 2023 a comissão de aquisições contou com dois milhões de euros para compras, tendo deixado 800 mil por gastar. Foi desse bolo que saíram os 420 mil euros gastos no relevo para o Tesouro Real. O PÚBLICO não conseguiu confirmar se os remanescentes 380 mil euros transitaram para as compras deste ano, nem se a comissão contará com os mesmos dois milhões de que dispôs em 2023.

Cire Ndiaye gosta de Eartha Kitt – e fez disso um espectáculo

Gonçalo Frota

No princípio era o dinheiro – ou a falta dele. E no fim continua a ser. Cire Ndiaye, intérprete que temos visto em espectáculos de Mónica Calle, e Sónia Baptista, decidiu, em toda a sua precariedade artística, que estava "na altura de começar a fazer candidaturas para ganhar algum dinheiro" e poder criar algo em nome próprio. Escolheu focar-se numa temática que lhe fosse próxima. "De que é que eu gosto?", questionou-se. E respondeu a si mesma: "Gosto da Eartha Kitt."

Gostava de uma cantora que andou pelo jazz, pelo disco sound, pela Broadway; de uma mulher que, em 1968, num almoço na Casa Branca, teve a coragem de se fazer ouvir como voz antiguerra do Vietname. Cire Ndiaye tinha prazer em escutá-la, mas pouco sabia sobre a vida da cantora. "Relaciono-me com ela porque somos ambas pessoas miscigenadas", diz ao PÚBLICO, em vésperas de estrear a sua primeira criação no Teatro Ibérico, em Lisboa, integrando o Festival Temps d'Images. "E também com uma certa loucura que ela trazia. Queria perceber de onde vinha e porque não é tão falada como outras."

O espectáculo de Cire Ndiaye chama-se *Eartha Quit*, tem as primeiras apresentações hoje e amanhã às 18h, e passa-se num bar com música ao vivo. Eartha Kitt está e não está presente. Ou, como diz a mãe da criadora, Eartha Kitt "estava a cavalo" do grupo que em torno dela se reuniu. Parecia que "tinha descido cá abaixo" e partilhado o processo – principalmente com as actrizes, a própria Cire Ndiaye e Carolina Varela. Porque neste objecto singular, com canções, músicos chamados a fazer de actores ("Não há dinheiro", repete Ndiaye) e uma falta de linearidade punk que a criadora – formada em violino clássico, mas com dedos para o rock – exibe com orgulho, o facto de encontrarmos duas cantoras negras em palco é tudo menos acidental. E embora possa ser acidental os músicos serem brancos, calha bem. Afinal, as fotos de Eartha Kitt que a criadora consultou mostram-na rodeada de pessoas brancas, e a saber ser quem queriam que ela fosse: uma cantora bem-comportada, sem comentários políticos como as tiradas antiguerra que lhe valeram a ostracização. E, em rigor, embora o jazz tenha nascido como "música de resistência negra na América", por cá é música de brancos.

FILIPE FERREIRA

Eartha Kitt é o mote deste *Eartha Quit* de Cire Ndiaye

Cire Ndiaye tomou, portanto, uma decisão: explorar as pessoas brancas que com ela iam trabalhar. São todos amigos, mas fazia parte do processo. E houve "partes do processo" a que os músicos não tiveram acesso: diziam respeito a questões que as duas actrizes queriam discutir a sós. Porque *Eartha Quit* é também um espectáculo sobre a violência física, verbal, comportamental que Eartha Kitt sofreu na pele. E ainda, sim, um espectáculo contra a indústria.

A partir da ideia de desistência que o título evoca, avisou também que quem não quisesse ensaiar ou aparecer nas apresentações era livre de o fazer. "E está tudo bem", garante. Porque o que todos queremos é "dinheiro e descanso". De violência já estão as vidas cheias.

Guia

crianças

blogues.publico.pt/letrapequena/

Tradições de família: ir à Feira do Livro de Lisboa
Numa experiência que vai muito além dos livros em banca, a 94.ª edição da feira alinha uma série de actividades apontadas a todas as idades e interesses, como concertos, oficinas, leituras, exposições, convites para *Acampar com Histórias* ou ofertas especiais na Hora H. Até 16 de Junho, mais informações em feiradolivrodelisboa.pt.

A experiência eleitoral pode começar na escola, quando é preciso, por exemplo, escolher o destino do passeio de fim de ano

Luísa Ducla Soares incentiva ao voto

Rita Pimenta

Num ano de várias eleições, autárquicas, legislativas, europeias (amanhã), Luísa Ducla Soares pergunta: "Mas que interessa isso às crianças, que não têm idade para votar?" E a própria responde: "Importa que todos, desde a infância, ganhem consciência de que têm direito a uma opinião, a exprimir a sua escolha na família, na escola, em toda a parte."

Foi isso que quis transmitir em *E se Fôssemos a Votos?*, que começa com uma grande confusão no recreio porque os alunos não conseguiam entender-se quanto ao destino do passeio de fim de ano. Quando alguém ousou dizer que decidiria por todos, por ser mais velho, a indignação foi geral. "– Depois do 25 de Abril ainda há quem pense assim?! – admirou-se o Pedro." A escritora recorda: "Na minha infância, os mais novos eram ensinados a obedecer, sem serem ouvidos nem achados nas decisões que lhes diziam respeito. Hoje, muito mudou, e estão a aprender, desde pequenos, o que é a democracia." O livro integra a colecção Missão: Democracia, a celebrar os 50 anos do 25 de Abril de 1974.

Luísa resume assim o livro: "Passando uma informação básica sobre as eleições políticas em Portugal, procurei fazê-lo na companhia dos alunos de uma escola que não se entendem sobre qual será o melhor passeio do fim do ano. Uns calam-se, outros discutem, mas só há uma decisão a tomar: 'Vamos a votos!'"

Será através do avô de Maria que os miúdos ficam a saber como se processam os vários actos eleitorais. Depois, mobilizam-se para organizar eleições na escola e decidir onde será o passeio. Houve cartazes, campanha, *slogans*, boletins de voto e urna. Concorreram três partidos: Golfinhos, Leões e Morcegos.

Depois do 25 de Abril, Luísa empenhou-se nas eleições: "Entrei em campanhas, subi a escadotes para colar cartazes, durante dezenas de anos fiz parte das mesas de voto, fui candidata autárquica. Convivi com gente de vários partidos, ideologias, de todas as condições sociais. Finalmente cada um tinha o direito de escolher o que queria para o futuro do país." Agora, a sua "grande aposta é cativar os jovens, mostrando-lhes que têm uma palavra a dizer".

Falar desta autora é falar de humor: "Como um toque de brincadeira pode ser um bom condimento para coisas sérias, introduzi, no fim, duas páginas de curiosidades e de inesperadas perguntas sobre eleições." Uma de entre outras questões muito divertidas é: "Que animais podem entrar na cabine de voto?" Três hipóteses são sugeridas pelo método de escolha múltipla: "Gatos que que acompanham idosos"; "Cães-guia que acompanham invisuais"; "Burros que transportam pessoas com pouca locomoção".

A ilustradora, Rachel Caiano, diz ao PÚBLICO: "É muito importante falar de política com os mais novos. Tudo é política. Mas, hoje em dia, a política parece estar fora de moda." O material que recebeu da Assembleia suscitou-lhe a vontade de o utilizar nas ilustrações. Por isso, podemos ver desenhos em que "espreitam" fotos, manuscritos, câmaras de voto, cartazes e o boletim de voto das eleições de 1975 para a Assembleia Constituinte. Conta que chegou a este produto final através de "muitas tentativas e hesitações". Depois das "primeiras páginas ilustradas, o processo foi mais fácil", pois já estava "estabelecido o 'tom' do livro". Um belo tom.

"Será possível não acreditar que só o voto esclarecido dos mais novos fará um mundo melhor?", pergunta Luísa Ducla Soares. Aqui não há escolhas múltiplas. Amanhã, mesmo que não sejamos "os mais novos", podemos contribuir para isso.

E se Fôssemos a Votos?
Texto: Luísa Ducla Soares
Ilustração: Rachel Caiano
Curadoria: Dora Batalim SottoMayor
Coordenação gráfica: Planeta Tangerina
Direcção editorial: Maria Teresa Paulo
Coordenação editorial e revisão: Sara Ludovico
Design: Nuno Timóteo e Rita Martins
Consultoria científica: Victor Pires da Silva
Edição: Assembleia da República
44 págs.; 8€

FIM-DE-SEMANA EM FAMÍLIA

MÚSICA

A Flauta Mágica do Mozart
PORTO Casa da Música
Amanhã, às 10h e 11h30.
Dos 3 meses aos 6 anos.
12€ (criança + adulto)
Neste concerto-oficina, Sofia Nereida e António Miguel Teixeira dão vida aos irmãos Maria Anna e Wolfgang Mozart numa viagem pela vida e obra do prodigioso compositor austríaco.

De Mãos Dadas
COIMBRA Convento de São Francisco. Amanhã, às 10h e 11h30. Até aos 3 anos.
4€ (bilhete família por 10€)
Mais uma sessão de concertos para bebés promovida pela Musicalmente. Desta vez, o amor e a cumplicidade dão o tom às pautas, pondo em destaque os fagotes dos irmãos Pedro e Gonçalo Pereira, que "andam sempre de mãos dadas, mesmo quando vivem e constroem sonhos muito longe um do outro", realça a sinopse.

LEITURAS

Em Junho a Palavra Contada É Ir
LISBOA Lu.Ca — Teatro Luís de Camões. Hoje e amanhã, às 11h30. M/3. 1€
Escrito por Isabel Minhós Martins e Madalena Matoso, o livro *Andar por Aí* dá o mote à leitura de Bru Junça centrada no verbo "ir". Do singular ao plural, entre o chegar e o ficar, há muito por onde andar.

PASSEIOS

À Noite no Convento dos Capuchos
SINTRA Convento dos Capuchos
Hoje, entre as 20h30 e as 22h15 (repete a 15/6).
16€ (14€ para jovens dos seis aos 17 anos e seniores; grátis para menores de seis anos)
As palavras da Parques de Sintra recordam a singularidade da experiência: uma visita guiada nocturna em que "os participantes são convidados a descobrir este convento plenamente integrado na natureza e a conhecer o modo de vida austero dos frades franciscanos que ali viveram, isolados, em busca do aperfeiçoamento espiritual".

Guia

Cinema

The Watchers: Eles Vêem Tudo

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt

Lisboa

Cinema City Alvalade
Av. de Roma, 100. T. 214221030
Pinóquio: A História Verdadeira M6. 11h15 (VP); **Daaaaaali!** M12. 13h30; **Uma Vida Singular** M12. 17h; **Ainda Temos o Amanhã** M14. 14h45, 21h45; **Um Casal** 13h20, 17h35; **O Sabor da Vida** M12. 14h30, 19h10; **Garfield: O Filme** M6. 11h20, 13h15, 15h25, 17h35 (VP), 11h15, 17h10, 19h45 (VO); **Origin - Desigualdade e Preconceito** 21h35; **Manga d'Terra** M14. 19h40; **A Quimera** M12. 15h05, 21h20; **O Auge do Humano 3** 19h; **O Teu Rosto Será o Último** 21h45; **Coney Island - As Primeiras Vezes** 13h35, 14h, 19h10, 20h

Cinema City Campo Pequeno
Centro de Lazer. T. 214221030
Pinóquio: A História Verdadeira M6. 11h10 (VP); **O Panda do Kung Fu 4** M6. 11h15 (VP); **Challengers** 21h20; **Pequenas Cartas Malvadas** M12. 19h50; **Profissão: Perigo** M12. 21h50; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 15h45, 21h10; **IF: Amigos Imaginários** M6. 11h35, 15h40, 18h10 (VP); **Os Estranhos: Capítulo 1** M16. 00h20; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 15h30, 18h30, 21h40; **Garfield: O Filme** M6. 11h15, 15h20, 17h30, 19h45 (VP); **Assassino Profissional** M12. 15h10, 19h40, 21h55, 00h10; **The First Slam Dunk** M12. 00h20; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 15h55, 17h25, 18h40, 19h25, 21h30, 22h, 23h55; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 11h30, 15h30, 17h40 (VP); **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 11h10, 15h20, 17h20, 19h10, 21h45, 24h

Cinema Ideal
Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295
Manga d'Terra M14. 17h, 21h30; **A Quimera** M12. 14h30, 19h

Cinemas Nos Alvaláxia
R. Francisco Stromp. T. 16996
Dune - Duna: Parte Dois M12. 21h05; **Guerra Civil** 13h20, 15h55, 22h; **Challengers** M12. 13h25, 16h25, 19h15, 22h05; **Profissão: Perigo** M12. 13h15, 16h10, 22h10; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 13h50, 17h10, 20h50, 00h05; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 13h40, 17h, 20h40, 24h; **Garfield: O Filme** M6. 13h35, 16h05, 18h25 (VP); **Assassino Profissional** M12. 13h30, 16h20, 19h05, 21h50, 23h40; **A Maldição de Romanova** 21h45, 23h55; **Origin - Desigualdade e Preconceito** 19h, 20h30; **Manga d'Terra** M14. 13h45, 16h, 18h20 ; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala Atmos - 13h10, 15h50, 18h30, 21h10, 23h50; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h50, 16h15, 18h40 (VP); **O Auge do Humano 3** 19h10; **O Teu Rosto Será o Último** 14h20, 17h30, 21h; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 14h, 16h30, 18h50, 21h20, 23h45

Cinemas Nos Amoreiras
C.C. Amoreiras. Av. Engº Duarte Pacheco.
Uma Vida Singular M12. 13h25, 16h, 18h30; **Back to Black** M12. 21h, 23h40; **Challengers** M12. 21h40; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 13h40, 17h, 20h10, 23h15; **IF: Amigos Imaginários** M6. 13h10, 15h45 (VP); **Furiosa: Uma Saga Mad Max** 18h40, 21h50; **Garfield** 13h30, 16h10, 19h (VP), 18h10, 20h30, 23h (VO); **Assassino Profissional** M12. 13h50, 17h, 21h20, 23h50; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h15, 15h50, 18h25, 21h, 23h40; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h50, 16h15 (VP)

Cinemas Nos Colombo
Edifício Colombo, loja A203. Av. Lusíada.
Challengers M12. 20h20; **Profissão: Perigo** M12. 21h, 23h50; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 17h, 20h30, 23h55; **IF: Amigos Imaginários** M6. 13h40 (VP); **Os Estranhos: Capítulo 1** M16. 19h, 21h50, 00h10; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 14h, 18h, 21h20, 23h30; **Garfield: O Filme** M6. 13h10, 15h40, 18h20

Estreias

Manga d'Terra
De Basil da Cunha. Com Lucinda Brito, Nunha Gomes, Evandro Pereira, Gonçalo Ramalho. POR/SUI. 2023. 96m. M14.
Terceira longa-metragem do luso-suíço Basil da Cunha, conta a história de Rosa, uma jovem que deixa os filhos pequenos em Cabo Verde e chega a Portugal decidida a singrar na vida.

A Quimera
De Alice Rohrwacher. Com Josh O'Connor, Carol Duarte, Vincenzo Nemolato, Isabella Rossellini, Alba Rohrwacher, Lou Roy-Lecollinet. ITA/FRA/SUI/Turquia. 2023. 130m. Comédia, Fantasia. M12.
Ambientada na Toscana, durante a década de 1980, a história gira em torno de Arthur, um arqueólogo inglês que se deixou envolver num esquema de pilhagem de túmulos. Enquanto os seus cúmplices anseiam a riqueza, ele tem apenas um objectivo: regressar para os braços da mulher que ama.

O Auge do Humano 3
De Eduardo Williams. Com Bo-Kai Hsu, Meera Nadarasa, Sharika Navamani, Abel Navarro. ARG/HOL/TAI/POR/BRA/Peru. 2023. 121m. Drama.
Um filme rodado por todo o mundo, com uma equipa multinacional, com actores não-profissionais e uma câmara de 360 graus, com oito lentes, desenhada para trabalhos de realidade virtual, mas que o argentino Eduardo Williams quis usar para fazer um filme para o ecrã da sala de cinema tradicional.

The Watchers: Eles Vêem Tudo
De Ishana Shyamalan. Com Dakota Fanning, Georgina Campbell, Olwen Fouéré, Siobhan Hewlett, Shane O'Regan. EUA. 2024. 102m. Terror. M16.
Mina fica retida numa floresta quando o seu carro avaria. Subitamente, começa a ouvir a voz de uma mulher que lhe diz para entrar por uma porta. Lá dentro, encontra três desconhecidos que lhe explicam que a casa possui uma parede de vidro e uma luz que se acende a cada fim do dia. Do lado de fora, criaturas assustadoras observam-nos.

O Teu Rosto Será o Último
De Luís Filipe Rocha. Com Pedro Pernas, Madalena Aragão, Afonso Pimentel, Adriano Luz, Teresa Madruga, Rita Durão. POR. 2024. 137m. Drama.
Um drama realizado por Luís Filipe Rocha que adapta "O Teu Rosto Será o Último", o romance de estreia de João Ricardo Pedro, vencedor do Prémio Leya em 2011.

A Maldição de Romanova
De Hugo Diogo. Com Teresa Gafeira, Maria D'Aires, Gonçalo Norton. POR. 2024. m. Terror.
Quando eram miúdos, Luís, Sabrina, Rogério e Vasco decidiram investigar o desaparecimento de um colega. As pistas levaram-nos a algo terrífico que os marcou para sempre: Romanova, uma bruxa milenar que sacrificava crianças para aumentar os seus poderes.

Bad Boys: Tudo ou Nada
De Bilall Fallah, Adil El Arbi. Com Will Smith, Martin Lawrence, Vanessa Hudgens, Alexander Ludwig. EUA. 2024. 110m. Acção, Aventura. M14.
Quando Mike Lowrey e Marcus Burnett, agentes do departamento de narcóticos, decidem investigar um caso de corrupção na Polícia de Miami, deparam-se com uma armadilha: o capitão Conrad Howard, já falecido, é descredibilizado e acusado de ter estado envolvido com a máfia.

Dragonkeeper - Ping e o Dragão
De Jianping Li, Salvador Simó. Com Mario Gas (Voz), Lucía Pérez (Voz), Nano Castro (Voz), Carlos de Luna (Voz). ESP/China. 2024. 98m. Animação, Aventura. M6.
Há muitos anos, na antiga China imperial, os dragões eram grandes aliados dos homens. Contudo, durante o reinado do último imperador, eles foram vistos como inimigos e aprisionados. Agora o destino da China recai sobre Ping, uma menina órfã que descobre que tem como missão salvá-los da extinção.

As estrelas

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Ainda Temos o Amanhã	★★☆☆☆	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Assassino Profissional	★★★☆☆	—	—
O Auge do Humano 3	★★★☆☆	★☆☆☆☆	★★★☆☆
O Bêbado	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Um Casal	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Daaaaaali!	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Furiosa	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★☆☆☆☆
Manga d'Terra	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
A Natureza do Amor	★★☆☆☆	—	★☆☆☆☆
Origin — Desigualdade e Preconceito	—	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Paixão	—	★★★★☆	★★★★☆
A Quimera	—	★★★☆☆	★★☆☆☆
O Sabor da Vida	★★★☆☆	★★☆☆☆	★★★☆☆
O Teu Rosto Será o Último	★☆☆☆☆	—	—

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

(VP); **Assassino Profissional** M12. 12h40, 15h10, 17h50, 21h40, 00h25; **Manga d'Terra** M14. 13h50, 16h20, 21h; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h30, 16h, 18h40, 21h30, 00h20; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h, 15h20, 17h40 (VP); **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 13h30, 15h50, 18h30, 21h10, 24h; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala Imax - 12h50, 15h30, 18h, 20h45, 23h40

Cinemas Nos Vasco da Gama
C.C. Vasco da Gama, Parque das Nações.
O Reino do Planeta dos Macacos 17h30, 20h50; **IF: Amigos Imaginários** M6. 11h, 13h50 (VP); **Os Estranhos: Capítulo 1** M16. 21h; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 13h35, 16h55, 20h10, 23h20; **Garfield: O Filme** M6. 10h50, 13h20, 15h50, 18h20 (VP); **Assassino Profissional** M12. 18h30, 21h10, 23h35; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala Atmos - 13h15, 16h, 18h45, 21h30, 23h40; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 11h10, 13h40, 16h10 (VP); **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 13h20, 16h05, 18h35, 21h05, 23h55

Cinemateca Júnior
Praça dos Restauradores - Palácio Foz.
O Garoto de Charlot M6. 15h

Cinemateca Portuguesa
R. Barata Salgueiro, 39. T. 213596200
La Commune 15h30; **Reds** 17h30;

Medeia Nimas
Av. 5 Outubro, 42B. T. 213142223
A Senhora Oyu M12. 11h; **A Criada** M18. 13h; **Assassino Profissional** M12. 16h; **A Quimera** M12. 22h; **O Teu Rosto Será o Último** 18h30

UCI Cinemas - El Corte Inglés
Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400
A Sombra de Caravaggio M16. 15h45, 21h10; **Uma Vida Singular** M12. 13h35, 19h15; **Challengers** M12. 18h35, 21h25, 00h15; **Pequenas Cartas Malvadas** M12. 16h50, 21h55; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 13h25, 18h50, 23h30; **Ainda Temos o Amanhã** M14. 16h25, 19h, 21h35; **IF: Amigos Imaginários** M6. 14h05 (VP); **O Sabor da Vida** M12. 13h15, 16h05, 18h55, 21h45; **A Natureza do Amor** M14. 16h30, 22h; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 16h, 21h20, 23h50; **Garfield** 14h, 16h20, 18h45 (VP), 21h05 (VO); **Graça Furiosa** M14. 13h45, 19h05; **Assassino Profissional** M12. 13h55, 16h35, 19h10, 21h40; **As Aventuras de Jeff Panacloc e Jean-Marc** 13h20, 18h30; **O Bêbado** 14h10, 19h20; **Origin - Desigualdade e Preconceito** 15h, 18h, 21h15; **A Quimera** 13h30, 16h15, 19h05, 21h55; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h45, 16h20, 18h55, 21h30, 00h20; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h35, 16h (VP); **O Teu Rosto Será o Último** 16h10, 21h45; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 14h20, 16h45, 19h25, 21h50, 00h20

Almada

Cinemas Nos Almada Fórum
R. Sérgio Malpique 2. T. 16996
A Maldição do Queen Mary M16. 20h30, 23h05; **O Panda do Kung Fu 4** M6. 13h35, 16h10 (VP); **Profissão: Perigo** M12. 12h30, 15h15, 18h10, 21h05, 24h; **Tarot** 21h20, 23h30; **O Reino do Planeta dos Macacos** 13h50, 17h, 20h10, 23h15; **IF: Amigos Imaginários** M6. 13h20, 15h55, 18h25 (VP), 20h55, 23h25 (VO); **Os Estranhos: Capítulo 1** M16. 21h10, 23h20; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. Sala Imax - 12h15, 15h20, 18h40, 21h50, 23h10; **Garfield** 13h05, 15h30, 18h (VP/2D), 13h45, 16h30, 18h10 (VP/3D), 20h40 (VO/2D); **Assassino Profissional** 12h55, 15h45, 18h30, 21h15, 23h50; **A Maldição de Romanova** 21h35, 23h40; **Manga d'Terra** M14. 12h40, 15h05, 17h30; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h, 15h40, 18h20, 21h, 23h35; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h25, 15h50, 18h15 (VP); **O Auge do Humano 3** 18h35; **O Teu Rosto Será o Último** 13h10, 16h, 18h30, 22h30; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 13h30, 16h40, 19h20, 21h45, 00h10; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala 4DX - 13h40, 16h20, 19h, 21h40, 00h15

Cascais

Cinemas Nos CascaiShopping
Estrada Nacional nº. 7 - Alcabideche.
Profissão: Perigo M12. 21h50; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 14h, 17h30, 20h50; **IF: Amigos Imaginários** M6. 11h10, 13h40, 16h20 (VP), 21h40 (VO); **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 12h20, 15h30, 18h40, 22h; **Garfield: O Filme** M6. 10h50, 13h20, 15h50, 18h30 (VP); **Assassino Profissional** M12. 12h30, 15h10, 17h45, 20h20, 23h10; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 12h40, 15h20, 18h, 20h30, 23h; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 10h40, 13h, 16h40, 19h15 (VP); **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 18h50, 21h15; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala Imax - 13h45, 16h15, 19h, 21h30

Lazer

FESTAS

Versátil

LEIRIA Jardim Luís de Camões. De 1/6 a 10/6. Entrada livre

É uma festa, um festival, um momento de encontros e conversas à volta de ideias, livros e artes no geral. Assim se apresenta o Versátil, um novo espaço de cultura e literatura, que assenta arraiais no Jardim Luís de Camões leiriense, estendendo as linhas a outros espaços da cidade, sempre inspirado pelo tema *E depois da Liberdade*. Com dez dias e mais de uma centena de autores, artistas, ilustradores e livreiros, o programa tem particular atenção ao futuro, alinhando actividades para os mais novos e promovendo conversas sobre liberdade, igualdade e direitos humanos. Pintar um mural, fazer um piquenique de livros, usufruir de preços especiais, dar um salto à exposição *Não Ria. O Humor É Um Assunto muito Sério – 100 Anos de Sam*, assistir a concertos, cinema, teatro e recitais de poesia ou descobrir as referências de *O Crime do Padre Amaro* nas ruas são algumas das propostas no mapa, detalhado em leiriagenda.cm-leiria.pt.

O Tapete Está na Rua

ARRAIOLOS De 6/6 a 10/6.

Imagem de marca da vila alentejana que viu nascer os tapetes há pelo menos quatro séculos, a tapeçaria de Arraiolos volta a adornar o centro histórico e a sacudir a bandeira do certame criado para divulgar e preservar a identidade da terra. A missiva faz-se por meio do artesanato, da gastronomia e dos produtos locais, enfeitando ruas, praças, portas, janelas e varandas com as linhas da tradição. No tear estão também exposições, espectáculos, encontros, animação de rua e as Semanas das Migas que, até 16 de Junho, aguçam o apetite nos restaurantes do concelho.

Bossa Market

ESTORIL Fiartil — Feira de Artesanato do Estoril. Dias 8/6 e 9/6, das 11h às 24h. 5€ (10€ para bilhetes adquiridos no dia, a partir das 18h30; grátis para crianças até aos 11 anos)

Moda, gastronomia, arte, música e actividades para crianças marcam presença na 5.ª edição do evento, que conta com mais de uma centena de expositores presentes para espalhar o sabor a Brasil.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

Euromilhões

15 16 26 30 37 5 8

1.º Prémio 130.000.000€ **M1lhão** ZND 37819

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Cruzadas 12.455

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

HORIZONTAIS: 1. Vão ser cortados pelo BCE. Pessoa que tem voto em qualquer junta, júri ou assembleia. **2.** Adrego. Larga faixa de seda para cingir o quimono. **3.** Partícula apassivante. Cobrir ou ligar com betume. **4.** É necessário quadruplicar a sua remoção para atingir as metas climáticas. Reza. **5.** Preposição que indica lugar. Porte. Sociedade Anónima. **6.** Presidente da República. Presilha que liga a meia à palma do pé, quando esta cobre a perna desde o joelho ao tornozelo (regional). **7.** Empresa que gere participações do Estado. **8.** Artigo antigo. Deixa escorrer (um líquido). Armada Portuguesa. **9.** Bodas de (...), 45 anos de casamento. Capital da Turquia. **10.** "É leve o fardo em (...) alheio". Prestar para. **11.** Pequena mala. Cabeça (pop.).

VERTICAIS: 1. Agora. Cento. Deus do Amor entre os Gregos. **2.** O tio dos americanos. Pena de ave, destinada a adornos. **3.** Vassourar o forno, depois de aquecido. Símbolo de Pascal. Companhia Britânica de Radiodifusão. **4.** Palavra provençal que significava sim. José (...), director do Primavera Sound Porto. **5.** Gosto. Post-scriptum (abrev.). **6.** Símbolo de seno (Matemática). Árvore da família das Liliáceas, cultivada em Portugal com fins ornamentais. **7.** "E se Fôssemos a (...)?", o livro em destaque no "Guia crianças. Letra pequena". Basta! (interj.). **8.** Acalmar. **9.** Divisão natural da polpa de certos frutos. Um dos ditongos da língua portuguesa. Argola. **10.** Dar forma de barraca. **11.** Símbolo da música. Pedrada (Trás-os-Montes).

Solução do problema anterior

HORIZONTAIS: 1. Humanidade. **2.** Aval. Cebola. **3.** Ladino. Alor. **4.** Bruno. **5.** Siba. Sc. Go. **6.** Peru. Abafar. **7.** Agir. Rala. **8.** Cl. Inda. Ser. **9.** Holocausto. **10.** Ene. Leito. **11.** Lado. Tanoar.

VERTICAIS: 1. Halo. Pichel. **2.** Uva. Se. Lona. **3.** Madeira. Led. **4.** Ali. Bugio. 5. NBA. Inca. **6.** Icor. Arda. **7.** De. USB. Aula. **8.** Abancar. Sen. **9.** Dolo. Fastio. **10.** Elo. Galeota. **11.** Arvorar. Or.

Bridge

João Fanha
fanhabridge.pt

Dador: Sul
Vul: Todos

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♠
2♦	3♦1	passo	4♠
Todos passam			

Leilão: Qualquer forma de Bridge.
1 — Cuebid: fit e pelo menos 11 pontos de honra e distribuição

Carteio: Saída: A♦. Oeste joga também o Rei e a Dama de ouros, que Sul corta. Como continuaria?

Solução: Jogue duas voltas de trunfo apenas. Uma divisão 2-2 marcará o fim do jogo mas infelizmente estão 3-1. O que fazer agora? Conserve o último trunfo do morto e encaixe Ás, Rei e Dama de paus. Três casos podem acontecer:
1 — Um defensor corta. Poderá ainda cortar o último pau no morto e o que aconteceu não foi mais do que uma troca de vazas com o adversário: uma figura por um corte, não havia maneira de cumprir;
2 — O naipe está dividido 3-3: extraia o último trunfo e encaixe o pau que sobra, pois está firme;
3 — Um adversário balda, que é o caso de hoje: o último trunfo está portanto na mão do adversário que está comprido a paus. Corte o último pau, e a defesa não fará mais do que uma vaza a copas. Este último caso é o que só se realizará com a aplicação da manobra de Guillemard, uma vantagem em não destrunfar até ao fim quando existe um naipe lateral dependente de uma dada distribuição.

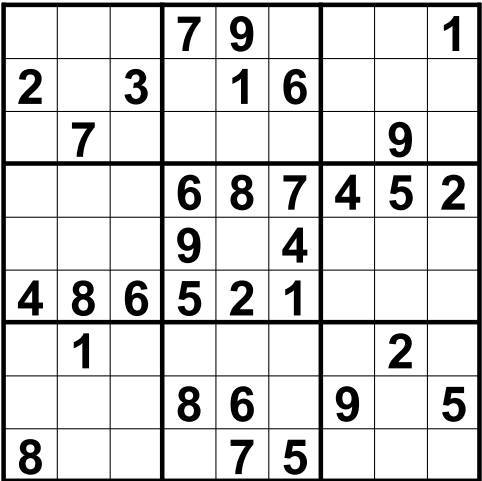
Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♣
passo	1♥	passo	?

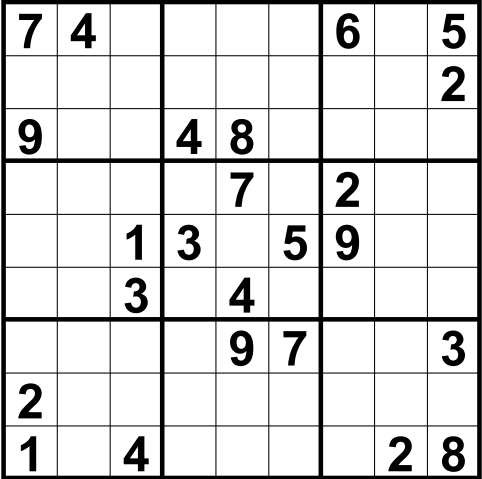
O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠A983 ♥K3 ♦AJ4 ♣AQ108

Resposta: O salto para 2ST, ao contrário da voz de 1ST, não nega ter quatro cartas no outro naipe rico. Pode o parceiro ainda pesquisar se existe fit nesse rico. O mais importante, para já, é mostrar o tipo de distribuição e a zona de força — 18/19 pontos de honra.

Sudoku

Problema 12.674 (Fácil)

Solução 12.672

6	4	3	9	7	2	8	5	1
9	5	7	3	8	1	2	6	4
2	8	1	4	6	5	7	3	9
1	6	5	7	9	3	4	2	8
4	9	8	2	1	6	5	7	3
7	3	2	5	4	8	9	1	6
3	2	4	1	5	9	6	8	7
5	7	6	8	3	4	1	9	2
8	1	9	6	2	7	3	4	5

Problema 12.675 (Difícil)

Solução 12.673

2	3	8	4	7	1	9	5	6
7	4	9	8	6	5	3	1	2
6	5	1	9	2	3	7	4	8
4	6	7	1	5	8	2	3	9
8	1	5	3	9	2	6	7	4
3	9	2	6	4	7	5	8	1
1	2	3	5	8	9	4	6	7
5	7	6	2	1	4	8	9	3
9	8	4	7	3	6	1	2	5

Guia

CINEMA

Guerra das Correntes
AXN Movies, 21h10
Com Martin Scorsese como produtor executivo, Alfonso Gomez-Rejon como realizador e Michael Mitnick como argumentista, um drama histórico inspirado numa competição que transformaria o mundo moderno: a disputa do mercado de electricidade por George Westinghouse, Nikola Tesla e Thomas Edison, interpretados por Michael Shannon, Benedict Cumberbatch e Nicholas Hoult, respectivamente.

Para sempre Mulher
TVCine Edition, 22h
Realizado por Kinuyo Tanaka, segundo um argumento de Sumie Tanaka, este filme dramático de 1955 inspira-se na vida da poetisa Fumiko Nakajo para contar a história comovente de uma mulher que foge à infelicidade do casamento através da poesia, quando é diagnosticada com cancro da mama e acaba por viver uma paixão inesperada. O papel principal é da actriz Yumeji Tsukioka. *Para sempre Mulher* é o primeiro de três filmes exibidos no âmbito do ciclo Cinema Clássico Japonês, que continua nos próximos sábados, sempre neste horário, com *O Som do Nevoeiro*, de Hiroshi Shimizu (dia 15), e *A Princesa Errante*, também de Tanaka (dia 22).

Ases pelos Ares
Star Comedy, 22h33
Paródia destravada ao *blockbuster Top Gun – Ases Indomáveis* (sem poupar outros filmes), repleta de tiradas *nonsense*, proferidas em catadupa – e com o mais sério dos semblantes – por um elenco formado por Charlie Sheen, Cary Elwes, Valeria Golino, Jon Cryer, Kevin Dunn, Bill Irwin, Lloyd Bridges, William O'Leary, Kristy Swanson e Efrem Zimbalist Jr. Jim Abrahams realizou-a em 1991 e voltou à carga dois anos depois com *Ases pelos Ares 2*, que vai para o ar amanhã, por esta hora.

O Muro
RTP1, 00h30
Thriller psicológico dirigido por Doug Liman, escrito por Dwain Worrell e protagonizado por John Cenapor e Aaron Taylor-Johnson. Dois sargentos são enviados ao local de construção de um gasoduto no Iraque. Um deles é atingido por um atirador furtivo. O outro consegue escapar para trás de um muro, mas é incapaz de ajudar o amigo. Através do rádio, pede ajuda ao seu esquadrão, mas descobre que a frequência foi interceptada pelo inimigo.

Televisão

Os mais vistos da TV
Quinta-feira, 6

		%	Aud.	Share
Big Brother – Especial	TVI	9,3	18,6
Cacau	TVI	8,9	18,5
Jornal da Noite	SIC	8,4	17,9
Jornal Nacional	TVI	7,1	15,8
O Preço Certo (R)	RTP1	6,7	17,3

FONTE: CAEM

	Share
RTP1	9,7%
RTP2	0,8
SIC	14,2
TVI	15,4
Cabo	41,2

RTP1

6.00 Espaço Zig Zag **8.00** Bom Dia Portugal Fim de Semana **9.57** País de Gales - Terra Selvagem **10.54** Hora dos Portugueses **11.51** Portugueses pelo Mundo - Comunidades **12.31** Por Amor à Tradição **12.59** Jornal da Tarde **14.15** Voz do Cidadão **14.37** Chefs da Nossa Terra

17.37 Futebol: Portugal x Croácia (preparação Euro 2024)

19.55 Telejornal

21.01 Alguém Tem de o Fazer

21.53 Masterchef Júnior

0.30 O Muro **1.59** Janela Indiscreta **2.48** Basquetebol: Liga Betclic - Melhores Momentos

RTP2

6.00 A Fé dos Homens **6.32** Repórter África **7.00** Folha de Sala **7.04** Tailândia: Ilhas Paradisíacas **7.59** Espaço Zig Zag **9.05** Campeonatos da Europa de Atletismo **11.42** Espaço Zig Zag **15.00** Desporto 2 **15.57** Biosfera **16.27** Faça Chuva Faça Sol **17.00** Campeonatos da Europa de Atletismo

21.55 Jornal 2

22.30 Primavera Sound Porto 2024

2.20 Folha de Sala

2.27 Travessuras da Menina Má

3.12 Folha de Sala **3.18** Portugal 3.0 **4.16** Portugal Culto e Oculto **4.44** Volta ao Mundo **4.55** Folha de Sala **5.02** Bagagem Perdida **5.56** Biosfera

SIC

6.05 Etnias **6.40** Médico da Casa **7.30** Caixa Mágica - Caminhos de Portugal **8.45** SOS Animal, Ser por Todos os Seres **9.40** Alô Marco Paulo **12.00** O Nosso Mundo **12.59** Primeiro Jornal **14.10** Alta Definição **15.00** E-Especial

17.00 Olhá SIC! Especial Arraial Popular

19.57 Jornal da Noite

21.40 Terra Nossa

23.00 Casados à Primeira Vista

0.05 Hell's Kitchen Famosos **1.55** Casados à Primeira Vista

TVI

6.09 Diário da Manhã **6.33** Campeões e Detectives **7.18** Detective Maravilhas **8.08** Inspector Max **9.10** Dois às 10 **12.02** A Sentença **12.58** TVI Jornal **14.00** A Sentença **15.20** Arraial TVI **18.00** Big Brother

19.57 Jornal Nacional

21.15 Cacau

21.45 Congela

23.15 Big Brother

1.00 GTI Plus **1.17** O Beijo do Escorpião **1.46** Deixa Que Te Leve

TVCINE TOP

18.00 Bilhete para o Paraíso **19.40** Magic Mike - A Última Dança **21.30** LaRoy **23.20** Drácula: O Despertar do Mal **1.20** Ácido

STAR MOVIES

17.42 Ulzana, o Perseguido **19.35** Valdez **21.15** Barafunda no Oeste **23.05** Os Abutres Têm Fome **1.07** A Pele de Um Malandro **2.40** Assim São os Fortes

HOLLYWOOD

17.00 Os Mercenários 2 **18.55** Velocidade + Furiosa **20.45** Duro de Roer **22.25** Homem Demolidor **0.25** A Purga **1.55** Aliens, o Recontro Final

AXN

17.47 Instinto Predador **19.30** Covil de Ladrões **21.55** O Lobo de Wall Street **0.56** Underworld: O Despertar **2.27** Exodus: Deuses e Reis

STAR CHANNEL

17.35 Skyscraper **19.29** Central de Inteligência **21.20** Thor **23.43** Thor: O Mundo das Trevas **1.38** FBI

DISNEY CHANNEL

17.05 Hansel & Gretel **17.25** A Maldição de Molly McGee **18.35** Vamos Lá, Hailey! **19.20** Os Green na Cidade Grande **20.05** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **20.50** À Procura de Nemo (VP)

DISCOVERY

17.15 America's Backyard Gold **18.09** Roadworthy Rescues **20.00** Como Fazem Isso? **21.00** Regresso às Origens **22.49** Alasca: A Última Fronteira **1.27** Na Rota do Ouro com Parker Schnabel

HISTÓRIA

17.19 Alienígenas **23.42** Tesouros Malditos **2.07** A Maldição de Skinwalker

ODISSEIA

17.05 O Grande Festim no Oceano **17.57** [R] Reciclagem em Portugal **19.23** A Mentalista de Animais de Estimação **20.10** Uma Quinta, 9 Filhos e 1000 Ovelhas **21.43** Viver em Território Extremo **22.31** Planeta Vulcânico **23.28** Grandes Viagens de Comboio **0.19** Caçadores de Lagostas **1.51** Viver em Território Extremo **2.38** Palneta Vulcânico

DOCUMENTÁRIOS

Proteger o Paraíso: A História de Niue
National Geographic, 13h19
Niue é uma pequena ilha no Pacífico que tem um dos maiores atóis de corais do mundo e uma serpente aquática que só existe ali. Em 2016, os seus habitantes criaram a área protegida Moana Mahu, em parceria com a National Geographic Pristine Seas, para garantir a conservação das águas e fazer frente às alterações climáticas, à pesca e à extracção desenfreada de recursos. Seis anos depois, a Pristine Seas voltou ao local para avaliar a evolução do projecto. Este documentário, em estreia neste Dia Mundial dos Oceanos, regista o processo.

Planeta Vulcânico
Odisseia, 22h31
Açores, a energia dos vulcões – é por aqui que começa a viagem do geólogo e vulcanólogo Arnaud Guérin, com destino a um dos mais destrutivos e fascinantes espectáculos da natureza. Visita vulcões de todo planeta, provando que "não há dois vulcões iguais", e propondo análises do fenómeno sob os prismas das mais diversas áreas científicas. A jornada comporta uma importante parte cultural, que "aflora a mitologia, a religião, a filosofia, tradições populares e artísticas, culinária e modos de vida", detalha a sinopse. A série é debitada semanalmente, em dose dupla. Hoje, depois de ir ao arquipélago português, dirige-se a Cabo Verde.

DESPORTO

Futebol: Portugal x Croácia
RTP1, 17h37
A selecção portuguesa volta hoje ao Estádio Nacional para defrontar a Croácia. É mais um encontro particular em que Roberto Martínez pode treinar a equipa das "quinas" para o Euro 2024, que se joga na Alemanha, entre 14 de Junho e 14 de Julho, e onde os primeiros adversários de Portugal serão a República Checa, a Geórgia e a Turquia, no grupo F.

INFANTIL

Miraculous — As Aventuras de Ladybug
Disney Channel, 10h35
A heroína-joaninha de Paris entra em *Acção* num episódio especial, em estreia. Missão: livrar a cidade da poluição. A tarefa revela-se hercúlea: o plástico consegue ser mais ameaçador do que muitos vilões, mais ainda quando o Rei do Plástico fica fora de controlo.

Meteorologia

PORTUGAL

Viana do Castelo 17º 20º
Bragança 14º 22º
Braga 16º 20º
Vila Real 14º 19º
Porto 16º 19º
17º 1,0m
Aveiro 14º 21º
Viseu 15º 22º
Guarda 12º 22º
Coimbra 14º 24º
Castelo Branco 14º 24º
Leiria 14º 23º
Santarém 15º 26º
Portalegre 12º 23º
Lisboa 16º 22º
Setúbal 15º 23º
Évora 14º 24º
Sines 17º 22º
17º 0,8m
Beja 14º 24º
Sagres 18º 22º
Faro 16º 21º
21º 0,8m

Açores

Corvo
Flores 19º 22º
20º 1,5m
Graciosa
São Jorge 16º 20º
21º 1,0m
Terceira
Faial
Pico
São Miguel 16º 21º
20º 1,0m
Ponta Delgada
Sta Maria

Madeira

Porto Santo 18º 23º
Madeira 16º 23º
22º 0,8m
21º 1,5m
Funchal

MARÉS

Preia-mar / Baixa-mar *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Baixa-mar 10h50	0,8	Baixa-mar 10h23	0,9	Baixa-mar 10h20	0,8
Preia-mar 17h08	3,4	Preia-mar 16h44	3,4	Preia-mar 16h54	3,3
Baixa-mar 23h27	0,7	Baixa-mar 23h01	0,8	Baixa-mar 22h55	0,8
Preia-mar 05h37	3,1	Preia-mar 05h13	3,1	Preia-mar 05h18	3,0

PRÓXIMOS DIAS LISBOA

	Domingo, 9	Segunda-feira, 10	Terça-feira, 11
Mín./Máx.	16º / 23º	16º / 23º	15º / 25º
Índice UV	Médio	Muito alto	Muito alto
Vento	Fraco	Fraco	Moderado
Humidade	77%	73%	63%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai

Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 26 Mai.	426,88
Há um ano	424,62
Há dez anos	402,09
Semana de 19 Mai.	426,68
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

- Excelente
- Razoável
- Mau
- Não é saudável
- Nada saudável
- Perigoso

Porto, Coimbra, Lisboa, Évora, Faro

SOL

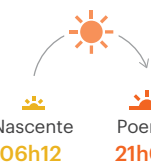
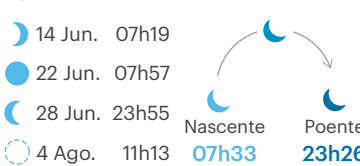
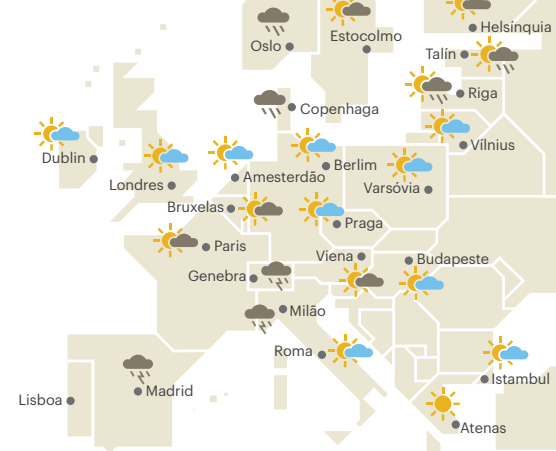
Nascente 06h12
Poente 21h00

LUA

14 Jun. 07h19
22 Jun. 07h57
28 Jun. 23h55
4 Ago. 11h13

Nascente 07h33
Poente 23h26

EUROPA

Oslo, Estocolmo, Helsínquia, Talin, Riga, Copenhaga, Vilnius, Dublin, Londres, Amesterdão, Berlim, Varsóvia, Bruxelas, Praga, Paris, Viena, Budapeste, Genebra, Milão, Roma, Istambul, Lisboa, Madrid, Atenas

TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.		Mín.	Máx.
Amesterdão	9	17	Roma	17	32
Atenas	21	34	Viena	19	27
Berlim	10	25	Bissau	25	33
Bruxelas	9	18	Buenos Aires	18	21
Bucareste	19	34	Cairo	24	39
Budapeste	18	30	Caracas	21	30
Copenhaga	8	15	Cid. do Cabo	8	18
Dublin	8	17	Cid. do México	16	31
Estocolmo	10	18	Díli	22	30
Frankfurt	11	24	Hong Kong	25	29
Genebra	15	26	Jerusalém	19	34
Istambul	20	28	Los Angeles	16	25
Kiev	16	26	Luanda	21	27
Londres	8	19	Nova Deli	31	42
Madrid	15	25	Nova Iorque	18	26
Milão	19	28	Pequim	20	33
Moscovo	15	24	Praia	23	29
Oslo	7	14	Rio de Janeiro	19	28
Paris	10	22	Riga	11	19
Praga	12	26	Singapura	26	31

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

Vítor Bruno antevê "um caminho de total sucesso" no FC Porto

Depois de ter sido o braço direito de Sérgio Conceição durante 13 anos (sete nos "dragões"), o novo técnico quer recolocar o clube na rota do título. Villas-Boas aborda escolha: "Decidimos atacar imediatamente"

Miguel Dantas

NELSON GARRIDO

André Villas-Boas e Vítor Bruno, no Estádio do Dragão, durante a cerimónia de oficialização do novo treinador

O antigo aprendiz assume agora o papel de mestre e quer recolocar o FC Porto na rota do título nacional já na próxima época. Depois de sete épocas nos "dragões" enquanto adjunto de Sérgio Conceição, numa parceria que se estendeu por 13 anos, Vítor Bruno assume agora o cargo de treinador principal. Ontem, na cerimónia de apresentação em que foi anunciado o contrato de duas temporadas, o novo técnico dos portistas diz que está muito feliz com a oportunidade, mostrando-se cheio de vontade de começar o trabalho e idealizando "um caminho de total sucesso".

"Toda a gente tem de ser viciada em ganhar e falamos de todas as competições. Não nos vamos encolher. Mas vai ser uma época difícil, vamos ter de estar unidos. Relativamente ao plantel, é algo que tem de ser atalhado. O tempo é precioso e estamos a desperdiçá-lo com questões que me parecem ser as menos importantes", reiterou Vítor Bruno, considerando importante "olhar para dentro" no momento de ir buscar jogadores. "Muitas vezes temos a tendência de subestimar quem está connosco", adiantou, reconhecendo que serão necessárias vendas para atenuar as graves dificuldades financeiras atravessadas pelo clube.

O novo técnico portista foi ainda questionado sobre a substituição de Sérgio Conceição, depois de acusações de traição vindas do antigo treinador e de outros membros da equipa técnica. Vítor Bruno admitiu que os últimos sete dias foram marcados por sofrimento e angústia, rejeitando algum gesto menos correcto.

"Podemos olhar como um elefante na sala ou uma formiga [para o tema Sérgio Conceição]. Passei uma semana muito difícil, de sofrimento e grande angústia. Não quero alimentar o circo mediático, fiz o que tinha de fazer. Começaram a criar uma novela com capítulos a mais para aquilo que é o guião da verdade. Tenho a paz interior completamente garantida."

Ao lado do novo técnico, André Villas-Boas, presidente do FC Porto, elogiou o papel desempenhado pelo antigo treinador, prometendo a Vítor Bruno "apoio, talento e organização". "Encerrámos um ciclo mágico que tanto nos orgulha. Na memória fica um conjunto de vitórias onde o 'portismo' esteve presente na forma mais visceral", detalhou André Villas-Boas, classificando Conceição como um "homem com forte carácter e personalidade": "Esta é a tua casa, nela serás sempre bem recebido. Tens a minha palavra e a do FC Porto."

O presidente portista admite aos sócios que o clube está numa "situação-limite", mas promete que quando a actual direcção sair deixará o FC Porto melhor do que o que herdou. "O FC Porto que encontrámos, como os outros nos deixaram, comigo nunca irá acontecer. Agora encaramos isto como um desafio, uma missão, mas estamos a tomar passos muito firmes relativamente à sustentabilidade financeira. Se formos criteriosos e planificarmos bem, iremos construir garantias para um plantel que se pode tornar vencedor", sublinhou.

No reino do Dragão, Vítor Bruno soma já 11 títulos – três campeonatos, quatro Taças de Portugal, três Supertaças e uma Taça da Liga –, número que pretende ampliar já em Agosto, com a disputa da Supertaça frente ao Sporting. Dado o elevado número de expulsões de Sérgio Conceição, Vítor Bruno foi chamado a liderar a equipa em 17 partidas, somando 15 vitórias e dois empates. Um destes triunfos foi uma goleada por 3-0 frente ao Benfica, na Taça de Portugal.

Ainda não é conhecida a composição completa da nova equipa técnica, com Vítor Bruno a confirmar apenas Nuno Piloto e Carlos Pintado. Ainda não são conhecidos também os detalhes do contrato, mas, num momento em que as finanças do FC Porto se encontram no "vermelho", a contratação "interna" de Vítor Bruno representará, já de si, uma poupança considerável. O novo técnico deverá receber um valor próximo de um milhão de euros por ano, uma fracção dos sete milhões anuais que Conceição recebia.

Esta foi a primeira grande mudança na equipa de futebol principal operada pela nova administração de André Villas-Boas, presidente eleito em Abril com mais de 80% dos votos. Sérgio Conceição tinha renovado contrato por quatro épocas a apenas dois dias das eleições, mas aceitou sair do FC Porto após ter conhecimento de que o dirigente não contava com ele para a próxima temporada. Conceição terá ainda tentado receber 14 milhões de euros, valor referente a uma cláusula que abordava a contratação de um adjunto da equipa técnica para lugar de treinador, mas sairá mesmo sem encargo para o clube.

E como foi é que se chegou à escolha de Vítor Bruno? Villas-Boas resume o processo: "Foi tomado no fim-de-semana, debatido entre gestão desportiva e presidência, e decidimos atacar imediatamente. A partir daí convidámos o Vítor para reuniões. Foi um processo rápido, de escolha, e estávamos firmes na convicção de seguir por este caminho."

Goleada da Rep. Checa e vitória curta da Alemanha

Nuno Sousa

Inglaterra promoveu alterações profundas no "onze" e perdeu em casa com a Islândia, em mais uma etapa de preparação

A rampa de lançamento para o Euro 2024 em futebol tem sido feita de vários jogos de preparação e o dia de ontem não foi excepção. Em destaque esteve o triunfo magro da Alemanha sobre a Grécia (2-1) e a goleada imposta pela República Checa, adversária de Portugal na fase final do torneio, sobre a modesta Malta, por 7-1. Até o lateral do Benfica David Jurásek marcou.

Dentro de uma semana, a Alemanha vai acolher o Campeonato da Europa com honras, como é hábito, de jogo inaugural – defronta a Escócia no dia de abertura. Mas até ver os sinais não têm sido nada promissores. Depois de um empate sem golos (e com pouca criação) diante da Ucrânia, ontem foi a vez de uma vitória tangencial, em Mönchengladbach, sobre a Grécia, que falhou o apuramento para o Euro 2024.

Com duas alterações face ao "onze" anterior (Rudiger no lugar de Anton, na defesa, e Kroos no lugar de Gross, no meio-campo), a "*Mannschaft*" chegou ao intervalo a perder por 0-1, graças a um golo de Giorgos Masouras, extremo do Olympiacos. No segundo tempo, com golos de Kai Havertz e Pascal Gross (lançado aos 68'), a selecção orientada por Julian Nagelsmann virou o resultado e chegou à vitória.

Um triunfo, ainda assim, com demasiadas oscilações, num jogo em que a Grécia até somou mais remates (14-12) e oportunidades flagrantes de golo (quatro contra uma).

Não muito longe da Alemanha, a República Checa cilindrou Malta. Na Untersberg-Arena, em Grodig, Áustria, os checos chegaram ao intervalo a vencer por 2-0 (marcaram Bárak e Chytil), mas aceleraram no segundo tempo para uma goleada das antigas: David Jurasek, lateral do Benfica emprestado ao Hoffenheim, fez o 3-0, Chytil bisou e Lingr, Matej Jurasek e Cerny fecharam as contas.

Surpresa, surpresa aconteceu em Wembley, onde a Inglaterra foi derrotada pela Islândia (0-1). Com uma ampla rotação face ao triunfo recente sobre a Bósnia (3-0), os britânicos sucumbiram face a um golo madrugador (12') de Pórsteinsson.

RODRIGO ANTUNES/LUSA

Cristiano Ronaldo durante a sessão de treino de ontem, na Cidade do Futebol

Martínez e o papel de Ronaldo: "Está preparado para ajudar a equipa"

Marco Vaza

Seleccionador nacional fez a antevisão do jogo com a Croácia no dia em que o grupo ficou completo, com o capitão e Rúben Neves

Cristiano Ronaldo é um jogador de recordes. No iminente Europeu de futebol, o capitão da selecção portuguesa vai alargar um recorde que já é seu, participando na fase final do torneio pela sexta vez consecutiva – e tudo começou, claro, no Euro 2004. Ontem, CR7, mais o seu parceiro de Liga saudita Rúben Neves, juntaram-se ao estágio da selecção portuguesa e Roberto Martínez terá o grupo completo pela primeira vez desde que iniciou o estágio de preparação para o Euro da Alemanha.

Ronaldo ainda não estará no jogo de hoje (17h45, RTP), no Jamor, frente à Croácia, mas a expectativa é que já tenha minutos na terça-feira, em Aveiro, frente à Irlanda, naquele que será o último jogo de preparação antes do início do Europeu, frente à República Checa. Em teoria, o plano de Martínez inclui Ronaldo, mas estará o capitão português preparado para não jogar sempre, como aconteceu no último Mundial?

"O Cristiano está a ter uns desempenhos muito consistentes no seu clube", começou por responder o técnico espanhol, assinalando as capacidades de Ronaldo como "um marcador incrível" e a sua longevidade na competição. Mas Martínez não se comprometeu, nem com a titularidade garantida, nem com a hipótese de passar pelo banco. "A sua experiência é importante para nós. Temos 23 jogadores de campo, criámos uma competitividade e o jogo toma decisões. O Cristiano está preparado para ajudar a equipa e dar tudo o que pode dar. Não há nenhum jogador no futebol mundial que dê ao balneário o que o Cristiano dá."

Muito do discurso de Martínez tem andado à volta da boa mistura entre juventude e experiência nesta selecção portuguesa. Pepe é um dos mais experientes da selecção, mas chegou lesionado ao estágio de preparação. O seleccionador apontou para que o central do FC Porto já esteja disponível para o jogo com os irlandeses, referindo a sua importância na "mistura com o talento novo, como João Neves e Francisco Conceição". Mas, acrescenta, Pepe não pode ser responsável pela estabilização do sector defensivo, que teve algumas falhas no jogo com a Finlândia.

"A nossa equipa colectivamente precisa de intensidade defensiva de quem está no relvado. Não é responsabilidade de um jogador manter essa intensidade. No futebol moderno, atacamos e defendemos com 11, fiquei contente de ter acontecido com a Finlândia [sofrer dois golos em cinco minutos], porque é um aspecto que temos de melhorar. Não podemos ter falta de foco defensivo durante o torneio", reforçou.

E os mais experientes terão condições de jogar de quatro em quatro dias durante o Euro? "A minha experiência nos torneios é que a recuperação é muito específica, estamos a acumular informação e a ajustar a tomada de decisões", referiu.

A Croácia será o adversário mais cotado que Portugal terá pela frente com o espanhol a seleccionador. O treinador reconhece que é uma selecção com estilo próprio, que fará a vida difícil ao elenco nacional. "Todos os adversários são complicados. Esta Croácia gosta de posse, tem um estilo próprio, com jogadores como Modric, Brozovic, Kovacic, e, quando não jogam estes, os outros jogam com o mesmo estilo", apontou, destacando a "estabilidade do treinador" – Zlatko Dalic ocupa o cargo desde 2017 – como um trunfo de um adversário "competitivo".

"Precisamos de melhorar as nossas ligações e a estrutura defensiva. A nível mundial, a Croácia sempre teve futebolistas incríveis e este grupo mostra muito bem o trabalho do seleccionador." Será, por isso, também, um exercício de organização e transição defensivas, procurando debelas as lacunas exibidas diante da Finlândia.

Breves

Basquetebol

Benfica volta a vencer o FC Porto e fica a um triunfo do título

O Benfica ampliou ontem para 2-0 a vantagem na final do *play-off* da Liga portuguesa de basquetebol. Pela segunda vez em poucos dias, os "encarnados" ganharam ao FC Porto, novamente no Dragão Arena (62-73), e ficam agora a um triunfo de conquistarem o campeonato. Os "azuis e brancos" até começaram melhor, chegaram a ter uma vantagem de 10 pontos e atingiram o intervalo na frente por 37-28. Mas o Benfica reagiu, passou a acertar no lançamento exterior, e à entrada do último período já tinha operado a reviravolta (50-51), para terminar com uma margem de 11 pontos. Agora, as "águias" recebem o FC Porto em Lisboa, na segunda-feira, com a possibilidade de conquistarem já o tricampeonato.

Râguebi

Selecção de *sevens* com qualificação em aberto no Europeu

A selecção portuguesa masculina de râguebi, na variante de *sevens*, manteve em aberto a qualificação para os quartos-de-final da primeira etapa do Europe Championship 2024, na Croácia, após somar uma derrota e uma vitória no Grupo B. Em Makarska, Portugal começou por perder com Itália, por 17-5, com Duarte Moreira a fazer o único ensaio dos lusos. No segundo encontro do grupo, os "lobos" "cilindraram" a Croácia por 52-0 (12-0 ao intervalo). Se hoje vencer a França, no último jogo da fase de grupos, Portugal qualifica-se automaticamente para os quartos-de-final, mas também poderá passar como um dos melhores terceiros.

Liliana Cá está a caminho de Paris com a melhor marca pessoal do ano

Augusto Bernardino

Primeiro dia dos Europeus de Roma2024 coloca três atletas portugueses nas finais do lançamento do disco e do peso

Quinta classificada em Tóquio 2020, Liliana Cá obteve, no arranque dos Europeus de atletismo de Roma2024, a qualificação para os Jogos Olímpicos no lançamento do disco, elevando para 55 o número total de atletas portugueses com presença em Paris. A lançadora conseguiu o seu melhor arremesso do ano (64,72 metros), juntando-se ao grupo que passa a ser de 11 apurados no atletismo, a par de Pedro Pichardo (triplo salto), Agate Sousa (comprimento), Pedro Buaró (salto com vara), Samuel Barata e Susana Godinho (maratona), Isaac Nader (1500 metros), João Coelho (400 metros), Auriol Dongmo (peso), Ana Cabecinha (20 quilómetros marcha) e Irina Rodrigues (disco).

Por seu lado, Irina Rodrigues garantiu a final do lançamento do disco, tendo Emanuel Sousa sido eliminado. Irina assegurou uma das 12 vagas no concurso decisivo desta noite (20h37) graças ao sétimo melhor lançamento da qualificação (terceiro do Grupo B), com 61,32m no segundo ensaio.

"É o meu sexto Europeu e a verdade é que a experiência permite-me chegar com outra confiança para conquistar esta marca", referiu. Com Portugal a marcar presença em masculinos 70 anos depois de Manuel Silva ter sido 18.º em Berna 1954, Emanuel Sousa não foi além dos 58,72 metros, distante dos 64,36 metros que detém como recorde pessoal e dos 62,07 metros necessários para chegar à final, quedando-se pelo 27.º lugar.

"Fisicamente, senti-me bem. Mas cometi erros técnicos. Foi o meu primeiro grande campeonato em seniores e senti-me nervoso", explicou Emanuel Sousa, de 25 anos.

Jessica Inchude foi nona no lançamento do peso, com um arremesso a 17,81 metros, ficando aquém dos 18,17 alcançados de manhã, que lhe valeram a qualificação. A prata da ausente Auriol Dongmo, em Munique2022, continua a ser o melhor resultado no peso.

Nos 20 quilómetros marcha, Vitória Oliveira (17.ª) foi a portuguesa mais bem classificada, à frente de Carolina Costa (23.ª) e Inês Mendes (25.ª), numa prova que coroou a italiana Antonella Palmisano (1h28m09s), campeã europeia, e Valentina Trapletti, "vice".

KAI PFAFFENBACH/REUTERS

Liliana Cá durante o concurso do disco, ontem, em Roma

Programa de hoje dos portugueses

9h05	Martelo M (qualificação)
9h10	3000m obstáculos M (eliminatórias): Etson Barros
9h40	Vara F (qualificação)
9h50	100m F (eliminatórias): Lorene Bazolo, Rosalina Santos e Arialis Gandulla
10h30	Martelo M (qualificação)
10h45	400m M (eliminatórias): Omar Elkhatib
11h20	400m F (eliminatórias): Cátia Azevedo
17h00	20km Marcha M (final)
18h50	800m M (meia-final)
19h06	Comprimento M (final): Gerson Baldé
20h02	Peso M (Final)
20h10	100m M (meia-final)
20h37	Disco F (final): Liliana Cá, Irina Rodrigues
21h28	5000m M (final)
21h53	100m M (final)

Vitória Oliveira cortou a meta 5m31s depois de Palmisano, concluindo a distância em 1h33m39s. "Podia ter conseguido um top 10", reagiu a marchadora do Benfica, no final. Carolina Costa, do Sporting, foi a segunda lusa, a 8m53s da vencedora, e Inês Mendes a terceira, a 9m15s da italiana.

Belo na final do peso

Sortes distintas tiveram Francisco Belo (20,18m), que foi oitavo na qualificação do lançamento do peso e garantiu vaga na final, e Tsanko Arnaudov (19,42m), apenas 15.º.

Carlos Nascimento, com 10,35s (melhor marca pessoal do ano), qualificou-se para as meias-finais dos 100 metros. O atleta do Sporting terminou com o 13.º tempo das eliminatórias, em igualdade com William Reais e Jan Volko. O velocista volta hoje à pista (20h10) para definir os oito mais rápidos para a corrida final (21h53).

Nos 5000 metros, Mariana Machado desistiu aos 3600 metros, quando seguia no 8.º lugar, depois de ter andado na segunda posição da prova vencida pela italiana Nadia Battocletti, com 14m35,29s.

Alcaraz sofreu, divertiu-se e está na final de Roland Garros

Pedro Keul

Ano e meio depois de entrar na história do ténis mundial como o mais jovem número um do ranking, Carlos Alcaraz registou mais um recorde de precocidade ao tornar-se, aos 21 anos, o mais jovem tenista (masculino) a disputar finais do Grand Slam nos três pisos: *hardcourts*, relva e terra batida. Contudo, só depois de triunfar no US Open (2022) e em Wimbledon (2023) é que o espanhol irá ter a possibilidade de disputar a final de Roland Garros e cumprir a profecia que há muito apontava Alcaraz como sucessor do compatriota Rafael Nadal sobre o pó de tijolo parisiense. Ao contrário do que se passou em 2023, o tenista de El Palmar soube lidar com a pressão para vencer o rival Jannik Sinner, numa intensa batalha que superou as quatro horas. E vai agora realizar um sonho de criança.

"Lembro-me de vir da escola para casa, a correr, para ligar a TV e ver os jogos de Roland Garros. Sempre quis colocar o meu nome na lista de jogadores espanhóis que ganharam este torneio. Não apenas Rafa, mas também Ferrero, Moyá, Costa...", contou Alcaraz, após bater Sinner, por 2-6, 6-3, 3-6, 6-4 e 6-3. Ao estrear-se em finais no Grand Slam francês, o actual número três do ranking ultrapassou Andre Agassi, Bjorn Borg, Nadal e Jim Courier, que também disputaram finais de *majors* nas três diferentes superfícies, já depois dos 22 anos.

"Sempre quis ser um dos melhores do mundo e para sê-lo tinha de ser bom em todos os pisos, como Roger, Novak, Rafa e Murray. Considero-me um jogador que adapta muito bem o seu estilo em cada superfície."

Carlos Alcaraz afastou Jannik Sinner nas meias-finais

A mais jovem meia-final do Grand Slam desde que Andy Murray (com 21 anos) derrotou Rafael Nadal (22 anos) no US Open de 2008 teve muitos momentos de tensão, ao ponto de ambos terem sofrido de cãibras, no início do terceiro *set*. Alcaraz recordou-se da meia-final do ano passado, com Novak Djokovic, em que cedeu à importância do momento. "Temos de lutar, sofrer e gostar de sofrer. Essa é a chave", frisou o sexto espanhol neste século a qualificar-se para a final. Mas Alcaraz quer repetir os feitos dos compatriotas Manolo Santana, Anders Gimeno, Sergi Bruguera, Carlos Moyá, Albert Costa, Juan Carlos Ferrero e Rafael Nadal, que ergueram a Taça dos Mosqueteiros. Para já, vai cumprir o sonho de criança e jogar a final de Roland Garros, com Alexander Zverev (4.º).

Na quarta meia-final que disputou em Roland Garros, o alemão logrou finalmente alcançar a final, ao derrotar, por 2-6, 6-2, 6-4 e 6-2, o norueguês Casper Ruud (7.º), diminuído por um problema estomacal. "O primeiro *set* foi muito rápido e eu sabia que tinha de ser muito mais agressivo. No terceiro *set*, vi-o a mexer-se mais devagar, mas as excelentes pancadas continuavam lá", disse Zverev, ainda no *court* Philippe Chatrier.

Hoje (14 horas em Portugal), realiza-se a final feminina, entre a detentora do título, Iga Swiatek (1.ª), e a estreante em finais de *majors* Jasmine Paolini (12.ª) – que também irá disputar, amanhã, a final de pares femininos.

BARTOON LUÍS AFONSO

Pinho e Salgado condenados? Circulem, não há nada para ver

O respeitinho não é bonito

João Miguel Tavares

A notícia apareceu em todo o lado; a reflexão sobre a notícia apareceu em quase lado nenhum. "Manuel Pinho condenado a dez anos de prisão por ter sido corrompido quando era governante", titulava o PÚBLICO em chamada da primeira página desta sexta-feira. Mas no espaço de opinião não havia nada sobre o assunto, excepto uma breve referência no final do editorial.

No *Diário de Notícias* e no *Jornal de Notícias*, contei, além dos dois editoriais, dez artigos de opinião nas edições de sexta-feira. Não encontrei qualquer análise à condenação de Pinho e Salgado, excepto umas poucas linhas num artigo de Ana Drago cujo título era "O Ministério Público nunca desperdiça uma campanha eleitoral." O texto concluía com esta frase: "O Ministério Público é hoje um grave problema do regime democrático."

ANTÓNIO PEDRO SANTOS/LUSA

Também não havia nada no *Expresso* e no *Sol*, além da notícia propriamente dita, mas os semanários podem sempre desculpar-se de que, quando souberam da condenação, as suas edições estavam quase fechadas. Já os jornais digitais, como o Observador ou o Eco, estão sempre abertos, e até à hora em que acabei de escrever este artigo não tinha surgido qualquer reflexão sobre o tema.

Salva-se, como de costume, Eduardo Dâmaso, no *Correio da Manhã*, onde faz o favor de explicar o óbvio ululante: "A condenação de Manuel Pinho tem uma dimensão histórica incontornável." Ninguém o diria ao ler as páginas de opinião da comunicação social portuguesa. Mas tem mesmo. Aliás, o PÚBLICO explica porquê no segundo parágrafo da sua notícia: "É a primeira vez que um antigo ministro é condenado em julgamento por corrupção no âmbito do exercício das suas funções governativas."

> **É como se fosse uma notícia como outra qualquer. Há tanto a acontecer. O caso das gémeas. A campanha. O agravamento das condições meteorológicas...**

E, no entanto, é como se fosse uma notícia como outra qualquer. Há tanto a acontecer. O caso das gémeas. A campanha para as europeias. O agravamento das condições meteorológicas no fim-de-semana com a possibilidade de queda de granizo. Sim, é verdade, em 881 anos de História de Portugal nunca um ministro foi condenado por receber mensalmente um generoso estipêndio de uma entidade privada. Mas como dizem os anglo-saxónicos, "*old news is no news*", e a práxis portuguesa é conhecida: antes de haver uma condenação é inaceitável criticar a pessoa por causa da presunção de inocência – e nós somos gente séria –; após a condenação é indelicado criticá-la porque caiu e não se bate em quem está no chão – e nós somos gente educada.

Aliás, como exemplarmente resumiu Francisco Proença de Carvalho, advogado de Ricardo Salgado: "Este tribunal condenou alguém que já não existe." Salgado é apenas um velhinho com Alzheimer. E Pinho é apenas uma vítima – palavras do seu advogado – dos "preconceitos com que se abordam estes assuntos". Ricardo Sá Fernandes espera agora vir a ter mais "sorte" (*sic*) na Relação. Convém recordar que o seu cliente nunca negou ter recebido 15 mil euros por mês do GES durante todo o tempo em que foi ministro da Economia. Vai mesmo precisar de muita sorte.

Em 2005, o filósofo José Gil lançou *Portugal – O Medo de Existir*, que logo se transformou num enorme sucesso de vendas. Foi aí que cunhou o conceito de "não-inscrição". A tese de Gil era a de que Portugal tinha um excesso de leveza a lidar com as coisas. Passamos a vida a encolher os ombros, e nada do que acontece parece "irremediável" ou ter "realmente importância". "Tudo entra na impunidade do tempo", escreveu ele. Tudo fica limpo após a primeira tempestade.

Se hoje sair, não se esqueça do guarda-chuva.

Colunista

jmtavares@outlook.com